

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ARIEL OLIVEIRA FIALHO

NARRATIVAS DA SUPERFÍCIE

A constituição política do corpo e da subjetividade no cotidiano entre abjeção, performatividade e contrassexualidade

São Cristóvão–SE
Agosto/2026

ARIEL OLIVEIRA FIALHO

NARRATIVAS DA SUPERFÍCIE:

A constituição política do corpo e da subjetividade no cotidiano entre abjeção, performatividade e contrassexualidade

Dissertação apresentada como requisito à defesa no mestrado em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe sob orientação da Profa. Dra. Sandra Oliveira.

São Cristóvão–SE

Agosto/2026

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SIBIUFS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Fialho, Ariel Oliveira
F438n Narrativas da superfície : a constituição política do corpo e da subjetividade no cotidiano entre abjeção, performatividade e contrasexualidade / Ariel Oliveira Fialho; orientadora Sandra Oliveira. – São Cristóvão, SE, 2026.
116 f.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Sergipe, 2026.

1. Psicologia. 2. Corpo humano – Aspectos simbólicos. 3. Imagem corporal. 4. Identidade de gênero. 5. Sexo (Psicologia) I. Oliveira, Sandra, orient. II. Título.

CDU159.922.1

ARIEL OLIVEIRA FIALHO

NARRATIVAS DA SUPERFÍCIE:

A constituição política do corpo e da subjetividade no cotidiano entre abjeção, performatividade e contrassexualidade

Dissertação apresentada como requisito à defesa no mestrado em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe.

Aprovada em: ___/____/_____.

BANCA EXAMINADORA

_____

Profa. Dra. Sandra Raquel Santos de Oliveira (Orientadora)

_____

Profa. Dra. Débora Augusto Franco (UERJ)

_____

Prof. Dr. Leomir Cardoso Hilário (Co orientador)

_____

Prof. Dr. Marcelo, de Almeida Ferreri (PPGPSI/UFS)

RESUMO

Na contramão de uma definição biológica e individual de corpo, este trabalho busca pensar sua composição política e coletiva. A pele é concebida como campo de disputa: não como fim e fronteira que encerra o corpo e o isola, mas como superfície pela qual nos conectamos com o mundo, nos inscrevemos na história e nos fundamos com o outro. O trabalho objetiva destrinchar como relações de poder produzem nossos corpos, moldando a forma como experienciamos a vida, nossas subjetividades, identidades, sexualidades, desejos e tatear possibilidades de deslocamento que podem nos servir para resistir às forças hegemônicas. Para tanto, recorro a fragmentos narrativos de experiências próprias, para expor que, mesmo o que nos é íntimo, é construído coletivamente. As narrativas serão a ferramenta pela qual as teorias e os conceitos como o abjeto, em Julia Kristeva e Judith Butler; a performatividade, em Butler; o veredito, em Didier Eribon; as máquinas desejantes e os objetos parciais, em Deleuze e Guattari; e a contrassexualidade, o dildo e a prótese, em Paul B. Preciado serão apresentados e irão operar. Ao acompanhar processos de abjeção, repetição, violência, resistência, corte, conexão e acoplamento, não procuro estabelecer uma verdade sobre o corpo, mas tensionar suas ficções, desnaturalizar seus contornos, expor suas costuras e abrir a possibilidade para novas corporeidades, mundos e afetos.

Palavras-chave: Corpo; Abjeto; Performatividade; Contrassexualidade; Narrativa.

SUMÁRIO

RESUMO 4
SUMÁRIO 5
1 TATEANDO RELEVOS 6
1.1 Das texturas que me constituem e dos veios que encontrei 6
1.2 Das goivas que se encontra 15
1.3 Do fio necessário para produzir sulcos 20
1.4 Da escrita que seu toque irá percorrer 34
2 DO MONSTRO QUE ME APAVORA 40
3 CORPO SOB SENTENÇA: É MENINO! 58
4 MAQUINAÇÕES CONTRASSEXUAIS 87
CONSIDERAÇÕES FINAIS 108
REFERÊNCIAS 113

1 TATEANDO RELEVOS

> Se o leitor percebe no presente texto uma série de reflexões filosóficas, relatos de aplicações de hormônios e detalhamentos de práticas sexuais, sem as devidas soluções que a continuidade fornece, é simplesmente porque é deste modo que se constrói e desconstrói a subjetividade. (Preciado)[1]

1.1 Das texturas que me constituem e dos veios que encontrei

Este trabalho[2] só se tornou possível graças a um preparo, um preparo de corpo. Tive que, nos anos antes da minha entrada oficial na pós-graduação em psicologia, voltar a atenção para meu corpo; olhar mais diretamente para suas feridas; analisar em que estágio estão seus processos de cura e/ou de cicatrização; testar seus limites, até onde ele vai antes de começar a sofrer e/ou a adoecer; verificar seu desejo, onde quer estar, com quem, de que forma. A entrada no mestrado foi calculada, pensada e até estratégica, mas, infelizmente, isso não significa que seria uma experiência fácil (Quem me dera!). Foi extremamente difícil, apesar de prazerosa e de empolgante em alguns momentos, e eu sei que se trata de uma experiência importante na minha vida.

Todo esse preparo foi imprescindível. Foi o movimento mais lúcido e saudável que fiz em minha vida (creio que um dos únicos), pois este corpo precisava estar fortalecido o suficiente para que o veneno que eu iria tomar não me adoecesse de novo, para que, junto ao estrago que ele iria produzir, eu estivesse alinhado a práticas e processos de cuidado, já que a academia, depois da graduação, era o lugar que eu queria manter distância, não era algo que eu desejava. O veneno administrado na instituição, de pouco a pouco, produziu muitas marcas. Adoeci ao longo dos anos, e a minha escrita junto. Lembro de chegar ao primeiro período da graduação

---

[1] 2018, p. 14.

[2] Para preservar a imersão nas discussões e narrativas, optei por utilizar das notas de rodapé de uma forma que evitasse que a leitura fosse constantemente interrompida por informações como nomes, anos e páginas. A formatação que em alguns momentos pode não seguir as normas da ABNT, é para fim estilístico, pensada para intensificar a imersão ou provocar efeitos específicos no leitor, como acontece com o uso de trechos musicais em determinadas passagens.

escrevendo cinco, seis páginas de resposta nas questões da prova de antropologia em poucas horas e, no fim do curso, a sofrer por meses para escrever um parágrafo.

Como se pode imaginar, o trabalho de conclusão de curso (TCC), que era individual, se tornou a grande barreira a ser vencida para que eu conseguisse o diploma. No quinto ano, não consegui, nada saiu. No sexto, adoeci a tal ponto que tranquei o curso, não conseguia sair de casa nem para ir para terapia. Precisava me afastar da academia e da psicologia. Fui trabalhar como garçom, caixa, auxiliar de cozinha e chapeiro. No sétimo ano, já de volta, eu atuei como monitor de Psicologia Social II na graduação, assim me aproximei da professora responsável pela disciplina, Ana Cabral. Sua maneira de discutir a psicologia de forma intrinsecamente política e em diálogo com as artes e, principalmente, com a escrita literária me encantou. Em uma de suas aulas, ela propôs uma atividade que me marcou muito e que diz um tanto desse veneno sobre o qual eu falo aqui.

Nós saímos da sala de aula com a turma para nos sentarmos em roda em uma das áreas comuns da Universidade Federal Fluminense, lá a professora dispôs no meio da roda vários materiais que continham estilos diferentes de escrita: uma bula de medicamento, um livro literário, um livro infantil, um poema, um artigo científico de psicologia e uma música. Ela pediu aos alunos do quinto período que pegassem um dos materiais à frente, e então pediu para que cada aluno começasse a ler, em voz alta, o que estava em mãos, solicitou que o fizessem de uma maneira nada convencional, que inventasse um modo diferente. Assim começou: um após o outro, inventaram inúmeras formas de ler aqueles textos. Brincavam; oscilavam entre voz grossa e fina; experimentavam ler de forma triste, assustada, com raiva; projetavam a voz e sussurravam. Estávamos entretidos e rindo, até que chegou a vez da aluna com a bula de remédio, a que pensávamos ser a leitura mais difícil, mas ela começou a ler em tom de deboche, brincava com as repetições das informações e transformava afirmações em perguntas bem irônicas, o que fez muitos gargalharem.

O último texto, provavelmente escolhido de forma intencional pela professora, foi o artigo científico de psicologia. O gelo já estava quebrado, as pessoas estavam rindo, e muitas já haviam tido sua vez, as possibilidades de inspiração eram várias, mas não importou. O aluno endureceu, começou a ler o artigo da maneira mais séria possível, em um só tom, seu corpo enrijeceu. Brincar e inventar não parecia ser

possível. Percebemos que todos nós líamos os artigos daquela forma, encarávamos tudo ali como a mais pura verdade e que qualquer brincadeira poderia deturpá-la; entendíamos que os afetos e a ciência não poderiam andar juntos.

A partir daí, repensar a escrita surgiu como a possibilidade de eu me salvar[3] e de conseguir me formar.

Nessa experiência de monitoria, pude trazer as referências mais importantes para mim e trabalhá-las de formas não convencionais, por meio de imagens, de desenhos, de músicas, de poemas. Depois disso, procurei Ana Cabral para me orientar na monografia. Ela não conhecia amplamente o tema que eu pretendia discutir, sabia algumas referências apenas por nome ou pela leitura de um texto ou outro, porém isso não me importava, pois ela sabia pensar a escrita, ela questionava como escrevemos e como lemos os textos, e eu não sabia pensar a escrita, não sabia produzir questões, precisava dela. Eu e Ana poderíamos andar juntos.

Consegui, ela deu as ferramentas que precisava para minha salvação[4]. No entanto, a coisa não saiu de impossível para fácil, nem de doloroso para prazeroso. Lutei, li e reli os livros com os quais queria trabalhar com outro propósito, não era mais para entender a ideia, sim para observar como a escrita acontecia, como se apropriaram e se utilizavam dela para dizer o que queriam dizer. Perguntava a mim mesmo: como Preciado escreve assim? Como ele me rasga?

Com extrema dificuldade, a escrita só surgiu após meu retorno para Minas Gerais, para casa de minha mãe com minha amiga Alice. Na casa da minha mãe, pude passar um tempo sem ajudar a cozinhar ou a arrumar a casa. Essas tarefas continuavam a ser feitas por ela e pela diarista que ela pagava. A possibilidade de me dedicar àquela maratona de escrita dependia também do trabalho dessas duas mulheres e das condições que minha mãe tinha de pagar por parte dele. Enquanto eu me ocupava quase só do TCC, eram elas que sustentavam essa possibilidade no dia a dia.

---

[3] Aqui eu uso esse termo mais como uma referência a Edouard Louis, que costuma usar esse termo em seus livros quando algo tinha o caráter de retirá-lo do caminho destinado pela estrutura familiar e realidade imposta pela sua classe social.

[4] Idem.

Foram duas semanas muito intensas, de leitura, de escritas atravessando a madrugada. Foi no meio dessa tensão toda, do cansaço e do sofrimento, que me deparei com a excitação pela escrita. Estabeleci uma relação de provocação com os livros, quase que debochavam de mim e demandavam resposta para aquelas questões. Era fascinante refletir como tais pensamentos e conceitos funcionam ao questionar as minhas experiências. Nesse cenário, conseguia entrar em um ritmo que as palavras só pediam passagem aos meus dedos. Depois de entrar em contato com essas sensações, percebi que não poderia escrever sem elas.

Minha amiga desistiu do seu trabalho no meio do processo, não conseguiu fazê-lo. Não tínhamos quase nenhum conhecimento da dimensão coletiva do nosso adoecimento, vimos, aos montes, nossos colegas engordarem ou emagrecerem muito ao longo dos anos. As pessoas sumiam, trancavam o curso[5], passavam a se medicar, mas não se falava sobre isso, todos adoeciam de forma solitária. Sendo assim, a sensação de fracasso individual era inevitável. Com Alice não foi diferente, mas mesmo com a sensação do fracasso pessoal, ela não desistiu do meu trabalho, ela continuou me acompanhando e me incentivando, embarcando na excitação que eu estava sentindo.

Contar nossas histórias é sempre inserir em conto nossas companhias.

O trabalho saiu, a banca aceitou receber o trabalho no dia 20 de dezembro, após todos os prazos para fazer seus pareceres e dar a nota até o fim do ano. Depois disso, não quis mais saber da academia. A corrosão que o veneno da academia produziu, eu a experiencio até hoje. Esse TCC não me curou, longe disso, mas foi e é o vislumbre de esperança e de prazer na escrita que guardo comigo.

Anos se passaram, estudei para concursos nas áreas de saúde pública e educação pública, a pandemia frustrou tal plano, me mudei, atravessei mais de 2000km para inventar uma vida. Trabalhei algum tempo com psicoterapia individual, aqui identificação e estranhamento me acompanharam e se revezavam. Até que

[5] A evasão da minha turma na graduação, em específico, chegou perto dos 50%.

conheci um menino que me perguntou sobre meu TCC, se identificou com a escrita e contou da sua experiência no mestrado na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e disse que tinha lugar para essa escrita na linha 1[6].

A partir daí, iniciei um processo de aproximação dessa linha a que pertenço. Não era uma relação qualquer, passei a chamar de namoro, que iria namorar o mestrado primeiro para depois, talvez, pôr no papel. Comecei em doses homeopáticas, me aproximando das pessoas e observando como funcionava, que tipo de trabalhos estavam produzindo, quais eram as posturas e orientações de seus professores. Depois disso, passei a frequentar um grupo de estudos, fui ouvinte em uma aula, acompanhei amigos nos seus processos de escrita e de orientação e, depois disso tudo, comecei a considerar a minha entrada no mestrado de fato.

Esse namoro durou um ano e meio. Precisava me certificar que poderia ocupar esse espaço de outro lugar, que poderia estar aqui com excitação e rigor, não seriedade e rigidez; que poderia brincar, especialmente com as palavras e os conceitos, inventar outra forma de abordá-los e compor com eles; testar minhas feridas, verificar como elas reagiam, se estavam sensíveis demais, se abriram com um simples toque; se conseguiria enfrentar este desafio sem condenar meu corpo.

Criamos critérios e procedimentos de cuidado: podemos pisar com cautela, verificar o chão antes de apoiar nosso peso, averiguar o terreno. Esse cuidado não elimina os riscos, mas participa das condições que construímos para ocupar esse espaço e sustentar o trabalho.

Para que essa escrita acontecesse, para que ela tivesse espaço, foi fundamental, desde o começo, a companhia de Leomir Hilário como orientador[7], que não só permitiu que uma escrita diferente pudesse existir, mas também incentivou que eu tivesse uma relação próxima e cotidiana com essa prática, para que pudesse tanto encontrar ou construir meu estilo, quanto entender, cada vez mais, o que preciso para torná-lo possível. Conversamos sobre rituais de escrita, me apresentou nomes importantíssimos para me inspirar e compreender melhor o que estava querendo

[6] A pós-graduação em psicologia na UFS contém quatro linhas, sendo que a 1 é a linha de Processos de Subjetivação e Política.
[7] Estranhamente, o papel de orientador, realizado de fato nestes mais de dois anos de mestrado, não foi oficializado, apesar das reiteradas solicitações.

fazer, de que forma e qual impacto gostaria de produzir. Recomendações, ideias e sugestões cujo valor eu gostaria de ter sido capaz de reconhecer e aproveitar desde o início, além do que de fato consegui.

Companhia essa que foi se estreitando ao longo do tempo. Suas disciplinas foram as que mais me impactaram e criaram em mim uma apropriação muito mais profunda e robusta de alguns autores como Foucault, justamente por apresentá-lo na perspectiva de outros autores, como Deleuze, Antonio Negri, Mbembe, e por apresentar os diálogos e atritos de Foucault com os marxismos e seu uso feito pelos neoliberais. Adquiri com ele os instrumentos necessários para que acessasse o debate racial, o que já era um desejo, só não sabia por onde começar ou como atendê-lo, e entendi o quão central e incontornável é essa questão para se pensar a sociedade.

Algo bem característico de Leomir é a forma ácida (facilmente vista como pessimista) como ele posiciona a sua visão de mundo e estabelece sua crítica a autores, a certas práticas, a sociedade no geral e traz o cotidiano, o que vivemos no dia a dia para pensar as questões e os conceitos. Esse “pessimismo” me deu chão, uma confiança para caminhar nesse terreno; paradoxalmente, me deu esperança de que algo podia ser feito, dito ou escrito neste espaço que não fosse esses discursos fofos, floridos e excessivamente otimistas como se a guerra fosse uma escolha, pois tais discursos não dizem sobre a experiência vivida por mim e pelos meus.

Entre todas as experiências proporcionadas pela pós-graduação, o estágio docência certamente se destacou como uma das mais instigantes, desafiadoras e construtivas. Duas disciplinas foram divididas em quatro momentos de cinco/seis aulas cada, distribuídos entre os participantes do estágio. Cada mestrando assumiu a condução de um desses momentos, enquanto o professor titular, Leomir Hilário, ficou responsável pelas aulas iniciais. Uma disciplina foi Introdução à Psicologia Social para o curso de Ciências Sociais e a outra foi Introdução à Psicologia da Aprendizagem para alunos de licenciatura, em maioria de Filosofia e Matemática.

Desde o início, o professor nos convidou a participar ativamente da construção da disciplina, abrindo espaço para que pensássemos coletivamente sua ementa, bibliografia e formas de avaliação. Além disso, incentivou-nos a estabelecer diálogos

entre os conteúdos da disciplina, nossas pesquisas e os autores e seus conceitos que mobilizamos em nossas trajetórias acadêmicas. Com isso, fomos desafiados em diferentes frentes: conduzir aulas de forma autônoma, planejar a estrutura dos encontros, decidir em qual forma de avaliação iríamos apostar, articular nossos interesses de pesquisa aos objetivos da disciplina.

Também fomos desafiados naquela que considero a frente mais difícil: exercitar a didática em um nível para que esses graduandos de cursos tão diferentes pudessem acessar esse conteúdo que, de alguma forma ou de outra, era a base do que estávamos pensando em nossa dissertação. Nesse sentido, esse exercício tem seus efeitos presentes aqui na escrita, na qual foi mais importante para mim do que nomear e descrever os conceitos, foi tornar acessível a lógica, a forma de pensar tais conceitos, para que se possa partilhar do seu uso e de seus efeitos no cotidiano. Provavelmente, um leitor que não conheça os conceitos trabalhados aqui não sairá com as definições na ponta da língua, mas espero que consiga questionar a si mesmo, suas práticas e o que compõe seu cotidiano.

A influência das aulas de Leomir afetou diretamente como abordei os assuntos, as teorias e os conceitos em sala de aula. Minha aposta foi pensar de que forma os autores que eu apresentava elaboravam perguntas e questões que dizem de como nos construímos, nos constituímos e o efeito que seus conceitos poderiam ter no nosso cotidiano, em nossos relacionamos, em nossos posicionamentos e em como olhamos para o outro.

Um dos momentos que mais me surpreenderam ocorreu na disciplina de Introdução à Psicologia da Aprendizagem, os alunos que mais interagiram foram os do curso de Matemática, e não os de Filosofia, mesmo que a maioria das referências que trouxe fosse filosófica. Eles aproveitavam muito a aula mais aberta, os convites que eu fazia para falarem, tirarem dúvidas, compartilharem suas visões. Tinham muito pouco contato com o que estava sendo apresentado, mas essa abertura deles possibilitou um aprofundamento grande durante as aulas.

Utilizei-me da estratégia de Leomir de pedir para falarem o que eles entendiam dos termos mais básicos da disciplina e compunha um entendimento com eles,

questionava certas visões, historicizava certas noções vistas como simples fatos da realidade. O que propiciou uma aproximação interessante com alguns alunos.

Eu percebi que uma das aulas em específico não foi acessível a eles, não conseguiram interagir muito, o conceito apresentado ficou muito alheio a eles, não se conectou com suas vivências. Senti-me muito mal, fiquei triste em um primeiro momento, mas, em um segundo, olhei como um desafio, sentei-me de frente com a teoria e me perguntei como posso olhar para essas questões de um outro lugar, acessá-las em outro nível. Funcionou. A aula seguinte foi muito melhor, consegui rever o que tinha apresentado de outra forma e os alunos interagiram muito mais. Percebi que estava me apropriando da teoria de uma forma inédita a partir desses encontros. Tais efeitos permeiam este trabalho.

Outro espaço fundamental no percurso do mestrado foi o grupo de orientação coletiva, composto por Leomir e alguns de seus orientandos. As trocas ultrapassavam as reuniões: compartilhávamos leituras, escritas, dúvidas e sufocos da pesquisa, tornando a experiência acadêmica menos solitária. O grupo funcionou quinzenalmente, com o texto de um aluno e uma referência pertinente à sua pesquisa em cada encontro. Tal espaço nos formou como pesquisadores. Não foi um simples espaço para aprender a escrever ou a pesquisar, mas também para questionar, analisar, apreciar. De ler devagar, junto, procurando problemas e potências; ler sem destruir o texto, para fazer crescer. Crítica e cuidado não eram opostos e nem se separavam.

O professor não ocupava o espaço de ditar o que deve ser feito, ele apontava para as escolhas a serem feitas, as consequências de cada escolha, orientava como se defender dos possíveis efeitos negativos da aposta de cada um. Cada pessoa lia o trabalho em questão com preocupações e curiosidades diferentes. Propiciando uma abertura para que cada um viesse a agregar de forma distinta: um, com a estrutura, outro, com a ideia, outro, com o entendimento do desejo do autor etc.

Foi um laboratório de produção de pensamento no sentido de que nos deixava fervilhando de ideias, havia um trabalho constante, produzia efeitos em cada um de nós e consequentemente em nossa pesquisa e escrita. Escancarou como a produção de conhecimento é sempre coletiva, que o pensamento não é individual, mas se dá

no entre, nos encontros e como isso é potencializado quando acontece com presença, construindo relações, reverberações, afetos e sentido.

Fora desse grupo que se formou, em várias bancas de qualificação e de defesa, presenciei muitos supostos aliados atacarem, ferirem, humilharem ou diminuírem os que estavam ao seu lado nessa grande disputa de forças existente na academia; seja por ego, desespero ou até com as melhores das intenções, nos tons mais amigáveis possíveis. Impressionante o quão violenta pode ser uma fala em tom suave, acompanhada de um sorriso e até de alguns elogios.

Ao narrar esse percurso, quis dar enfoque aos espaços construídos coletivamente e às companhias que tornaram este trabalho possível. Foram estes encontros que abriram uma fresta no meio acadêmico para que algo diferente pudesse brotar e se desenvolver: a orientação não oficializada, o estágio de docência articulado de forma horizontal e o grupo que apoiou, provocou e fez crescer nossas pesquisas.

Apesar dessa sustentação, acabei depositando mais atenção na qualificação que viria, na banca que seria composta e nas expectativas em torno desse momento instituído pelos programas de pós-graduação como parte do percurso para a obtenção do título de mestre ou doutor. Dei aquele rito uma importância que, retrospectivamente, percebo ter sido desproporcional aquilo que já vinha sendo construído. Esperei dele uma espécie de chancela para um trabalho que já encontrava sustentação nos espaços coletivos que o haviam acompanhado e feito crescer.

Retomar essas experiências me permite questionar as formas pelas quais aprendemos a reconhecer, a validar e a legitimar o conhecimento. A importância que atribuí àquela chancela também diz dos modos pelos quais aprendemos a reconhecer determinados espaços como autorizados a conferir valor ao que produzimos. Ao mesmo tempo, a orientação, a docência e as leituras compartilhadas me permitiram perceber que esse reconhecimento também se construía ao longo do percurso, nos encontros que faziam o pensamento e a escrita crescerem.

Talvez seja justamente entre essas forças que esta dissertação tenha se tornado possível. Não como algo que escapou completamente às formas acadêmicas que a produziram, mas como uma tentativa de criar, dentro delas, outras maneiras de escrever, de pesquisar, de pensar e de produzir conhecimento. Se narro aqui os

modos pelos quais aprendi a reconhecer determinadas formas de validação, narro também os encontros que me permitiram estranhá-las. Entre os ritos que conferem legitimidade e as frestas que permitem inventar outras possibilidades, foi se fazendo esta pesquisa.

1.2 Das goivas que se encontra

Ao me propor pensar o corpo, a cisão mais urgente a ser feita é com a ideia de um corpo biológico. Esse que é quase inteiramente determinado por uma genética, uma unidade um tanto abstrata composta de células, órgãos e bactérias(?)[8], que estabelece um "dentro" e um "fora" se utilizando da superfície da pele como limiar. Algo que se confunde com um eu, talvez seja a própria materialidade do indivíduo. Afinal, "por que nossos corpos devem terminar na pele?"[9]

Questionando essa divisão entre o corpo e o mundo, podemos nos fazer várias perguntas: ao retirar um rim, este órgão ainda faz parte deste corpo ou não? E se esse rim passa a compor outra pessoa por um transplante, como fica o corpo primeiro e o do outro? Como se dá a constituição dos seres vivos? Eu sou um ser vivo, você é um ser vivo, as bactérias em nossos intestinos são seres vivos, mas não vivemos sem elas. Elas são meu corpo ou um corpo outro que vive em mim?

Discutindo sobre como se estabelece essa divisão entre dentro/fora, eu/outro, interno/externo, Butler[10] compara o funcionamento de tais divisões com a função excretora desse organismo, pela mesma lógica que o indivíduo se separa do outro, o corpo se separa do mundo e as fezes se separam de nós, em uma luta por estabilidade e coerência dessas dicotomias.

Para que os mundos interno e externo permaneçam completamente distintos, toda a superfície do corpo teria que alcançar uma impermeabilidade impossível. Essa vedação de suas superfícies constituiria a fronteira sem suturas do sujeito; mas "esse

[8] Com também fungos, protozoários, vírus e mesmo assim se concebe enquanto unidade?
[9] Rose, 2001, p. 4.
[10] 2015.

enclave seria invariavelmente explodido pela própria imundície excrementícia que ele teme".[11]

A imagem da sutura é interessante por ser ela que marca a conexão e/ou desconexão, o rastro que denuncia uma operação, que algo ali mudou. Algo foi amputado, retirado, substituído, emendado ou acoplado; ferida que pode abrir, descosturar, infeccionar. Sendo que uma fronteira sem suturas é essa que marca, delimita, estabelece e cria algo, mas com a pretensão de não deixar rastros. Nessa operação, o sujeito, o indivíduo, o eu, o corpo que acaba na pele, se estabelecem enquanto naturais e pré-históricos/culturais.

Para que tais fronteiras sejam experienciadas enquanto sólidas, dadas, naturais, é preciso uma atuação constante desse discurso produzido pelo processo de individualização. A cisão que tais dicotomias operam não é da dimensão de um simples acontecimento que se deu em algum instante específico. Tal corpo individualizado só existe enquanto se opera essa separação. O enclave invariavelmente explodido é exatamente este: o organismo não pode parar de defecar, o indivíduo como experiência de um sujeito não pode parar de se separar. Em conformidade com essa perspectiva, Rose[12] sugere que:

> […] abandonemos, pois, esse "carnalismo" do corpo de uma vez por todas. O corpo é muito menos unificado, muito menos "material" do que costumamos pensar. É possível, pois, que não exista essa coisa de "o corpo": um envelope limitado que pode ser revelado para conter no seu interior uma profundidade e um conjunto de operações que funcionem à maneira de uma lei. Deveríamos estar preocupados não com corpos, mas com as ligações estabelecidas entre superfícies, forças e energias particulares.[13]

Desse modo, para fazer durar a proposta de abandonar o "carnalismo" e compor com outras concepções de corpo, recorro a Foucault em *A Genealogia e a História*, em que ele traz o corpo como "superfície de inscrição dos acontecimentos"[14]. Para ressaltar sua composição múltipla, Foucault indica que uma "unidade substancial" só é possível de ser pensada como mosaico ou quimera. Ao contrário do

[11] Butler, 2015, p. 231.
[12] 2001.
[13] Rose, 2001, p. 19.
[14] Foucault, 1982, p.15.

corpo biológico em que o indivíduo chega a apresentar uma materialidade, ele apresenta o corpo como “lugar de dissociação do Eu”[15]. Nesse formato, se rejeita as dicotomias de dentro/fora, interior/exterior, já que numa superfície não cabem certas características de profundidade/interioridade, e sim de prolongamento, revestimento, texturas, marcações e inscrições.

Passo a vislumbrar a partir daí uma pesquisa sobre o corpo que seja composta de uma escrita baseada em narrativas de experiências vividas por mim. Na perspectiva de narrar processos de como meu corpo foi formado, inscrito ao longo dos anos. Exercitando, de uma certa forma, essa “dissociação do Eu” ao escrutinar os processos e as forças que atuaram em meu corpo, me compondo. Narrativas que possam reivindicar um íntimo que foi enclausurado, em quatro paredes, em uma interioridade, em um “Eu”, que foi despolitizado, individualizado e tornado privado.

Narrar superfícies seria, assim, apresentar um corpo, expor suas rugas, relevos e cicatrizes. Marcas que evidenciam que o que se existe é efeito de inúmeros processos, e não algo natural. As teorias e os conceitos serão utilizados como ferramentas, tal como uma goiva que corta e abre sulcos na madeira, essas ferramentas vão tanto preparar a superfície dessa escrita quanto instrumentalizá-la para produzir marcas em quem lê.

Para pensar sobre a escrita de si, da biografia e da autobiografia, Eribon questiona quando o “eu” surge; se a história de uma pessoa começa no seu nascimento. Como ele argumenta, “casos individuais nunca são casos individuais”[16], pertencem a uma classe, a uma geografia, a uma história. São atravessados por normas de gênero, regimes de sexualidade e racialidade e sofrem intervenções de instituições específicas. Assim, narrar a si é narrar um conjunto de formações coletivas e políticas, o que nos dá a possibilidade de questionar os caminhos que nos foi estabelecido.

Se as narrativas de si são inseparáveis do meio histórico/político/cultural que fornecem as condições de possibilidade de sua existência, é importante demarcar que esse processo nunca se encerra. O termo subjetivação, ao contrário de subjetividade,

[15] Foucault, 1982, p.15.
[16] Eribon, 2025, pg. 43.

nos ajuda a ter a dimensão de que essa nossa composição é constante, não é um estado acabado, mas um campo de disputas, no qual múltiplas forças intervêm e guiam o que podemos desejar, imaginar ou criar. Somos constituídos por instituições, discursos e normas, além de continuamente convocados a produzir modos de existir. É nesse sentido que as experiências narradas neste trabalho interessam menos como lembranças pessoais do que como lugares em que se tornam visíveis as operações políticas que conformam determinados modos de vida e interditam outros.

Entretanto, compreender a subjetivação apenas como efeito das relações de poder seria insuficiente. É preciso perguntar também o que essas relações fazem com nossa capacidade de inventar a vida. Se o poder produz sujeitos, ele também disputa a direção de seus desejos, afetos e formas de criação. A questão deixa de ser apenas “como nos tornamos” ou “quem somos” e passa a incluir “o que acontece com a nossa potência de produzir outros modos de existência?”.

Configurando essa mesma pergunta de uma outra forma, com Suely Rolnik, posso questionar: até onde vai a cafetinagem à que meu inconsciente está submetido? Para ela, o inconsciente colonial-racializante-capitalístico é a mais nova produção e matéria-prima que sustenta e alimenta esse último estágio do capitalismo em que chegamos. Capitalismo, agora, não é apenas somente sobre a exploração da força de trabalho e da produção de mais-valia, mas também, exploração da vida e sua pulsão criadora de novas formas de existências. Desejos, afetos, vínculos e encontros se tornam personalidade, estilo de vida, tendência, publicidade, ou seja, um produto numa prateleira que o capitalismo comercializa. Por isso o termo “cafetinagem”. O capital como esse cafetão que se aproveita e explora nossas formas de produção de existência. As redes sociais, os diagnósticos, a forma como interagimos com a tecnologia produzem nossa identidade, nossa forma de nos comunicarmos, de criar expectativas do que é ser social e estar socializando, ao mesmo tempo que gera muito lucro e produz mercado.

Como resistir a tal cafetinagem de nosso inconsciente, de nossos desejos e prazeres é uma questão que Rolnik coloca e que pretendo acompanhar. Para ela, insurgir-se é passar pelo caminho que trilho nesta escrita, de compreender como nossa subjetividade e nosso corpo (a ênfase deste trabalho) é produzido atualmente. Quais forças os compõem, quais princípios os regem, o que torna tal subjetividade ou

corpo possível e quais são impossibilitados? Dito isto, ela se pergunta: “Mas como driblar esse regime de inconsciente em nós mesmos e em nosso entorno? Em outras palavras, em que consistiria o tal protesto dos inconscientes?”[17]

Para responder a tais questões, ela aponta para a necessidade de um trabalho sobre si, uma investigação da experiência subjetiva que nos coloque em confronto com aquilo que nos constitui, nos atravessa, nos puxa – e em que o desejo dominante colonial-racializante-capitalístico nos amarra e sedimenta.

É importante pontuar que, mesmo falando de inconsciente, não se está falando da concepção clássica da psicanálise, do inconsciente como algo interno, obscuro e referente a um sujeito. Como Deleuze diz em Lógica do Sentido[18], “O que é mais profundo do que todo o fundo é a superfície, a pele.”[19], ou seja, o interesse aqui está em como isso se conecta com o mundo, o que se produz entre as superfícies e o que as marca. Assim, falar em inconsciente colonial-racializante-capitalístico é apontar para como nosso íntimo, mesmo aquilo que é inconsciente, está diretamente ligado às forças políticas que nos rodeiam, que nesse caso é de caráter colonial, racializante/racista e capitalista.

Assim, ao me debruçar sobre tais questões, faço de matéria prima meu próprio corpo e faço dele palavra. Qual é o sangue que corre em minhas veias? O que meu olho enxerga, o que meu ouvido ouve, o que minha língua degusta, o que meu tato toca? Pelo que meus pelos se arrepiam? A quem direciono minha raiva e meu carinho? Onde moram minhas hipocrisias? Com quem formo meu cotidiano? Quais paredes me protegem e quais me aprisionam? Em que solo eu piso, qual ar que respiro, com que mundos sonho?

Perguntas essas que, mesmo cheias de “minha”, “meu”, “me” e ”eu” não se encerrarão em um indivíduo, pois, na verdade, tem a possibilidade de escancarar a trama de fios coletivos/políticos que nos constitui, que nos puxa, amarra, tensiona e fixa, constituindo nossos processos de subjetivação.

---

[17] Rolnik, 2018, p. 33.
[18] 1974.
[19] Deleuze, 1974, p. 143.

Assim, para este trabalho se afastar de uma definição biológica e individual de corpo e pensá-lo como composição política e coletiva, a pele será concebida como campo de disputa, não como fim e fronteira que encerra o corpo e o isola, e sim como ponto de partida, superfície pela qual nos conectamos com o mundo, nos inscrevemos na história e nos fundamos com o outro. O objetivo é destrinchar como o poder produz nossos corpos e, com isso, molda a maneira como vivemos, desejamos, nos relacionamos e nos reconhecemos e, ao mesmo tempo, rastrear quais ferramentas podem nos ajudar a compor um corpo que resista a essas forças hegemônicas.

O problema que reúne estas narrativas é o da constituição política do corpo e da subjetividade. Escolhi partir de experiências em que gênero, sexualidade e sexo entram em questão porque elas permitem interrogar o que costumamos tomar como exclusivamente pessoal: a maneira como nos reconhecemos, aquilo que desejamos, nossos gostos e os prazeres que sentimos. Aprendemos a entender tudo isso como se dissesse respeito apenas a nós mesmos. Ao retomar essas experiências, procuro acompanhar como relações que nos precedem e nos excedem chegam a compor aquilo que sentimos como próprio. É por essa via que a dissertação investiga como o mundo de que fazemos parte participa da constituição do que vivemos como íntimo.

1.3 Do fio necessário para produzir sulcos

Na aposta de produzir um texto que não tenha como objetivo a simples reflexão ou o mero compartilhamento de informações, a escrita aqui me acompanha. Seu estilo e a escolha metodológica não se diferenciam e não se separam de uma produção de saúde e de vida. A escrita, neste trabalho, é a que é possível, é a que meu corpo suporta, mas isso não quer dizer que seja qualquer coisa, que seja impulsiva ou que só diz dos meus limites. Ela é o que é porque meu corpo pede passagem. Um corpo inscrito aqui com seus limites, porém transcende suas margens e transforma seus limiares. Inscrevo e escrevo afetos, sensações, experiências, memórias que, ao se fixarem na palavra, se extravasam em outros contornos e modificam também o corpo que as narra.

Neste trabalho, não me interessa uma história individual, de uma subjetividade fechada e de seus mecanismos internos supostamente universais. Nas narrativas, não narro a história de reforços positivos e negativos de um indivíduo, nem como se consolidaram o Édipo, a Castração, o Falo, a Lei e a Falta em um sujeito. Desejo seguir o caminho da proposta de Didier Eribon de "construir uma teoria política do sujeito; em outras palavras, uma sociologia, uma antropologia e uma história da subjetivação."[20]. Retomar minhas experiências é acompanhar as relações que lhes deram forma, as palavras com que aprendi a reconhecê-las e as forças que fizeram certas maneiras de viver parecerem naturais, necessárias ou inevitáveis.

Algumas das narrativas que atravessam esta dissertação tiveram uma primeira forma ainda no meu trabalho de conclusão de curso da graduação em psicologia na UFF sob orientação da Profa. Dra. Ana Cabral Rodrigues[21]. O TCC teve como objetivo apresentar o corpo enquanto disputa política e seu funcionamento como dispositivo de poder, com foco no âmbito da sexualidade, em diálogo principalmente com Foucault, Preciado e Butler. Ao retomar certas narrativas, elas foram reescritas, expandidas, cortadas, deslocadas, colocadas para operar em outras relações e com novas narrativas. Nesse percurso, encontraram outros autores, conceitos e problemas que não faziam parte daquela primeira escrita, como as contribuições de Deleuze e Guattari, Julia Kristeva, Jota Mombaça, H. P. Lovecraft e Didier Eribon, entre outras. Esse encontro não representou apenas a ampliação do referencial teórico, mas também a abertura de outras possibilidades de interrogar as experiências narradas, produzindo questões que naquele momento ainda não me acompanhavam. Entre uma escrita e outra, também o corpo que narra, as relações que o compõem e as ferramentas com que interroga suas experiências se modificaram. Se algumas memórias permanecem reconhecíveis, elas já não ocupam o mesmo lugar nem produzem os mesmos efeitos.

Este texto não se trata de um confessionário, nem quero expurgar meus pecados. O que quero revelar aqui não é um EU, mas as linhas, os agenciamentos coletivos que nos compõem. Minha estratégia é romper as barreiras do que é considerado privado. Um íntimo, que não é pessoal. Expor meus embaraços,

[20] Eribon, 2025, pg. 44.
[21] Fialho, 2019.

contradições e até vergonhas interessa pelo que neles ultrapassa a minha história, para que eu possa atormentar o alicerce do que está muito bem estabelecido, assombrar o que está muito bem enterrado. Uma lembrança pode carregar os gestos de uma família, as exigências de uma masculinidade, os julgamentos de uma escola, as promessas de uma religião. Mesmo aquilo que vivi sozinho foi composto por relações que não começaram nem terminaram em mim. Narrar permite seguir essas linhas e questionar os modos pelos quais participei de sua continuidade: o que aprendi a suportar, o que aprendi a exigir e quais violências passei a exercer como se fossem necessárias para existir.

> Meus sentimentos, pelo fato de serem exclusivamente meus, não me interessam: interessam a mim e a mais ninguém. Não me interessa sua dimensão individual, mas sim como são atravessados pelo que não é meu. Ou seja, por aquilo que emana da história de nosso planeta, da evolução das espécies, dos fluxos econômicos, dos resíduos das inovações tecnológicas, da preparação para as guerras, do tráfico de escravos e de mercadorias, da criação de hierarquias, das instituições penitenciarias e de repressão, das redes de comunicação e vigilância, da sobreposição aleatória de técnicas e de grupos de pesquisa de mercado e de blocos de opinião, da transformação bioquímica da sensibilidade, da produção e distribuição de imagens pornográficas.[22]

A produção de saúde e de vida de que falo passa por interrogar as forças que me constituem e experimentar outras formas de composição. Não sei antecipadamente que corpo poderá se compor ao retomá-las, nem suponho que escrever me devolverá uma integridade perdida. Algumas delas sustentam minhas possibilidades de viver; outras constrangem a mim ou ao outro e precisam ser confrontadas, interrompidas ou transformadas. Há violências que aprendi a dirigir contra mim e contra os outros, e desfazer esse aprendizado não exige abandonar toda capacidade de enfrentamento. Exige perguntar contra o que ela se dirige, o que procura conservar e o que pode abrir. A escrita participa desta investigação: ao estranhar as maneiras pelas quais fui produzido, procuro também experimentar outras formas de me colocar no mundo.

Ao estranhar as maneiras pelas quais fui produzido, encontro também os conflitos que aprendi a reconhecer como parte normal da vida. Violências chegam vestidas de educação, cuidado, proteção ou conselho. Mandam esconder o gesto,

[22] Preciado, 2018, p. 13.

corrigir a voz, endireitar o corpo, engolir o desejo. Outras sequer precisam ser justificadas: basta que o corpo sobre o qual recaem seja reconhecido como errado, inadequado ou ameaçador.

A família corrige, a escola disciplina, a religião promete salvar. Salvar quem, de quê? Às vezes, o que chamam de salvação exige que quase nada de nós sobreviva. Querem nosso corpo presente, desde que aquilo que nele os perturba seja arrancado. Depois, esperam gratidão. O conflito não começa quando respondemos. Já estava na mão que nos corrigia, na palavra que nos diminuía, na ameaça que nos ensinou a calar.

Com Jota Mombaça, reconheço nessa normalidade uma guerra projetada que não precisa de nossa declaração para continuar acontecendo. A violência participa da organização deste mundo: distribui segurança, autoriza brutalidades e faz da exposição de certas vidas ao terror uma condição do conforto de outras[23]. Há quem possa atravessar o dia sem calcular o perigo de um gesto, de uma roupa, de uma aproximação. Há quem precise fazer essa conta antes de sair de casa. A paz segue funcionando. O medo fica por nossa conta.

Além disso, a raiva tem seus proprietários autorizados. Andrade[24] acompanha como ela pode sustentar posições de autoridade e ser reprimida quando ameaça essas mesmas posições. Um pai grita, e seu grito pode passar por educação. O filho responde, e de repente o problema é a sua voz. Exigem respeito justamente quando querem encerrar a possibilidade de contestação[25]. O que aconteceu antes desaparece. Sobram a insolência, o excesso, o descontrole de quem não soube apanhar quieto. A autoridade conserva sua inocência e ainda recebe um pedido de desculpas.

Em “Da paz”[26], de Marcelino Freire, uma mãe se recusa a participar da marcha que pretende reunir todos sob a demanda por paz. Seu filho está morto. Ainda lhe pedem presença, lágrima e a exposição pública da ferida para suplicar por paz ao poder e seus agentes que instituíram a guerra que distribui desigualmente a violência.

[23] Mombaça, 2021.
[24] 2024.
[25] Andrade, 2024.
[26] Freire, 2013.

A paz como um estado de calma, de harmonia e de ausência de perturbações, de conflitos ou de violência não descreve a sociedade em que vivemos. Quando esse conforto existe, é preciso perguntar onde a violência foi parar, sobre quais corpos continua recaindo e quem permanece exposto a ela para que outros possam descansar. Ela não acabou. Foi mantida longe de certas casas, de certas ruas, de certos olhos. Há quem durma tranquilo enquanto outros precisam sobreviver à noite. A tranquilidade de uns pode ser feita da morte de outros.

A paz também é uma encenação. Vem ator, vem jogador, vem político participar. É branca, asséptica, bem-comportada.[27] Quer a fotografia do morto, mas não quer o sangue escorrendo pela avenida. Quer a mãe presente, carregando sua dor sem sujar ninguém. Que chore, mas não acuse. Que mostre a ferida, mas engula a raiva. O filho morto pode virar imagem de campanha; a fúria de quem ficou precisa ser contida. Há lugar para a perda, desde que ela renda uma cena bonita e não comprometa as autoridades que vieram participar.

Apaziguar esse conflito é apertar mais uma vez a mão sobre a boca de quem foi ferido. Organiza-se a marcha, acomoda-se a dor, preserva-se a autoridade. Todos juntos, todos pela paz, como se caminhar na mesma direção apagasse quem pode matar e quem precisa aprender a sobreviver. A fotografia segue pela avenida; os mecanismos que tornaram aquela morte possível continuam trabalhando. O que precisa parar é a revolta. O que precisa baixar é a voz. Querem que o silêncio de quem enterra seus mortos seja confundido com a tranquilidade de quem continua protegido. A paz é essa organização do silêncio.

O corpo ferido precisa provar que não é perigoso, que sabe sofrer sem perder a compostura, que merece ser ouvido porque não ameaça ninguém. A escuta vem com condições. Fale direito. Não grite. Não ofenda. Não generalize. A denúncia precisa passar pela aprovação daqueles cujo conforto ela perturba. No final do texto de Freire, a mãe quer gritar, atirar, matar. Mas a paz não deixa.[28]

Quem pode ser violento sem que sua violência comprometa o lugar que ocupa? Quem precisa provar, a cada reação, que merece continuar sendo ouvido? Com

[27] Idem.
[28] Freire, 2013.

Mombaça, a redistribuição da violência é enfrentar essa diferença: a violência já circula, mas suas possibilidades, seus alvos e suas consequências estão desigualmente organizados. Redistribuí-la implica contestar essa organização, interromper a concentração do medo sobre determinados corpos e o acesso privilegiado de outros à força.[29] O que está em disputa inclui também o poder de decidir o que será reconhecido como violência. Há brutalidades que recebem o nome de segurança; há respostas que são condenadas antes mesmo de acontecer.

Esse poder de nomear participa da própria distribuição. Uma ordem pode constranger, ameaçar, humilhar e continuar sendo reconhecida como exercício legítimo de autoridade. Quem a enfrenta precisa responder pelo tom, pelo gesto, pela perturbação que causou. Examina-se sua reação até que a violência anterior desapareça de vista. A norma permanece atrás da mesa, fazendo as perguntas. O outro continua diante dela, obrigado a explicar sua presença.[30]

É nesse ponto que Mombaça propõe nomear a norma. Aquilo que serve de medida para reconhecer e julgar os outros costuma escapar ao mesmo exame. A branquitude, a cisgeneridade e a heterossexualidade podem ocupar esse lugar sem precisar anunciar seus nomes: aparecem como pessoa, corpo, família, conhecimento, instituição, natureza. Nomeá-la é interromper esse privilégio, expor as posições e os mecanismos que sustentam sua autoridade.[31]

Não basta descrever minuciosamente quem foi marcado como estranho. É preciso fazer a pergunta voltar para quem estranha. De onde vem esse nojo? O que essa correção procura conservar? Que história ensinou esse olhar a reconhecer uma ameaça? Quem ganha quando determinados corpos precisam diminuir seus gestos, esconder seus desejos e justificar a própria existência? O exame não pode continuar recaindo apenas sobre quem recebeu a marca.

Procuro tirar do lugar aquilo que aprendi a reconhecer como evidente. A norma precisa perder a facilidade com que se apresenta como natureza e transforma suas

[29] Mombaça, 2021.
[30] Idem.
[31] Mombaça, 2021.

exigências em características dos corpos. Quero que o estranhamento alcançe também a mão que marca, a régua que mede, os critérios que autorizam o corte.

Esse movimento também precisa atravessar minha própria posição. As forças que nomeio não existem apenas nos outros. Posso combatê-las em uma situação e reproduzi-las em outra; sofrer seus efeitos e encontrar vantagens em sua continuidade. Nenhuma identidade me dispensa desse exame. Nomear a norma exige situar também os acessos, as autoridades e os modos de perceber que participam da minha vida. A experiência de violência não apaga as posições de poder que posso ocupar.

Por isso, redistribuir a violência não pode se resumir a trocar os ocupantes de uma mesma estrutura de dominação. O enfrentamento precisa responder pelos efeitos que produz, pelas fragilidades que encontra e pelas formas de vida que permite sustentar. Mombaça articula esse confronto ao cuidado e à responsabilidade, recusando sua transformação em uma generalização da violência.[32] Desfazer a violência masculina que aprendi a exercer não significa renunciar ao enfrentamento daquilo que me violenta. A questão é como enfrentar: o que meus gestos interrompem, o que fazem continuar e se exigem de outro corpo a submissão que combato.

Há de ser uma escrita de corpo inteiro e não só da razão. Uma pesquisa encarnada que tenha corpo, pus, sangue e tesão, que arranhe para doer, deixar marcas, excitar e que se suje, se lambuze e que deixe escorrer algo que contamine, que alimente um corpo, que o transfigure, desmodele, atravesse e engendre. Há de ser uma escrita que possa ruborizar o rosto, revirar os olhos, contrair as sobrancelhas, cerrar os punhos, baforar pela boca, tensionar os músculos, apertar o peito e fazer enxergar o outro.

Tem que deixar tonto
Tem que bater saudade
Mesmo sem estar pronto
Tem que dar vontade
Tem que confundir

[32] Idem.

Mesmo sem explicar
Tem que fazer sorrir
Pode até fazer chorar
Só não pode sair ileso daqui[33]

O meu interesse, ao ler as teorias, está em refletir sobre como esse novo conhecimento produz algo diferente no cotidiano, como transforma o que está muito bem estabelecido, como elabora formas inéditas de se conectar no mundo, como cria novas afetações às mesmas experiências e como abre espaço para outras experimentações. Utilizo a mim mesmo, a minha memória e as minhas experiências em narrativas para demonstrar como o poder produz nossos corpos e, consequentemente, molda a forma como experienciamos a vida, nossas subjetividades, identidades, sexualidades e desejos; bem como para descobrir quais ferramentas podem nos servir para compor um corpo que resista a essas forças hegemônicas, seja inventando novas formas de se relacionar, seja criando ou ocupando outros espaços, seja, até mesmo, explorando práticas sexuais que rompam com os roteiros normativos.

Para isso, preciso demorar nos gestos que a familiaridade tornou quase invisíveis. Uma correção, uma brincadeira, uma ordem podem passar depressa demais para que se perceba o que se exige de um corpo. Na escrita, posso interromper essa passagem, voltar à palavra, acompanhar o gesto e perguntar o que ele fez continuar. Também preciso alcançar minhas próprias respostas: quando cedi, quando repeti, quando encontrei algum desvio. Narrar é trabalhar essa matéria, dar espaço ao que uma explicação apressada encerraria e fazer o que parecia pequeno comprometer a ordem que o tornou banal.

Podemos pensar em uma pesquisa científica empenhada com uma aposta política em vez de ansiar uma verdade universal? A gramática acadêmica que exige distância, neutralidade e assepsia não está comprometida com a vida e sim com a frieza necessária para o extermínio de tudo que possa corromper sua razão universal branca, cis, hetero, masculina. Se me coloco nesta contenda, é porque o estabelecido não me cabe, se colocar em guerra é uma questão de vida, já que a morte está

[33] *ILESO*, 2018, Composição de Alex Santana.

instituída. Talvez, para uma pesquisa encarnada, sempre dê para perguntar: que corpo ou corpos esta pesquisa faz viver?

Há interesse e é em sobreviver, esta pesquisa, portanto, tem um viés, um lado, um porquê. Proponho-me a pensar corpo, a questioná-lo, a estranhá-lo. O corpo biológico e individual me limita, me contém sob a superfície da pele, me separa do outro e assim torna tolerável a sua morte.

Imaginar e conceber um corpo-outro não é algo que estará contido aqui nesta pesquisa, é algo que será executado em mim e em todos esses outros que me compõem, um processo de pesquisa e de vida. O sangue que escorre não é só meu, as veias abertas apontam um coletivo.

Este trabalho tem de ser um ataque, nunca poderá ser menos que uma declaração de guerra. Declará-la é tornar explícita a guerra que já nos corrige, nos pune, nos faz minguar e mata, enquanto exige que reconheçamos sua ordem como paz. Nomear a norma, como propõe Mombaça, é fundamental para este ataque: fazer aparecer aquilo que nos examina sem se apresentar, que nos marca enquanto conserva para si o lugar de natureza, neutralidade e razão. É aí que o estranhamento se torna uma força da escrita. Quero voltá-lo contra a medida que nos declara inadequados, acompanhar como ela foi feita, o que precisa mutilar para continuar valendo e quem ela protege ao exigir nossa diminuição. Ao narrar o que essa ordem produz em nossos corpos, procuro comprometer sua evidência e sua autoridade. Ataque a tudo isso que nos prende, nos separa, nos retira a possibilidade da revolta, nos sequestra nosso desejo e o coloca na falta, no consumo e no EU. Uma disputa no campo do poder, das forças, da terra e da carne, para que aquilo que parecia inevitável encontre resistência e possa perder sua continuidade em nós.

Tem que doer
Pode até sangrar
Tem que arder
Pode aliviar
Tem que arrepiar
Tem que tirar os pés do chão

Tem que acordar pra querer cantar o refrão[34]

Para isto as teorias serão trabalhadas e afiadas: para que, com suas lâminas, façam jorrar sangue. É o fio que instrumentaliza a navalha; ela eu guardo debaixo da língua, pois talvez minha maior arma seja te colocar em contato com minhas feridas, te contaminar com meu sangue e te provocar a infecção pelas bactérias que me consomem. Para que corte tanto quem escreve quanto quem lê. Uma escrita que abra uma ferida, que lhe arranhe e ninguém saia ileso.

Eu quero é que este canto torto, feito faca, corte a carne de vocês
Eu quero é que este canto torto, feito faca, corte a carne de vocês[35]

Para isso, recorro a fragmentos narrativos de experiências próprias como forma de expor que, mesmo o que nos é íntimo, é tecido coletivamente. Essas narrativas são a ferramenta pela qual conceitos e teorias serão apresentados e postos em operação. O que está em jogo não é estabelecer uma verdade sobre o corpo, mas tensionar suas ficções, desmanchar seus contornos e expor suas costuras, abrindo passagem para novas corporeidades, mundos e afetos.

Quem lê pode encontrar nessas narrativas algo que também viveu, mas tenha carregado sozinho ou procurado esquecer. Uma vergonha que parecia exclusivamente sua, um medo para o qual não encontrava palavras, uma inadequação que lhe ensinaram a reconhecer como defeito. Encontrar essa experiência em outra vida pode modificar o peso com que ela se aloja no próprio corpo. Aquilo que parecia fracasso pessoal passa a mostrar as relações que o produziram, as exigências que o alimentaram, as punições que o fizeram durar. Creio que minha escrita também possa oferecer essa companhia: que alguém se perceba visto, encontre palavras para o que viveu e possa devolver, a uma estrutura social, uma responsabilidade que havia aprendido a carregar sozinho.

[34] *ILESO*, 2018, Composição de Alex Santana.
[35] *ILESO*, 2018, Composição de Alex Santana fazendo referência à Belchior.

Em outros encontros, a escrita pode perturbar justamente a familiaridade com que alguém reconhece uma correção como cuidado, uma imposição como proteção ou uma humilhação como brincadeira. Ao nomear a norma, procuro fazer com que o olhar acostumado a examinar nossos corpos encontre também sua própria posição no texto. Que precise perguntar pelo que exige, pelo que permite e pelo que aprendeu a não perceber. O incômodo me interessa quando compromete esta tranquilidade: quando uma prática já não pode continuar parecendo inocente depois que suas consequências foram expostas.

Uma mesma pessoa pode encontrar abrigo numa passagem e, na seguinte, reconhecer a própria mão no gesto que feriu alguém. Eu também escrevo dessa posição: carrego violências que sofri e outras que aprendi a exercer. O reconhecimento não nos dispensa do estranhamento; pode nos dar condições para suportá-lo e trabalhar com o que ele revela. A articulação entre confronto, cuidado e responsabilidade que encontro em Mombaça atravessa essa aposta. Quando digo que ninguém deve sair ileso, desejo que nenhuma posição esteja dispensada de ser interrogada e que essa interrogação possa modificar tanto as certezas com que olhamos os outros quanto a crueldade com que aprendemos a olhar para nós, mesmo que isso produza uma ferida.

Esta é uma pesquisa inseparável da intervenção: forma, literatura e estilo não estão aqui apenas para anunciar ou explicar, mas para produzir o novo. Seja no meu corpo que muta ao escrever essas páginas, deixa vazar algo que supostamente deveria ser contido e abrindo-se a outras perspectivas; seja no leitor que, ao se deixar ser contaminado, assombrado pelas questões que ameaçam suas fundações, que o colocam diante de feridas e cicatrizes deixadas pelas violências vividas, possa se incomodar ao ponto de não sustentar mais o absurdo; seja por todos os outros que nós, já infectados, iremos tocar e sujar, para que o branco, o limpo e a paz que nos exterminam não sejam mais possíveis.

A fim de alcançar esse efeito, foi necessário acessar uma gama de referências que, em alguma medida, também foram alvo de estranhamento coletivo, porém que transformaram tal arma apontada para si em algo que diz da sua experiência subjetiva, afirma a si mesmo e que se tornou a própria ferramenta de trabalho para pensar o mundo, fazer filosofia e lutar na guerra instaurada contra nós. Não tive como objetivo

que as referências deste trabalho fossem apenas pessoas trans, mulheres e homossexuais, no entanto, foi o que se estabeleceu. Mesmo não sendo intencional, não foi por acaso. Há algo nessa recorrência que diz das condições de possibilidade desta pesquisa e das formas de pensamento que me permitiram construí-la. Tais vivências de fora do sujeito hegemônico do pensamento, produziram problemas distintos, viabilizaram deslocar perguntas já estabelecidas e emergir outras formas de pensar aquilo que parecia dado.

É também nesse ponto que procuro deslocar a relação entre teoria e experiência. Há uma diferença entre produzir um conhecimento que pretende provar, demonstrar, argumentar e estabelecer uma verdade e produzir um pensamento que se dispõe a relatar, problematizar, enfrentar, lembrar, elaborar e afetar. Não pretendo utilizar a experiência como evidência de uma tese previamente estabelecida nem transformar a teoria em instrumento para explicar aquilo que a experiência já seria. Interessa-me colocá-las em contato, fazer com que se perturbem mutuamente. A experiência não aparece aqui como aquilo que precisa ser traduzido pela teoria, mas como aquilo que também produz pensamento, formula problemas e desloca os próprios conceitos com os quais é pensada.

Nesse sentido, a teoria deixa de ocupar o lugar de uma verdade que vem de fora para organizar a experiência. Ela passa a ser também uma experiência: algo que se encontra, que se atravessa, que pode produzir desconforto, deslocamento, elaboração e novas possibilidades de existência. O conceito não precisa encerrar aquilo que foi vivido em uma explicação definitiva; pode abrir uma questão, fazer ver uma marca, tornar estranho aquilo que parecia familiar ou permitir que uma experiência seja retomada por outro ângulo. Talvez, por isso esta escrita não procure solucionar a experiência, e sim permanecer com ela tempo suficiente para que outras perguntas possam surgir.

Quis escrever de modo que alguém pudesse pensar com um conceito antes mesmo de saber seu nome. Uma cena pode fazer estranhar um gesto que até então parecia banal, dar outro sentido a um incômodo ou devolver a uma experiência que julgávamos só nossa as relações que a tornaram possível. Quem lê pode chegar a essas perguntas pelo que a cena lhe faz sentir, pelo que ela traz de volta de uma lembrança ou pelo modo como altera o que se consegue perceber no cotidiano. Foi

por isso que dei às narrativas parte do trabalho que, em outra forma de escrita, caberia à exposição teórica.

Quando me detenho num conceito, procuro dar precisão ao que a narrativa põe em movimento: distinguir coisas que pareciam iguais, acompanhar uma relação que passava despercebida ou perguntar onde a leitura que fiz deixa de dar conta da experiência. É isso que orienta o recorte da discussão teórica: desenvolvo de cada obra o que ajuda a levar adiante a pergunta em jogo. O que me interessa é que alguém possa sair da leitura com outra maneira de olhar para o que vive, ainda que o nome do conceito não seja o que leve consigo.

O estranhamento, mesmo que faça parte da construção da hegemonia, só exerce a função de marcar quem e o que deve ser silenciado, eliminado e/ou apagado. Já para nós que fomos marcados com ele pela hegemonia, o estranhamento tem a capacidade de romper o vínculo de submissão estabelecido consigo mesmo, de nós com os outros, de nós com o mundo. É fundamental para que possamos imaginar uma outra vida possível.

Muitos nos acusariam de produzir um conhecimento tendencioso, mas quem, entre os que estão muito bem integrados à norma, iria tender ao nosso lado e produzir conhecimentos que colocassem em voga o próprio poder? Recorro a tais autoras por justamente terem a experiência e a vivência fora do hegemônico, não por oferecerem respostas definitivas sobre o corpo ou sobre a subjetividade, mas por produzirem ferramentas para estranhar aquilo que foi naturalizado e para experimentar outras maneiras de pensar e de existir.

O estranhamento é minha ferramenta e minha experiência subjetiva. Não aguento mais sustentar minha forma atual. Quero outro corpo, outros contornos e limites, outras composições e relações, outras sensações e prazeres, outros desejos e apetites, outras imagens e palavras, outro imaginário e futuro. Alimentarei um *alien* em meu ventre para que ele revire o meu âmago, remexa meus órgãos e possa romper os limites de meu corpo e expor os componentes da minha matéria.

Essa ferramenta possibilita que, ao escrever sobre minhas experiências, o “eu” não seja o centro, ou melhor, que o “eu” não seja fechado e assim possa escrutinar como ele se forma, que forças o compõem e para onde se direciona. Produz também

as lacunas necessárias para que quem lê possa se ver e, assim, compartilhar desse assombro.

Esta escrita, tecida por meio de narrativas próprias, se inspira e encontra ressonâncias em vozes que me ensinam a pensar corpo e método. Paul B. Preciado, em Testo Junkie[36], compõe um ensaio corporal no qual teoria, intimidade e política se entrelaçam — narrando suas experiências de automedicação com testosterona como um ato de "bioterrorismo de gênero em escala molecular"[37]; como também, práticas sexuais diante do luto vivido por um amigo querido. Em *Manifesto Contrassexual*[38], com uma filosofia irônica e performática, faz uma análise crítica das tecnologias do corpo, da sexualidade e do poder de tal forma que nos rasga, nos faz questionar as noções mais bem estabelecidas, implode com tudo que achamos que o corpo é e pode ser.

Também caminho junto à sociobiografia de Édouard Louis e Didier Eribon, que, ao narrarem suas vivências no contexto francês, acabam por contar muito da minha história e da de tantos ao meu redor, na periferia do capitalismo chamada Brasil. Suas obras evidenciam como as forças hegemônicas nos atravessam, nos conectam e nos moldam; como gênero, raça e classe social, definem quem é alvo de violência. Criando feridas, anseios, desejos, prazeres, desesperos, guerras, destinos, sonhos e mortes tão parecidas em diferentes geografias.

Retomei experiências nas quais me pareceu possível destrinchar com mais cuidado as forças coletivas e políticas que compunham o que eu havia vivido. Ao narrá-las, procurei acompanhar como essas forças participavam da constituição do meu corpo, dos meus afetos, das minhas reações e da maneira como aprendi a olhar para mim, para os outros e para o mundo. Isso exigiu voltar ao que muitas vezes eu havia entendido como um traço meu, um gosto ou uma reação espontânea, e perguntar que relações tornaram possível que eu sentisse, visse ou agisse daquela maneira. A escrita me permitiu interrogar também como passei a participar dessas relações, sustentando algumas das formas de olhar e de agir que elas haviam produzido em mim.

---

[36] 2018.
[37] Preciado, 2018. p. 14.
[38] 2014.

E há, ainda, Lina Pereira, Linn da Quebrada, que me atravessa e me impacta há muitos anos. Sua obra escancara o que é ter um corpo abjetado, ela marca as cicatrizes das violências sofridas, inscreve em seu corpo o que é abominado e narra os fracassos. Suas músicas são um marco de resistência, de enfrentamento e de denúncia que me inspira a como me colocar no mundo. Seu corpo exposto por ela de forma tão nua e crua me provoca, me desestabiliza, me machuca e me alivia. Suas falas não cessam de sequestrar todo meu ar, me fazem lutar para respirar, me assombram e me fortalecem.

Essas companhias participam da maneira como procuro escrever: de como me aproximo de uma lembrança, das perguntas que consigo fazer e dos encontros que produzo entre as experiências e os conceitos. Com elas, vou encontrando maneiras de dar passagem ao que me inquieta e de trabalhar essas inquietações para que possam alcançar quem lê. É desse movimento que os capítulos tomam forma, cada um com suas cenas, seus ritmos e suas ferramentas, carregando algo dessas vozes e dos caminhos que elas me abriram.

1.4 Da escrita que seu toque irá percorrer

Esta dissertação é composta por este primeiro capítulo, “Tateando relevos”, e outros três capítulos que dão continuidade ao percurso iniciado. Este primeiro capítulo possui, ao mesmo tempo, diferentes funções: introduzir o leitor ao que virá a seguir; narrar um pouco da minha chegada à pós-graduação e das experiências que a atravessaram; apresentar a base teórica que tornou possível esta escrita; discorrer sobre as motivações e os objetivos que orientaram a escolha deste formato; e evidenciar o ponto central para o qual os demais capítulos, ainda que por caminhos distintos, apontam.

A composição deste trabalho pode, à primeira vista, parecer uma composição de fragmentos. Essa forma, contudo, não se deve apenas à influência que a literatura, especialmente os contos, exerceu sobre minha maneira de escrever e narrar, mas também à escolha de partir de diferentes lugares para acompanhar um mesmo

problema: o corpo, suas inscrições e os processos pelos quais ele se constitui e pode ser constituído. Os capítulos não foram pensados, portanto, como partes que precisam ser percorridas em uma sequência linear para que adquiram sentido, mas compor, a partir de diferentes perspectivas e experiências, uma mesma problemática que atravessa todo o trabalho. A unidade da dissertação não está, portanto, na homogeneidade de suas partes, mas nas relações que se estabelecem entre elas.

Minha relação com os contos também me ensinou a reconhecer potência naquilo que não se prolonga indefinidamente. O recorte de uma experiência, a condensação de acontecimentos, os intervalos entre uma cena e outra e a possibilidade de um término que não oferece uma resolução fechada são formas que atravessam minha maneira de escrever. Há, nessa escolha, também um espaço concedido ao leitor: nem tudo precisa ser dito, explicado ou amarrado para que relações possam ser produzidas. O que não se encontra explicitamente narrado pode permanecer como intervalo, como aquilo que o leitor percorre, aproxima, relaciona e, de algum modo, também compõe. Assim, os capítulos podem guardar certa autonomia narrativa sem que isso signifique uma ausência de relação entre eles.

É por isso que decidi nomear este capítulo, em vez de simplesmente chamá-lo de introdução. “Tateando relevos” não é apenas uma abertura para aquilo que será apresentado posteriormente. Ele funciona como um centro gravitacional, não porque contenha antecipadamente o sentido dos capítulos que seguem, mas porque é um lugar ao qual o leitor pode retornar para reencontrar as motivações, as escolhas, os objetivos e os efeitos pretendidos por esta escrita. É, nesse sentido, também uma espécie de fechamento: não por oferecer as “devidas soluções que a continuidade fornece”[39], mas por permitir que, ao final do percurso, se retorne ao início e se reconheçam as linhas que atravessaram sua composição.

Afinal, se compreendo o corpo e os processos de subjetivação, não como unidades encerradas, mas como composições em movimento, feitas de marcas, forças, encontros, deslocamentos e desconexões; também não vejo sentido que esta dissertação produza uma unidade fechada sobre si mesma.

[39] Preciado, 2018, p.14.

Os próximos três estão estruturados em torno de um ou mais conceitos centrais, acompanhado por outros que o sustentam e se desdobram dele. Os conceitos centrais, considerados fundamentais por mim, têm a função de questionar como o EU, o sujeito e o corpo são produzidos, desnaturalizando e expondo as forças políticas que nos compõem; abrindo rachaduras para que possamos, vislumbrar, imaginar e construir corpos capazes de resistir e inventar outras vidas. As narrativas, que podem ser uma ou mais por capítulo, são a forma pela qual dou corpo e vida a essas teorias, rompendo com o binarismo entre teoria e prática.

O segundo capítulo, Do *monstro que me apavora*, tem como eixo o conceito de abjeto formulado por Julia Kristeva, uma psicanalista, em seu livro Powers of Horror[40]; no qual ela entende que há um mecanismo da abjeção que é essencial na fundação de qualquer sujeito ou subjetividade. O abjeto como aquilo que não está nem dentro e nem fora, não é sujeito, nem objeto, é o que constitui as divisas entre um e outro, ao mesmo tempo que, permanece e assombra o sujeito que necessita estar sempre em um movimento ativo de diferenciação de si com o mundo ao seu redor.

O conceito é expandido e toma outros contornos por Judith Butler em Problemas de Gênero[41]. Já que Butler utiliza o conceito de abjeto, mas agrega as perguntas: Quem estipula o que deve ser abjetado e quem se beneficia disso? Assim o conceito deixa de ser simplesmente um mecanismo de constituição da subjetividade individual e passa a ter efeitos políticos, apontando para uma constituição coletiva/política da subjetividade. Criando a ideia de corpos abjetos, Butler aponta a questão de quais corpos são marcados para serem violentados e não alcançam o crivo do que é considerado humano.

Sendo assim, conecto tal conceito aos contos de terror de H. P. Lovecraft, escritor do século XIX, um dos maiores nomes na literatura de terror, que redesenhou como olhamos para o medo culturalmente, principalmente o medo do desconhecido e do que é estranho. Me inspiro na sua escrita em certos momentos do capítulo para que o texto possa, ao mesmo tempo, falar de estranhamento, narrar sua experiência e provocá-lo. Analiso, de forma breve, como Lovecraft constrói as suas histórias para pensar como o abjeto está intimamente ligado à construção de uma subjetividade

[40] 1982.
[41] 2015.

racista, masculinista, homofóbica, transfóbica, colonizadora como é a do autor, mas que também nos atravessa todos em maior ou menor grau.

A narrativa deste segundo capítulo percorre minha experiência em um evento internacional de pós-pornô, onde o estranhamento que me acomete ao observar certos corpos que integram aquele espaço passa a ser um estranhamento de si; o horror que acompanhou meus encontros com Preciado; e uma memória muito bem enterrada para não incomodar a ordem normal das coisas.

O estranhamento diante daqueles corpos põe em questão tanto o modo como aprendemos a olhar para os outros quanto os limites pelos quais nos reconhecemos. Aquilo que aprendemos a tratar como estranho, repulsivo ou ameaçador também participa da forma que damos ao nosso próprio corpo e do que conseguimos imaginar para ele. A questão do gênero entra no capítulo quando uma lembrança de infância permite acompanhar os efeitos íntimos dessas fronteiras: o embaraço, o fascínio e o medo diante de uma possibilidade que aprendemos a manter à distância, inclusive em nós mesmos.

O terceiro capítulo, *Corpo sob sentença: É menino!*, desenvolve o conceito de performatividade em Butler, que traz uma contribuição fundamental ao adensar como Foucault constrói sua conceituação de corpo. Ela aponta para uma possível pressuposição de uma materialidade, de uma substância anterior aos acontecimentos, a história e a uma inscrição cultural no conceito de Foucault. A pré-existência de uma "superfície" na qual pode ser inteiramente marcado e arruinado pela história. Além de apontar, também, para a possibilidade de uma certa característica passiva de tal corpo, como se fosse uma tábula rasa, uma folha em branco em que se inscreve, como se a história exigisse a sujeição do corpo.[42]

Para compor com tal conceituação de Foucault, Butler traz à tona seu principal conceito para pensar gênero, sexualidade e corpo em seu livro *Problemas de Gênero*[43]. A ideia de performatividade, que é a ideia de que os discursos, ao dizerem de uma realidade, produzem essa mesma realidade, que supostamente alegam

[42] Butler, 2015.
[43] Idem.

representar. Se cria uma materialidade, tais discursos não são internalizados, já que estamos falando de superfície, eles são corporificados.

Sendo assim, o corpo não preexiste a uma inscrição, ele toma forma ao mesmo tempo (em um só movimento) que a inscrição se estabelece. Butler desnaturaliza as noções de sexo, gênero e sexualidade e destaca a repetição no cotidiano como fundamento da formação corporal e subjetiva. Tal ação repetida, operada no corpo, pode constituir como esse corpo vive, o que o aterroriza, o que o enoja, o que ele estranha, o que ele ama, com o que ele treme ou se angustia.

Aproximo essa discussão da noção de veredito em Didier Eribon, para acompanhar as sentenças que nos precedem e nos destinam a determinados lugares sociais.[44] O anúncio “É menino!” participa dessa distribuição, envolvendo também aqueles que deverão nos educar, reconhecer e corrigir. Ao encadear veredito e performatividade, procuro acompanhar como essas sentenças adquirem corpo nas relações e nas repetições cotidianas: produzem capacidades e limites, orientam desejos e sensibilidades, mas também encontram conflitos e possibilidades de resistência.

Aqui revisito minha adolescência: dos primeiros pensamentos eróticos sobre garotos, passando pelas aulas de educação física e a experiência escolar, uma cena com meu pai, diante de um carrinho de bebê, até uma tentativa desesperada de salvar meu corpo e minha alma. Como também, pelo espanto de uma aluna diante da agressividade que narro durante o estágio docente, que me leva a retomar o trabalho de transformar os gestos e as relações que haviam permitido minha sobrevivência, mas que passaram a dificultar as aproximações de que eu precisava.

O aprendizado da masculinidade que trato neste capitulo me permite acompanhar como um veredito adquire corpo. Entre a divisão das turmas, a repetição das aulas e o reconhecimento que recebo pela agressividade, vão se produzindo capacidades e modos de reagir que, mais tarde, pode se confundir com meu temperamento ou minha natureza. A questão é como essa história, constituída por

[44] Eribon, 2022.

forças políticas, instituições e uma pedagogia, podem desaparecer daquilo que passamos a reconhecer como “eu”.

O quarto capítulo, Maquinações contrassexuais, aproxima as máquinas desejantes e os objetos parciais, em Deleuze e Guattari, da contrassexualidade, do dildo e da lógica da prótese, em Preciado. Parto de uma narrativa sexual porque há poucas experiências que aprendemos a guardar com tanto cuidado como assunto nosso, entre quatro paredes. É justamente ali, no arrepio, no desejo e no gozo, que procuro acompanhar o que se produz entre corpos, objetos, espaços e acordos. Mesmo quando a porta se fecha, as relações e as condições que tornam aquele encontro possível continuam participando do que sentimos. Aquilo que vivemos como íntimo e próprio se produz politicamente: normas de gênero, relações de poder, tecnologias e formas coletivas de organizar a vida participam da composição do desejo e do prazer. A intimidade se torna, assim, um lugar pelo qual podemos perceber os processos que nos constituem, sem encerrá-los no campo privado ou individual. Ao acompanhar conexões, cortes e acoplamentos, questiono tanto a ideia de um indivíduo indivisível quanto a de órgãos, objetos e posições cujas funções estariam determinadas de antemão. As partes não precisam encontrar seu sentido em uma totalidade, e a prótese não precisa responder a uma falta. Suas conexões podem modificar capacidades, deslocar relações de poder e permitir que nos recoloquemos no mundo.

A narrativa, de caráter performático, inspirada pela escrita do Manifesto Contrassexual[45], procura tornar sensível essa possibilidade de participar da transformação das relações que nos compõem. Nela, os corpos podem se inventar e reinventar a todo instante, no calor, no olhar do outro, no não dito, no expresso, na submissão, na tecnologia, na pressão, na comida, nos ideais, no contrato e no gozo.

[45] 2014.

2 DO MONSTRO QUE ME APAVORA

> O abjeto é aquilo que perturba a identidade, um sistema, uma ordem. É aquilo que não respeita os limites, as posições, as regras. O entre, o ambíguo, o misturado. (Kristeva)[46]

Antes de saber o que era pós-pornô, eu já sabia como queria ser visto.

Queria estar desejável.

Encontrei o anúncio do evento no *Facebook* e me inscrevi quase no mesmo impulso. Ir exigiria uma viagem de três horas até Niterói, onde poderia ficar hospedado na casa de um amigo, e, depois, outro deslocamento de ônibus até o Rio de Janeiro. Não cheguei a convidar a maioria dos meus amigos. Conhecia o suficiente deles para imaginar que a temática bastaria para uma recusa. Comentei apenas com o amigo que me hospedaria, embora já soubesse que ele não poderia me acompanhar.

O cuidado com minha aparência começou antes da viagem. Barba feita, cabelo recém-cortado, tênis ainda sem marcas de uso. Entre as roupas que havia levado, escolhi a camisa e os shorts de que mais gostava e logo antes de sair, dobrei duas vezes a manga da camisa e as barras da bermuda. Não sabia quem encontraria no evento. Talvez aparecesse algum viado bonito. Eu iria sozinho e provavelmente não teria coragem de iniciar uma conversa, mas quem sabe alguém viesse falar comigo. Preparava-me para atrair um olhar; queria que minha aparência fosse um convite.

A sala não foi a primeira coisa que encontrei na UNIRIO. Antes dela, havia uma praia adiante e paredes quase sem espaços vazios, cobertas por pichos, grafites e frases. Eu queria demorar ali, acompanhar aquelas escritas e descobrir até onde a universidade se estendia. Ainda assim, continuei procurando. O receio de chegar atrasado e perder alguma oportunidade de contato foi maior que a vontade de explorar o lugar.

---

[46] 1982, p. 4.

Encontrei a sala e cumprimentei a mulher de *dreads* que estava perto da entrada. Antes de me sentar, procurei calcular o melhor lugar. O meio parecia oferecer tudo de que precisava: proximidade suficiente para acompanhar o evento e pessoas ao redor. Daquele assento, poderia acompanhar as falas, ouvir as conversas laterais e, quem sabe, ser incluído em alguma conversa.

Eu havia acabado de ingressar na graduação em Psicologia e entrava sozinho em um evento internacional que duraria dois dias. Organizado por um coletivo feminista interseccional, o encontro reuniria conversas, conferências, performances e exibições de vídeos amadores em torno do pós-pornô, termo que eu ainda desconhecia.

O pós-pornô propõe uma intervenção crítica nas formas de produzir e representar o sexo. Interroga quem costuma ocupar o centro das imagens pornográficas, quais corpos aparecem como desejáveis e quais práticas são reconhecidas como sexo. Naquele evento, essa crítica tomava algumas direções: deslocar a centralidade do homem branco, cis e heterossexual como aquele que olha, deseja e recebe prazer; recusar a genitália como único centro do prazer; e questionar o poder do mercado de determinar quais corpos poderiam ser exibidos e desejados. O coletivo não queria apenas discutir essas questões. Com as performances e os vídeos, queria fazer aparecer corpos, práticas e prazeres que essas representações costumavam deixar de fora.

Num impulso, endireitei a coluna e me ajeitei na cadeira. Eu me assustei. Um grupo grande de pessoas entrava na sala. Não era uma entrada barulhenta, nem tinha acontecido nada que justificasse muito bem aquela reação. O susto vinha da imagem daqueles corpos. O simples vislumbre dessa estética nunca antes vista, produz uma rachadura no meu mundo, uma fresta para algo além se abre diante de mim.

Tomado por um desassossego, não sabia direito onde fixar meu olhar. Eram cabelos coloridos, cortes que pareciam aleatórios, que não seguiam uma simetria, partes muito curtas ao lado de outras compridas, áreas inteiramente raspadas. Algumas roupas eram largas, outras tão apertadas que marcavam cada dobra do corpo. Havia representações de automutilação, dor e drogas tatuadas na pele, cicatrizes de cortes nos pulsos e marcas deixadas por drogas injetáveis. Seus corpos

carregavam à vista sofrimentos que eu aprendera a procurar apenas no silêncio, na vergonha e no segredo.

Corpos que gritam uma história não contada, andares que trazem consigo lugares que nunca acessei, territórios que nunca pisei.

Ao observar melhor, passei a notar uma certa precisão naquela aleatoriedade toda. Os cortes de cabelo pareciam recentes. Algumas áreas estavam raspadas bem rente, enquanto outras conservavam mechas mais longas, tingidas com cores que eu não estava acostumado a ver. O que inicialmente me pareceu descuido começava a revelar uma série de escolhas. As roupas prolongavam essa intenção. Não afinavam, não alongavam, não escondiam dobras, marcas ou cicatrizes. Faziam o contrário: apertavam, recortavam e colocavam tudo à mostra. Foram escolhidas justamente pela capacidade de exibir aquilo que, em outros espaços, deveria permanecer escondido.

Em vez de aproximarem os corpos de uma aparência aceita como bela, desejável, masculina ou feminina, acentuavam justamente aquilo que poderia os afastar dela. Mostravam volumes, dobras, pelos, músculos, cicatrizes e tatuagens; misturavam signos de gênero que eu aprendera a manter separados. Não era uma tentativa frustrada de se encaixar. Havia ali uma decisão estética de contrariar as formas pelas quais um corpo deveria se apresentar para ser reconhecido e desejado.

O simples vislumbre daquela composição produziu uma rachadura no meu mundo. Ainda era estreita, insuficiente para que eu enxergasse o que existia do outro lado, mas já abria uma fresta para algo além daquilo que eu reconhecia como possível. Sentado no meio da sala, não suspeitava que não eram apenas as pessoas diante de mim que eu iria estranhar.

Entre as pessoas, um corpo passou a reter meu olhar por mais tempo.

Era uma caminhoneira, gorda, de cabelo laranja e liso, com as laterais da cabeça raspadas. Havia em sua postura uma firmeza com um tom de impiedade. Ela não parecia preocupada em suavizar sua presença nem em oferecer aos outros uma imagem mais fácil de aceitar.

Suas roupas acompanhavam de perto as formas do corpo. Não recorriam aos recursos que eu aprendera que uma pessoa gorda deveria utilizar para parecer menor:

nada de peças largas, cores escuras ou listras verticais. As dobras não eram disfarçadas. A barriga não era recolhida. Seu corpo ocupava o espaço sem se desculpar pelo tamanho que tinha. Contrariava tudo o que eu havia aprendido sobre quais corpos poderiam se mostrar e quais deveriam passar a vida tentando desaparecer.

Meu olhar conhecia aquele corpo por meio de advertências. A gordura aparecia para mim cercada por diagnósticos, recomendações médicas, piadas, apelidos e histórias de fracasso. Eu havia aprendido a enxergá-la como excesso: excesso de comida, de preguiça, de descontrole e de espaço ocupado. Diante daquela mulher, porém, o excesso não se apresentava como vergonha. Era justamente o que ela colocava à vista.

Aos poucos, percebi que aquela não era a única regra contrariada no seu corpo. As tatuagens e as cicatrizes interrompiam a aparência de uma pele que deveria permanecer lisa e sem história. O sexo e o gozo extrapolavam as quatro paredes. Imagens de cordas, correntes, nós e algemas deslocavam o sexo do lugar privado, heterossexual e genital em que eu havia aprendido a encerrá-lo. Naqueles corpos, aquilo que deveria permanecer escondido aparecia a céu aberto.

Eu ainda os observava como quem tenta entender uma língua que nunca escutou. Procurava classificar cada detalhe, descobrir quem eram aquelas pessoas e encontrar algum sentido conhecido para o que via. Mas as categorias que eu possuía não davam conta delas. Quanto mais tentava organizá-las, mais percebia que alguma coisa começava a se desorganizar em mim.

Sentado no meio da sala, comecei a perceber que o estranhamento que aquela caminhoneira e as outras pessoas na sala provocavam não permaneceu sobre o corpo delas. Aos poucos, ele retornava, alcançava o lugar onde eu estava e se voltava contra o corpo que eu havia preparado para estar ali.

Baixei os olhos para o tênis ainda novo, para os *shorts* cuidadosamente dobrados e para as mangas da camisa que eu havia ajustado diante do espelho. Lembrei do cabelo recém-cortado, da barba aparada e de tudo o que fiz naquela manhã para me tornar desejável. O que, poucas horas antes, parecia apenas uma escolha pessoal começava a revelar seu trabalho. Eu também havia preparado meu

corpo para produzir uma imagem. A diferença era que havia aprendido a reconhecer a minha como natural.

Passei a me estranhar. O que exatamente eu esperava comunicar com aquelas escolhas? O tênis novo servia apenas porque eu gostava dele ou seria uma forma de anunciar a que classe eu pertencia e qual poder aquisitivo eu tinha? A barba teria sido aparada de uma maneira específica para marcar o maxilar, esconder o arredondamento do rosto e afastá-lo de traços que eu associava ao feminino ou à gordura?

As duas dobras na manga da camisa e na barra dos shorts eram mais fáceis de reconhecer. Eu recorria a elas porque meu corpo já não oferecia muitos dos sinais pelos quais outros homens gays poderiam identificar meu pertencimento ao Vale. Havia aprendido a vigiar e a conter o movimento do quadril, a altura da voz, a amplitude dos gestos e as demonstrações públicas de intimidade. O simples gesto de dobrar o tecido precisava comunicar o desejo por homens que o restante da minha performance masculina se esforçava para conter.

Diante daquelas pessoas, porém, essas escolhas deixavam de parecer simples manifestações do meu gosto. O tênis, o corte de cabelo, a barba, a camisa e os *shorts* começavam a aparecer como técnicas. Eu havia usado cada um desses elementos para aproximar meu corpo de uma imagem reconhecida como desejável e para afastá-lo de tudo aquilo que poderia o tornar exagerado, feminino, pobre, gordo ou ridículo. A que grupos estava tentando pertencer e de quais grupos estava tentando me afastar? Um corpo que se via como natural, começava a perceber as técnicas, os usos e os propósitos envolvidos na sua construção.

Poucas horas antes, eu esperava que minha aparência funcionasse como um convite. Agora, percebia que esse convite não se dirigia a qualquer pessoa. Ele havia sido preparado para um olhar específico, educado pelos mesmos critérios que organizavam o meu: um olhar capaz de desejar somente o magro, o branco, o masculino e o viril. As fronteiras entre o que sou e o que posso ser foram muito bem estabelecidas.

Minha desejabilidade havia sido construída pela aproximação com um conjunto bastante restrito de atributos. Ser magro, branco, cisgênero e suficientemente

masculino me concedia acesso a espaços e olhares dos quais outros corpos eram afastados. Eu estava acostumado a receber olhares, aproximações e cantadas nos espaços em que me apresentava sexualmente. Tratava essa desejabilidade como uma qualidade minha, quase como uma propriedade natural do meu corpo. Naquela sala, comecei a perceber quanto trabalho havia sido necessário para produzi-la — e quantas coisas precisei manter afastadas para preservá-la. Passo a me questionar: o que deixei de fora para adentrar essa figura? Me utilizando dos privilégios acessíveis a mim para alcançar tal patamar de desejável, o que eu escondi e quem eu ajudei a manter no escuro?

Minha branquitude participava do que tornava meu corpo desejável. Ser uma pessoa branca de classe média também teve parte na formação do meu olhar: no que aprendi a achar bonito, nos corpos que conseguia imaginar como desejáveis e nas aparências que me causavam estranhamento. Essas distinções pareciam tão próprias do meu gosto que eu raramente perguntava de onde vinham. E elas faziam mais do que orientar por quem eu me interessava. Participavam também de quem eu notava, de quem eu evitava e de quem podia estar diante de mim sem que eu sequer me desse conta.

Esses corpos que adentraram a sala eu nunca tinha visto antes, não porque não existissem semelhantes nas ruas das quais transitei, e sim porque, estando presentes, eu os ignorei. Talvez tenha atravessado a rua para não chegar perto, talvez tenha acelerado o passo para que não me alcançassem, talvez virado o rosto para evitar o contato visual. Pouco a pouco, vou me dando conta do medo que me funda como sujeito; pouco a pouco, vou percebendo que meu olhar é muito bem treinado em detectar a sujeira para que eu possa evitá-la. “Sujo, de acordo com os descritivos, é aquele que se recusa a ser um receptáculo da cultura.”[47]

Quem é que constrói as noções de limpo, saudável, adequado, puro, conservado, ordenado, refinado, pacífico, agradável e respeitável? Quais práticas sexuais nos fazem sentir asco? Perante quais drogas temos medo? Usuários de quais drogas e fármacos temos ao nosso redor e de quais mantemos distância? Quais

[47] Favero, 2022, p. 28.

prazeres têm cabimento? O que fazemos com quem não vive dentro dos mesmos limites que os nossos?

Sujeira politicamente construída, para que eu possa me empenhar em manter a integridade de meu ser, para que evitasse a contaminação, para que a barreira entre o “eu” e o “aquilo” fosse muito bem distinta. Se não estavam nos ambientes que habitei, é porque foram expulsos, segregados e discriminados pelos olhares, palavras e agressões.

Sempre estamos expulsando algo que é estranho a nós, é no ato de expulsar que damos forma ao estranho e o estranho nos funda. A formação de um “não eu” e torná-lo abjeto é o que nos dá contorno e estabelece nossos limites. Estabelece-se um “interno” e um “externo”, uma noção de limites do que eu sou e o que está além de mim, e mais importante, o que deve estar além do meu alcance.

> A fronteira entre interno e externo é confundida pelas passagens excrementícias em que efetivamente o interno se torna externo, e essa função excretora se torna, por assim dizer, o modelo pelo qual outras formas de diferenciação da identidade são praticadas. Com efeito, é dessa forma que o Outro “vira merda”.[48]

Quais identidades se veem como puras e fazem questão de se separar de outras como nós nos separamos das nossas fezes, secreções, fluídos? O nojo deixa de ser um simples sentimento ou sensação e passa a ser uma ferramenta, passa a ter uma função central na nossa constituição; aquilo que nos afasta do que não devemos tocar ou ser tocado, nos dessensibiliza ao outro, fecha-se os poros, tapa-se o nariz. Torna-se a arma que nos protege de tudo aquilo que não deveríamos ser. De quantas armas sou constituído? Quais têm sido seus usos?

Procurando manter uma fronteira estável entre interno/externo, eu/outro nos aliamos a um ideal asséptico, de aniquilar tudo o que pode nos contaminar, o que cria um sujeito sem suturas em que suas barreiras, limites, ou até a pele, não tenha sinais da operação que foi necessária para sua formação; alçando assim o patamar de “natural”.

---

[48] Butler, 2015, p. 231.

> Essa vedação de suas superfícies constituiria a fronteira sem suturas do sujeito; mas esse enclave seria invariavelmente explodido pela própria imundície excrementícia que ele teme.[49]

No entanto, naquela sala, rodeado por aquelas pessoas, o que se operou foi uma inversão. Os corpos estabelecidos como indesejáveis prevalecem. Corpos abjetos, que através do medo e do asco eu estranhasse, me distanciasse, excluísse do que formasse o meu eu. Corpos, experiências, desejos que não poderiam adentrar a minha casa e os espaços que os “meus” frequentassem, me cercam. Pertenço e faço uso de um padrão normativo que eles tiveram de lutar (e ainda lutam) para renunciar e contrapor, ou seja, ali sou eu o passível alvo de asco e de deboche.

Vejo-me fora de lugar, não pertencente, alheio, exterior. Aqui jaz a sua grande periculosidade, não é por nada que podem nos fazer ver ou escutar, mas pelo que podem nos fazer imaginar[50]. Eles trazem consigo uma outra constituição de si, um corpo que vaza, que abre mão dessa suposta fronteira impermeável[51] que se deveria almejar, do eu que localiza na pele o seu limite.

Deixa-se contaminar e ser contaminado, derrama seus desejos sobre a sua pele, para que o outro possa entrar em contato e ter seus sonhos impregnados. Fazer sonhar é o bastante para que nos lembre que devemos manter distância[52]. O sexo sodomita[53] que praticam estabelece uma permeabilidade do corpo que ameaça o lugar do homem másculo que não pode se submeter; da centralidade do pênis que não pode tatear novas zonas de prazer, e por consequência, ameaça sua posição de poder.

A peste gay[54] foi o artifício mais bem usado para denunciar a ameaça de poluição decorrente da permeabilidade corpórea, justamente pela sua transmissão ocorrer pela troca de fluídos[55]. O termo peste invoca o nojo e o asco a começar a

---

[49] Butler, 2015, p. 231.
[50] Lovecraft, 2020.
[51] Butler, 2015.
[52] Lovecraft, 2020.
[53] Sodoma e Gomorra, as cidades queimadas pela ira divina, no intuito de aniquilar as perversões sexuais. Sodomita passa a ser usado como adjetivo para designar qualquer ato sexual não hétero e/ou reprodutivo.
[54] Um dos primeiros termos usados para dizer do vírus do HIV.
[55] Butler, 2015.

atuar, diz da alta potência transmissiva e corruptiva que vem de seres menores que se infiltram na sociedade e que não são nada além de nocivos, por isso devem ser exterminados. A abjeção nos confronta com o que é excluído e, no entanto, assombra o sujeito desde seu exterior. O corpo social, as leis, as regras, as estruturas e todo o meio que compõe o social deixa de ser tão distinto do corpo individual; as ameaças são as mesmas, a peste gay diz, ao mesmo tempo, de um vírus que infecta um corpo e seus órgãos e de um vírus que infecta a sociedade e suas famílias.

Numa ficção muito bem instituída de que poder se dá por “natureza”, corpos com pênis (machos), que deveriam ser invioláveis, agora estavam sendo penetrados, que deveriam ser dominantes, estavam sendo subjugados, que deveriam ser imutáveis, estavam transicionando. Os inimigos de tal poder devem ser marcados, mesmo que não seja com um triângulo invertido rosa ou preto[56].

Quanto mais me percebo como um estranho para mim mesmo, mais compreendo que minha carne foi esculpida por olhos que não eram meus. Não vim ao mundo, fui declarado: “É menino!” A ficção que vivo existia antes de mim. Nasci para encarná-la. Fui vestido com um nome, um gênero, um sexo, uma sexualidade, uma estética. Na adolescência, encontro, na agressividade masculina, a carapaça para me defender e conquistar um novo nível de repressão - mais limpo, mais cruel, mais funcional. Visto-me de uma brutalidade que me impeça de ruir.

O encontro com esses corpos ecoou em mim, não saí ileso, algo ali me arranhou, perfurou a membrana que marcava o que deveria ficar de fora. Eu não sabia lidar com essa ferida, não sabia o que fazer com ela nem com a agonia que me produzia. Com o tempo acabei desenvolvendo um jeito bem específico de reagir quando algo a cutucava ou abria uma nova ferida do mesmo tipo: eu ria. Ria para não me engasgar com isso que é viscoso e ininteligível, não pode ser descartado e agarra-se à minha garganta.

O riso me permitia puxar o ar para respirar. Ele se tornou um tanto constante ao longo das aulas de um professor meu da graduação. Ele se incomodava, achava que estava rindo dele ou fazendo piada do que estava sendo discutido, nem imaginava

[56] Símbolos que eram costurados nos uniformes de prisioneiros homossexuais e trans nos campos de concentração nazistas.

que minha risada era da mais pura angústia. O mundo ia ruindo, a cada ideia, a cada conceito, a cada perspectiva, uma nova rachadura, um novo esfarelar. Ria de mim mesmo, da tolice ao achar que era de rocha e metal esse mundo ao meu redor, mas que, na verdade, não passava de areia e gesso, tudo se equilibrava sobre a certeza de que não existia um além, já que uma ventania de outros mundos não traria traços de piedade consigo.

Das referências que ele nos apresentava, uma em especial trazia consigo aquilo que foi relegado às sombras. Minha relação com Paul Preciado desde o primeiro contato com o *Manifesto contrassexual*[57] foi uma relação de horror cósmico, esse mesmo tipo de horror que foi classificado a obra de H.P. Lovecraft. Preciado afia a filosofia e a escrita, nos corta, faz as noções de corpo, política, identidade e tecnologia se chocarem, entrarem em atrito de uma forma que sentimos as ranhuras e, no calor dessa fricção, desmancha as fronteiras implantadas.

Meu entendimento sobre o que se passava na obra desse autor demorou muito tempo para se estabelecer, o estranhamento era a primeira sensação que me vinha. Sentia que a lógica ali empregada era alheia, estranha, até mesmo alienígena a mim e a tudo aquilo que foi ensinado e esperado de mim. Era como se colocasse em questão o próprio chão que eu utilizava para andar, me equilibrar e me apoiar. Em vez de uma, talvez esperada, expansão de perspectiva de mundo ao se entrar em contato com um novo conhecimento ou filosofia, o que se deu foi um recuo, era como se o mundo ao meu redor encolhesse. O horizonte, outrora ilimitado, agora revelava-se uma parede – uma estrutura sólida disfarçada de infinito – e eu simplesmente nunca andei em direção a ela para perceber. Mas agora, infectado, percebi que as paredes não apenas existiam, elas avançavam em minha direção. A cada leitura ou aproximação, o mundo em que eu vivia se tornava mais claustrofóbico.

É claro que, em muitos momentos, não suportei tal destruição. Afastava-me, ia ler outras coisas, focava em outros livros, disciplinas e assuntos. Chegava a ficar meses, talvez, um ano inteiro correndo disso, mas a sensação sempre foi de que algo me perseguia, a passos lentos, se aproximando mesmo quando me debruçava sobre outras leitura e teorias, talvez mudando de forma para que não fosse notado até estar

[57] Preciado, 2014.

perto demais. O grande medo daquilo que não se diz, não se vê, não se escuta e só se sente quando está perto o suficiente de modo que a pele não pode se esquivar.

Seria eu mesmo que não conseguia traçar um caminho para longe de tais questões? Afinal meu mundo encolheu, parte do chão se desfez, partes das estruturas estavam expostas e corroídas. Não se volta atrás, posso por um tempo ignorar as rachaduras, porém os caminhos neste mundo que se fez pequeno e limitado não iriam para muito longe.

Algo de magnético se estabelecia em suas obras, algo que atraía meu corpo para perto, como se, ao ter experimentado isso, este mesmo corpo já não conseguia viver sem, algo ficava em mim que me fazia suspeitar que, no breu exposto pelas rachaduras, havia outro cosmos, mas que eu ainda era, simplesmente, incapaz de enxergar. Ao tentar tomar algo dessas obras, só me sentia capturado, deformado, contorcido, como se na ação do contato minha perna já não compreendia o chão, a mão esquecia o tato, a cabeça se apartava da razão. O sentido não se somava em mim, se derramava… Um horror me estremecia, até onde eu conseguiria voltar atrás? O que eu me tornaria? Permaneceria reconhecível? Um grande terror de me tornar uma dessas criaturas indescritíveis, irreconhecíveis de Lovecraft. E, ainda mais importante e aterrador: o que tal corpo monstruoso deseja?

Que espécie de criatura é essa que, antes mesmo de se fazer presente, já mostra algo que não se veria de imediato – através de um telão disposto em um palco, com um trono centralizado – a construção de um sol ao redor do seu orifício anal por meio da tinta negra que jamais escapará da sua pele? Surge, em seguida, de trás do palco, em direção ao seu trono, com o corpo nu. Mesmo que se compreenda sua silhueta que ainda é humanoide, ao se focar na genitália, algo ali balança, algo entre um pênis e testículos deformados por fluidos tóxicos e um útero que rompeu sua interioridade. A lentidão de seus passos nos leva a tentar compreender seus pés confinados a ângulos extremos e incorporados a dois outros órgãos fálicos e de uma flacidez[58]. E então:

> Prepara-se para a autodildagem. Sobe em seu trono; uma cadeira, híbrido de mesa de ginecologista, penteadeira e sling de S&M. Em primeiro lugar maquia o rosto introduzindo longas agulhas sob a pele que, em seguida, fixa com fios em sua coroa de espinhos. É a rainha que tem a cara esticada pela

[58] Preciado, 2014.

> coroa de ouro. É a esposa cujoo ânus virginal, aquecido por um sol preto, está disposto para uma noite de boda solitária. De quatro, a rainha entrega seu ânus a seu povo. Seus súditos esperam ser cobertos por uma onda de merda. Seu ânus dá: com a ajuda de uma vara ele tira o colar de pérolas brancas de Louise Brooks. Uma cadeia interminável de bolas de merda imaculadas e brilhantes. Seu ânus é bendição e dom. Quando o ânus está vazio, disposto a receber, o ritual de transar com o dildo começa. Imprime um vaivém em suas pernas. Os dildos pendem de seus calcanhares, brigam para penetrar seu ânus. Dildagem Interruptus. Sempre. Nenhum dos dildos possuem totalmente seu ânus. Este não pertence a nenhum dos dois. O trio transa, ou melhor, não chegam a transar. Masturbam-se. Não.[59]

Preciado descreve o indescritível para Lovecraft. O que tal criatura almeja? Para onde ela aponta? De onde ela vem? Que caminhos ela deixou aberto para chegar até aqui? Virão mais como ela? Se essa criatura existe, quais outras também podem existir? Ou pior, o que tais monstruosidades dizem da nossa humanidade?

Nos contos de terror de Lovecraft, a humanidade é óbvia, o que é do humano, é o normal, o que não se estranha, o que tomamos como dado em comparação às criaturas que nos gera nojo, medo, ojeriza, repugnância e um sentimento de que aquilo deve ser eliminado. Estranho, incompreensível, indescritível, alienígena, estrangeiro, mestiço, híbrido, informe, degenerado e impuro são algumas das características dessas criaturas. E não é assim que funciona? Declaramos algo como oposto de nós, descrevemos esse algo no campo do repugnante e do incompreensível, tudo para destacar a diferença entre nós e para naturalizar aquilo que somos. Não é assim que nos fundamos?

Tais características usadas por ele pouco descrevem de fato o que os personagens estão vendo a sua frente, sua intenção na escrita é mais o sentimento do que é se deparar com culturas, ritos, objetos e criaturas ancestrais que não têm o humano como centro ou fundador, de se defrontar com a pequenez e insignificância humana perante a seres de outro cosmos, mais antigos e eternos. Perante tais seres a vida humana existe por um capricho, somos tão insignificantes que nem se dão o trabalho de nos esmagar. Os humanos que entram em contato com tal dimensão inumana, seja por acaso, ganância ou desespero, são corrompidos, mentalmente transformados.

Para descrever os rituais malignos, Lovecraft usa, reiteradamente, características de rituais, cerimônias, danças e ritmos de matriz africana, ele marca

[59] Preciado, 2014, p. 54 e 55.

que as pessoas envolvidas em atos nefastos são negros, mestiços, mulatos e estrangeiros. Ao narrar a entrada de policiais de uma área onde estava ocorrendo rituais horrendos, ele diz: “A região em que os policiais entravam agora era tradicionalmente de reputação maligna, notadamente desconhecida e inexplorada por homens brancos.”[60].

Conseguimos, assim, perceber quem, para Lovecraft, corre perigo de ser corrompido, quem já está infectado e quem é a ameaça. Narrando o que a polícia encontra ele diz:

> Era vodu, aparentemente, mas vodu do mais pernicioso tipo jamais visto; e algumas das mulheres e crianças haviam desaparecido desde que o malévolo tantã tinha começado seus incessantes batuques a distância, dentro dos bosques sombrios onde os moradores não se aventuravam. Havia gritos insanos e urros angustiantes, cânticos que faziam gelar a alma e chamas diabólicas dançantes; um desesperado mensageiro também viera de lá, dizendo que os habitantes não podiam mais suportar.[61]

Para quem uma religião de matriz africana como o vodu é uma ameaça? Quem aponta os sons de tambores e cânticos em outra língua como algo diabólico? Quem acha que danças ao redor de uma fogueira estaria invocando entidades malignas? É só para quem tem a necessidade de impor sua cultura, seus costumes, seus ideais e sua língua que se torna indispensável matar, violentar, escravizar, demonizar tudo o que foi eleito “outro”.

Assim a humanidade que aparece em Lovecraft é, exclusivamente, o homem branco universal pois, essa humanidade funciona tal qual Grada Kilomba[62] aponta para o funcionamento dos corpos brancos, que são próprios, sempre pertencem, estão “no lugar” e “em casa”. Já as criaturas, os rituais, as culturas que são alheias, alienígenas, não pertencentes, ameaçadoras têm características bem específicas em suas histórias.

O homem, cis, branco, hetero, burguês e americano nascido no final do século XIX, que era Lovecraft, inscreveu seus maiores medos em contos. E o que seria mais aterrorizante para esse sujeito do que aquilo que ameaça o seu poder tão bem

[60] Lovecraft, 2020, p. 89.
[61] Lovecraft, 2020, p. 88.
[62] Kilomba, 2026.

naturalizado? Uma bicha estranha e degenerada que goza ao ser penetrada; um ser híbrido que nunca coube na forma homem/mulher ou a rejeitou; um desalmado mestiço ou retinto com cânticos incompreensíveis; um alienígena estrangeiro a furtar seu trabalho, seu lugar “por direito” na sociedade.

O que somos – nossa identidade, nosso corpo, essa experiência de si, inclusive, a pele, a fronteira e divisa entre “interno” e “externo” – é tenuemente mantida através de um esforço constante, “um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser”[63]. Mas a questão é: de quais violências fazemos uso para mantermos o que somos? De quais violências nos apossamos para criar a imagem do puro, íntegro, arrumado, adequado, limpo? O que ou quem passamos a apontar como condenável, ruim, feio, distorcido, esquisito, desagradável, repulsivo e sujo[64]?

Talvez, o horror cósmico seja a experiência subjetiva que inaugura o sujeito homem, branco, cis, hétero e burguês. Não é o sujeito quem expulsa o abjeto, é o abjeto que funda o sujeito. O medo do desconhecido, daquilo que é possível assimilar e daquilo que ele pode provocar, do ininteligível, do inumano; o medo de se deixar ser corrompido, levado à loucura, que com apenas um contato já poderia o transformar, o tornar irreconhecível para aqueles à sua volta, de passar a falar em uma linguagem incompreensível, ser tomado por essas forças provenientes de um além da sua cultura normativa, racista, sexista e colonizadora.

Quais são os processos de embranquecimento elitista e de masculinização/feminização cisnormativos você faz uso todos os dias? Seu cabelo, sua barba, suas unhas, suas sobrancelhas, seus pelos, sua voz, seus trejeitos, suas roupas, sua etiqueta, seu paladar têm quais propósitos na sua identidade? Como você olha para quem não se utiliza dos mesmos processos que o seu? Conseguiria desejar quem não compartilha das mesmas tecnologias que você emprega? Quais corpos são barrados no seu desejo?

Sou tomado por um estranhamento, apossado de um pavor, dominado pela radicalidade. Os corpos abjetos fazem operar em mim uma necessidade de busca

[63] Butler, 2015, p. 69.
[64] Favero, 2022.

contínua de outras corporeidades, me provocam a descobrir formas de se experienciar o mundo no desvio, que produz, ao mesmo tempo, fascínio e temor.

Não sei em que momento aquela lembrança voltou. Talvez ela nunca tenha ido embora. Talvez tenha apenas aprendido a permanecer quieta enquanto eu me ocupava em construir um corpo onde ela não coubesse.

Eu e minha amiga estamos brincando em casa. Faço um sinal para que ela me siga para o quarto dos meus pais. Os adultos estão ocupados em algum outro lugar da casa e é justamente essa distância que torna possível a nossa entrada sorrateira. Eu e ela sabemos que precisamos ser discretos. Não me lembro de ninguém jamais ter nos flagrado, nem de qualquer proibição que tenha sido pronunciada antes daquela brincadeira existir. Ainda assim, aos cinco, seis, talvez sete anos, já sabíamos que aquilo precisava de uma porta fechada.

Ela se senta na cama.

Eu preparo a passarela.

Passo rapidamente recolhendo apetrechos pelo quarto.

Depois entro no armário e fecho a porta.

Lá dentro comigo os vestidos, as mantas, os colares, as pulseiras, os brincos de pressão, os sapatos de salto de minha mãe. Escolho o que cabe, o que não cabe, o que pode ser enrolado, pendurado, apertado contra o corpo. Não há qualquer compromisso entre uma peça e outra além do excesso. Quanto mais perua, melhor.

Por alguns instantes ela fica do lado de fora esperando até que:

Escancaro o armário.

Saio rebolando, desfilando. Ela vibrava, aclamava. Eu jogo o cabelo, faço pose, atravesso o quarto como se houvesse ali uma longa passarela e não os poucos metros que separavam o armário do lugar onde minha amiga estava sentada. Ela bate palmas, elogia, pede outra vez. Volto. Entro novamente. Fecho a porta.

Outro vestido. Outros colares. Outra manta. Outro salto.

Abro.

Ela aplaude, celebra. Não se repete um look sequer.

Não sei quantas vezes entrei e saí daquele armário.

Não me lembro de ter sentido medo enquanto fazia isso. O medo pertence a outro tempo. A lembrança reaparece e não consigo apenas observá-la. Ela me provoca, me embaralha. Exige que eu faça alguma coisa com ela. O fascínio e o temor se apresentam novamente ao pensar nessa criança.

Olho para aquela criança entrando no armário, escolhendo vestidos, colares, pulseiras, saltos, compondo para si um corpo e saindo para exibi-lo. Quero me aproximar. Há alguma coisa naquela feminilidade que ainda me atrai, que quero tocar, experimentar, reviver, deixar aderir ao meu corpo. Mas me aproximo e recuo. Porque a lembrança também me devolve uma pergunta que preferiria não fazer: o que isso faz de mim?

Não preciso que aquela criança me dê uma resposta para que a possibilidade de uma resposta me aterrorize. E se aquilo que aprendi a conter, dosar, esconder, aquilo a que permito aparecer somente até certo ponto não se contentar com o espaço que lhe concedo? E se essa feminilidade que desejo e da qual tantas vezes tento me afastar exigir mais? E se, ao me aproximar dela, eu descobrir desejos que depois eu não consiga devolver ao armário?

O terror que me acompanhava diante de Preciado retorna por outro caminho. De onde vêm essas criaturas? Para onde apontam? Que caminhos deixaram abertos para chegar até aqui? Virão mais como elas? O medo nunca esteve apenas diante da criatura. Está na possibilidade de que o contato com ela faça alguma coisa comigo. Que desperte desejos que eu não consiga novamente adormecer. Que aquilo que me fascina no corpo monstruoso não seja tão estrangeiro quanto eu gostaria.

Talvez exista algo daquela criatura em mim.

Talvez eu possa ser aquela criatura.

A lembrança da infância se torna aterradora, não porque nela esteja escondida uma verdade capaz de finalmente explicar quem sou. Na verdade, o terror está em olhar para aquela criança e não poder assegurar que aquilo era apenas uma brincadeira, apenas roupas, apenas um desfile secreto no quarto dos meus pais. Que eu seja o monstro e esteja só adiando o inevitável.

“Talvez seu segredo ignorado, por todos, até pelo espelho, Mulher.”[65]

Essa cena emerge das profundezas em que foi enterrada, surge do obscuro que foi relegado ao esquecimento e aparece para mim como se estivesse de frente a uma criatura, que, ao encarar seus olhos, só vejo imagens de mau agouro, me mostra as violências, a solidão, o sofrimento de um futuro possível. Uma música começa a tocar que dá som e imagem ao meu terror.

QR Code[66]

Infância bicha. Criança viada.

Meu corpo treme, sinto calafrios. Pavor é o que sinto. Pavor de meu gênero não se contentar com meus órgãos, de uma feminilidade não ser apenas uma carta, mas

[65] MULHER, 2016, Composta por Linn da Quebrada.
[66] Videoclipe da música “Mulher” de Linn da Quebrada.

marcar todo o meu baralho. Pavor de que aquilo que ainda consigo esconder, negociar, fazer aparecer e desaparecer, adquira uma forma que eu já não consiga acobertar. De que deixar essa criatura sair signifique também ter de habitar o mundo com ela. E eu sei o que este mundo faz com certos monstros.

> É sempre uma mulher? É sempre uma mulher. É sempre uma mulher. É sempre uma mulher? Ela tem cara de mulher, ela tem corpo de mulher, ela tem jeito, tem bunda, tem peito e o pau de mulher.[67]

Vislumbro-me sendo isso que foi descartado, cuspido, regurgitado socialmente, e que, mesmo assim, não cessa de aparecer, na precariedade de uma vida que possa ser limitada aos 35 anos; de causar tanto asco ao outro que ele queira me destruir; de que eu seja alvo, mas nunca de afeto; de, como abjeto, a única esperança de sobrevivência seja como objeto sexual; e de perder todos as camadas de privilégio que resguardam a minha vida e que a única forma de me proteger seja a navalha debaixo da língua, já que me tornei aquilo que os outros não suportam imaginar em si mesmos.

Tomei um nome híbrido para mim, um que talvez possa dizer dessa bagunça que sou, da sujeira que me impregna, mas continuo me tremendo. Sou covarde, não quero entrar em guerra por um pronome. Não consigo ainda me desfazer completamente de uma estética masculina, nem do antigo nome. Não me reconheço nem no nome nem na foto que estão nos meus documentos. Continuo morrendo de medo das consequências de abandonar de vez o pacto da assepsia, de abandonar o nome que diz de uma limpeza étnica[68], de abandonar a estética de uma pureza cis. Mas, quem sabe, consegui me tornar monstro o suficiente para que possa te assombrar aqui nesta escrita.

---

[67] MULHER, 2016, Composta por Linn da Quebrada.
[68] Israel.

3 CORPO SOB SENTENÇA: É MENINO!

> Afinal, o movimento mais sofisticado da tecnologia consiste em se apresentar exatamente como “natureza”. (Preciado)[69]

Aprendi a desaparecer dentro de casa. Não sei dizer quando exatamente, mas houve um tempo em que comecei a perceber que passar despercebido tornava as coisas mais fáceis. Meu corpo descobriu os cantos onde podia passar despercebido. Não ser notado era uma técnica que eu aperfeiçoava sem saber que estava aprendendo alguma coisa. Principalmente em casa, ser percebido quase sempre significava que algum erro meu havia ferido a ordem das coisas.

Talvez, tenha sido naquelas tardes intermináveis no meio da semana que meus pensamentos vagavam, já que meu corpo não podia. Meus amigos costumavam estar ocupados, e meu pai escondia em algum lugar o mouse e o teclado do computador, na esperança de que, sem eles, eu finalmente estudasse. Os finais de semana eram mais fáceis. Podia passar o dia na rua, na casa de algum amigo ou entretido com qualquer jogo que me oferecesse algumas horas longe dos meus pais. Durante a semana, porém, havia tardes em que restávamos apenas eu, a casa e um corpo entre os treze e os quinze anos começando a descobrir o que fazer com tantos desejos.

Pensava em garotas, garotas, garotos, garotas, garotas, garotos.

Não sentia que era errado pensar nos garotos. Pelo menos não me lembro de ter formulado dessa maneira. Cresci em uma família evangélica, mas meus pais nunca fizeram muita questão de me apresentar à igreja, à Bíblia ou a Deus. Ainda assim, alguma coisa já me ensinara que os pensamentos sobre garotos eram mais uma das coisas sobre mim que não deveriam aparecer.

Primeiro tentei ignorá-los. Fingir, inclusive para mim, que aqueles pensamentos não aconteciam. Mas os garotos continuavam aparecendo e, com o passar dos anos, ficou cada vez mais difícil ignorá-los. Passei então a escondê-los.

---

[69] 2014, p. 168.

Esconder era diferente.

Para ignorar, eu precisava apenas focar minha atenção em outra coisa. Para esconder, precisava prestar atenção nos outros. Uma conversa qualquer podia deixar escapar alguma coisa. Uma palavra mal escolhida, um comentário, talvez um olhar que demorasse mais do que deveria. Eu não sabia exatamente o que poderia me denunciar, então era mais seguro vigiar tudo.

Por medo de algum desejo vazar, fui deixando de me expressar. Acabei me tornando tímido e criando um sentimento de exclusão, uma necessidade de me esconder, de viver pelos cantos. Esconder os garotos começou a exigir que eu escondesse cada vez mais coisas junto a eles.

Meu corpo foi se retraindo, minha boca falava cada vez menos, meus pés aprenderam a andar em silêncio. Em ruas desertas, chegava a me desafiar a andar sobre diferentes superfícies e não ouvir meus passos. Para, quem sabe, não sendo notado, minha existência pudesse ser esquecida, já que ouvir alguém chamar meu nome fazia meu coração se desesperar.

Mas desaparecer também exige trabalho.

E havia lugares em que todo esse esforço não servia para muita coisa. Na escola particular de classe média que eu frequentava, existia um momento específico que não me permitia me esconder, não me permitia fingir que eu não existia, não me permitia usar as técnicas que inventei para escapar da violência.

As aulas de educação física.

Duas vezes por semana, era preciso sair dos cantos e ocupar o lugar que haviam preparado para mim. A divisão era simples: meninas de um lado, meninos do outro. Para elas, queimada. Para nós, futebol. Não importava muito se algum menino gostasse de queimada ou se alguma menina, de futebol. Antes mesmo de começarmos a jogar, já estava decidido quem deveria estar onde. A diferença não terminava no tipo de esporte. Ela havia sido construída em concreto, tinta, telha e chão.

As atividades físicas femininas eram relegadas a uma quadra improvisada, bem pequena, sem cobertura, com um piso comum só com uma pintura por cima, enquanto as atividades masculinas aconteciam na quadra principal, gigante, toda bem estruturada, em todos os conformes para que ali pudesse acontecer uma competição séria de qualquer esporte. Se chovesse, em nada atrapalharia o treino dos meninos; já a atividade das meninas estaria à mercê do improviso.

Os meninos treinavam futebol, um esporte mundialmente reconhecido e visado, o maior de todos, com embate físico direto; já as meninas jogavam queimado, às vezes, vôlei, estabelecendo tais atividades mais no campo da diversão, do lazer, da brincadeira com exercício físico.

Não era preciso que alguém parasse a aula para explicar que aquilo que fazíamos era mais importante. A escola já havia explicado. Bastava olhar em volta.

A quadra coberta, grande, equipada, preparada para uma competição séria dizia alguma coisa sobre os corpos que a ocupavam. A pequena quadra descoberta dizia outra. Não recebíamos apenas esportes diferentes: recebíamos espaços diferentes, investimentos diferentes, importâncias diferentes. Enquanto nos separava, aquela arquitetura fazia parecer que apenas acomodava uma diferença que já existia.

De pouco a pouco, criam-se as diferenças entre os sexos que supostamente são naturais. A separação de ambientes vai, ao mesmo tempo, moldando e criando um corpo que se organiza, se estrutura em diferentes “culturas”. Futebol nunca foi somente esporte. Por gerações e gerações tem sido, sobretudo, um mecanismo de masculinização institucional.[70]

Na minha escola, talvez isso ficasse ainda mais evidente, porque ninguém parecia muito preocupado em nos ensinar futebol. O próprio professor de educação física encarnava a figura do macho ideal: sério, forte, bravo, postura firme, não aceitava viadagem e obrigava a todos os que fossem homens a jogar, enquanto caçava formas de humilhar e de dar apelidos aos alunos que não se encaixavam no seu padrão.

[70] Faria, 2009.

Não aprendíamos como passar a bola. Não aprendíamos como mirar no gol. Não treinávamos embaixadinhas, pênaltis, corridas ou passes. Era “só jogar”. Aula de educação física, que nunca foi aula, mas muito era sobre educação, inclusive, física.

Era “só jogar”, mas nem todos jogávamos o mesmo jogo. Alguns meninos sabiam exatamente o que fazer quando entravam naquela quadra. Corriam, roubavam a bola, faziam gols. O professor elogiava. Seus corpos pareciam confirmar tudo aquilo que a divisão anterior já havia anunciado: estavam no lugar certo, fazendo aquilo que meninos faziam, e fazendo bem.

Eu procurava um canto para ficar parado, o mais longe da bola possível, mas sem me mover muito. De pouco em pouco, ia inclusive saindo dos limites da quadra, até que recebia um grito do professor. Tentava, ali, a mesma estratégia que funcionava em outros lugares: ocupar pouco espaço, não chamar atenção, esperar que alguma coisa terminasse sem que ninguém precisasse lembrar que eu estava presente. No futebol, não funcionava. Minha incompetência me fazia aparecer.

O pior momento, aquele do qual não se dava para escapar nem por um instante, era a seleção de times. Os melhores jogadores tornavam-se os líderes e escolhiam, alternadamente, quem entraria no seu time. Primeiro, os melhores. Depois, os bons. Depois, aqueles que ainda serviam para alguma coisa. A cada nome chamado, ficava mais evidente o fracasso daqueles que sobravam.

Eu permanecia.

Mais um nome.

Eu permanecia.

Outro.

Eu permanecia.

Até que não havia mais escolha.

Como sempre, eu era o último a ser escolhido.

Minto. Designado.

Eu não era escolhido, me movimentava para o lado do grupo com menos pessoas enquanto os meninos riam e reclamavam uns com os outros. Houve uma época em que os risos pararam. O que se estabelecia no lugar do deboche era a raiva que as equipes, e especialmente os líderes, sentiam de restar justo eu como jogador nos seus times. Chegavam a esbravejar com o professor por eu não demonstrar a força, a agilidade nem o ânimo que tinham para correr atrás de uma bola.

Não era apenas desagradável ser o último. Havia uma pedagogia naquela espera. A cada seleção, uma pequena hierarquia se organizava diante de nós, distribuindo posições e ensinando o que era necessário para ocupá-las. Os primeiros confirmavam que força, agilidade, competitividade e habilidade garantiam reconhecimento; os que vinham depois aprendiam o que precisavam fazer para subir algumas posições ou, ao menos, não descer; os últimos serviam de referência para aquilo de que todos deveriam se afastar.

Alguns dias depois, a mesma distribuição acontecia novamente. As posições podiam mudar um pouco, um menino subir, outro descer, mas os critérios permaneciam suficientemente estáveis para que todos nós soubéssemos o que tinha valor. Não era necessário explicar. A repetição produzia seus efeitos.

Ser bom no futebol, correr, competir, suportar o embate físico, demonstrar força e agilidade não garantiam apenas a identificação como bons jogadores. Naquela pequena distribuição dos corpos, iam compondo também diferentes graus de reconhecimento entre os meninos. O futebol oferecia uma medida, ainda que provisória, de quanto cada um conseguia corresponder ao lugar que nos havia sido destinado.

Cena que se repetiu centenas de vezes, pelo menos dois dias na semana, todo mês, por anos. Uma aula para ser humilhado, apontado como faltoso, insuficiente, ruim, sem valor, mulherzinha, por não conseguir ocupar o lugar de poder do macho.

Talvez, por isso a falta precisasse ser apontada tantas vezes. Se aquela masculinidade fosse uma propriedade natural daqueles corpos, haveria pouca necessidade de organizar toda uma instituição para produzi-la, medi-la, compará-la, recompensá-la e de punir aqueles em quem ela parecia insuficiente. Sua aparência de natureza dependia de uma grande operação.

Duas vezes por semana.

Todo mês.

Por anos.

Apresentada como única possibilidade, aquela masculinidade marcava os corpos que dela se afastavam e indicava quais deles deveriam ser penalizados. Tecnologia tão bem estruturada, ao tecer, pouco a pouco, os corpos e desejos, criou, nesse corpo que muito pouco correspondia à masculinidade desejada, uma outra força.

Eu não aprendi a jogar futebol. Aprendi outra coisa.

Em uma dessas aulas, um dos meninos de quem eu não gostava estava com a bola. Ele era um dos melhores jogadores do outro time. Não me lembro exatamente do que havia acontecido antes, mas ele tinha feito alguma coisa para me humilhar e me provocar, e eu estava com raiva. Quando passou por mim, tive um lampejo de fúria e acertei sua canela com a minha canela com toda a força que consegui.

Ele caiu.

Eu permaneci em pé.

Não havia qualquer habilidade futebolística naquele movimento. Não roubei a bola, não fiz um passe, não ajudei meu time a marcar um gol, mas, como foi canela com canela, eu não poderia ser acusado de covarde, como seria se tivesse chutado sua canela com a ponta do pé. Supostamente, canela com canela é algo que acontece ao tentar tirar a bola de alguém.

Olhei para baixo, ele jogado no chão, gritando de dor. Também havia me machucado. O sangue escorrendo na minha perna não diminuía o que eu sentia. O prazer de vê-lo sem a capacidade de rir, de ter me vingado, de subjugá-lo.

Nesse suposto embate justo, fui eu que resisti. E os outros meninos perceberam.

Meu time ganhou a partida. Meus colegas comemoraram, me elogiaram. Não sabia jogar, mas havia conseguido tirar do jogo um dos melhores jogadores do outro time. Aquele corpo que pouco correspondia ao que se esperava de um menino havia feito alguma coisa que os outros meninos reconheceram.

Pela brutalidade, conquistei um espaço na masculinidade.

A partir desse momento, a minha experiência na escola mudou radicalmente, na seleção de times passei a ser um dos primeiros escolhidos. Não porque tivesse aprendido a dominar a bola, a correr melhor ou a fazer gols. Era designado a mim um alvo, quem eu deveria derrubar para manter meu mais novo status. Neste quesito, a didática era fantástica, não tinha nenhuma dúvida do que fazer para permanecer nesse lugar que alcei, a violência é a ferramenta imprescindível da qual deve se utilizar para se manter na masculinidade cis.

A masculinidade precisava ser conquistada justamente porque nunca parecia definitivamente possuída. A cada aula os times eram refeitos, as posições, novamente, distribuídas, os corpos, outra vez, colocados à prova. Mesmo os meninos escolhidos primeiro precisavam continuar correndo, competindo, acertando, resistindo. Ser reconhecido como homem não encerrava o trabalho de produzir-se como um.

Não se tratava apenas de ocupar uma posição que me era imposta, mas de aprender quais gestos permitiam conquistá-la e quais poderiam fazê-la escapar. A masculinidade se oferecia como natureza enquanto exigia uma atividade incessante para continuar existindo.

Minha agressividade começou a circular para além daquele primeiro golpe. Não apenas porque eu o repetia, mas porque as relações ao meu redor passaram a antecipá-la. Os meninos passaram a ter receio de fazer piada comigo. Eles começaram a ver em mim uma pessoa que não recuava diante da violência e que não se importava com a dor. Piadas que antes poderiam ser feitas sem grandes consequências passaram a carregar o risco de uma resposta.

Passou a não ser necessário agarrar alguém para que a mão que já havia agarrado participasse de um encontro. Não era necessário atingir novamente uma canela para que a possibilidade do golpe estivesse presente. A fama de agressivo chegava antes do gesto e alterava as relações em que meu corpo entrava.

Assim, a agressividade não se produzia apenas no instante em que eu batia em alguém. Ela se fazia também no elogio depois do jogo, no colega que comemorava, no líder que me escolhia primeiro, naquele que desistia da piada, corpo que recuava diante do meu. Cada uma dessas respostas devolvia algo ao meu corpo e ajudava a produzir aquilo que depois parecia ser uma característica sua. Não porque alguma agressividade escondida dentro de mim tivesse finalmente encontrado passagem, tampouco porque eu tivesse decidido construir uma personalidade violenta. Entre meu corpo e os outros, certas ações encontravam respostas que as tornavam novamente possíveis, reconhecíveis e, naquele espaço, valiosas.

Gradativamente, aquilo que havia exigido tanto esforço para ser produzido pôde começar a aparecer como uma característica minha. Dizer que “eu era agressivo quando adolescente” parece explicar quem eu era, porém faz desaparecer quase tudo aquilo que precisou acontecer para que essa frase pudesse um dia ser dita.

A agressividade passou a compor minha personalidade, meu jeito, meu temperamento, como se fosse uma característica minha. Como se pudesse ser localizada em mim uma propriedade relativamente estável que explicasse por que eu agia daquela maneira. A explicação começava pelo indivíduo justamente no ponto em que toda uma história terminava de ser apagada.

“Ele é agressivo” não precisava dizer das centenas de aulas, das humilhações, dos corpos contra os quais o meu havia sido medido, da comemoração depois de uma agressão, dos elogios recebidos, das escolhas antecipadas para os times, das piadas que passaram a ser interrompidas, dos meninos que começaram a recuar. Não precisava dizer sequer que aquilo que agora parecia uma característica minha havia sido produzido social e coletivamente.

Uma ideia de personalidade ou de natureza (nesse caso, masculina) realiza uma operação curiosa: recolhe os efeitos de uma longa história e os devolve como causa. Eu agredia porque era agressivo. Agredia porque era homem. Era agressivo

porque era homem. Formulações assim escondem as tecnologias, operações e estruturas envolvidas na produção daquilo que apresentam como causa.

Toda uma história da produção de um corpo desaparece; e permanecem características, traços, aptidões, defeitos, maneiras de ser. Aquilo que aconteceu entre um corpo e o mundo passa a ser localizado dentro dele

Mas eu não havia chegado àquela quadra agressivo.

Também não saí dela definitivamente homem.

Precisei trabalhar arduamente para manter esse espaço conquistado. Utilizei os artifícios mais estratégicos: ser sempre o que atacava primeiro e focar no mais fraco. No futebol, era sempre eu que atacava, eu nunca estava com a bola (não havia por que alguém me ter como alvo), depois do ataque ser concretizado não tinha como revidar. Fora do futebol, me utilizava de ameaças, posturas agressivas e subjugava meninos mais fracos e mais novos que eu. O fato é que foi na agressividade que encontrei uma forma de ser respeitado e, mais tarde, até admirado.

A manutenção desse espaço precisava ser constante. Era necessário convencer a todos, inclusive a mim mesmo, de que isso fazia parte da minha natureza. A masculinidade não é uma mera identidade, mas um espaço afetivo, subjetivo e de poder que exige uma luta constante para que se permaneça digno de ocupá-lo, já que ela também depende essencialmente de questionar a masculinidade uns dos outros. Ou seja, é, na verdade, uma construção extremamente frágil, questionada, atacada e indagada por todos ao seu redor.

Mesmo entre as amizades que se formam entre os sancionados como garotos, o clima é de constante vigília; qualquer amigo, a qualquer momento, pode apontar uma falta que ameaça a sua masculinidade e sua posição de poder. A estabilidade dessa masculinidade era constantemente testada. Bastava um gesto, uma recusa, uma maneira de falar, alguma proximidade excessiva, qualquer coisa que pudesse ser tomada como feminina ou homossexual para que aquilo que parecia garantido voltasse a ser colocado sob suspeita.

As piadas faziam parte dessa fiscalização. Questionar se o outro era homem, chamá-lo de mulherzinha, de viado, insinuar que desejava outros homens:

brincávamos com a possibilidade de retirar uns dos outros o reconhecimento que todos trabalhávamos para sustentar.

Assim, torna-se perigoso se expressar. O corpo enrijece, a capacidade de demonstrar ou de falar sobre sentimentos reduz, as amizades tomam esse caráter superficial em que ninguém fala, comenta sobre suas intimidades e ninguém sabe sobre o que o outro passa.

A masculinidade era imposta, sem que isso significasse que fosse simplesmente recebida. Era preciso conquistá-la, ser reconhecido nela e continuar merecendo esse reconhecimento. Havia recompensas para quem conseguia ocupá-la, como eu que havia acabado de aprender, bem como havia a possibilidade permanente de perder posição.

É possível que, por isso, outros meninos fossem tão importantes para a produção de um homem. Não bastava que eu me considerasse um. Era diante deles que determinados gestos adquiriam valor, que uma agressão podia virar prova de força, que suportar a dor podia produzir reconhecimento, que um movimento podia ser ridicularizado como feminino. Éramos, ao mesmo tempo, companheiros e fiscais uns dos outros.

Essa vigilância não terminava na quadra, tampouco a educação necessária para produzir aqueles corpos precisava receber o nome de educação. Eu não frequentava aulas de masculinidade. Ninguém precisava explicar que estava nos ensinando a ser homens enquanto separava meninos e meninas, distribuía espaços, recompensava determinadas atitudes e ridicularizava outras. Aprendíamos sem que aquilo precisasse aparecer como aprendizado. Talvez, por isso, me cause algum estranhamento encontrar hoje algo que se apresenta quase sem disfarces: homens pagando para aprender a ser homens.

Nas últimas décadas, cursos e grupos voltados explicitamente à formação masculina passaram a oferecer aquilo que, na minha infância, circulava disperso entre escola, família, amizades e tantos outros espaços. Pela lógica do processo de naturalização, algo como um curso formalizado sobre masculinidade que se paga mensalidade, inscrição, participa de dinâmicas e palestras parece contraditório, por escancarar o processo de construção, criação e educação.

Se há algo que precisa ser ensinado, treinado, exercitado e recuperado, como pode esse mesmo algo continuar sendo apresentado como natureza? No entanto, o contorno discursivo que se dá é que nossa sociedade se corrompeu a tal ponto, que precisamos ter um esforço ativo no resgate da masculinidade. Como está no site do curso O Farol e a Forja do ator Juliano Cazarré:

“Disseram a eles, desde pequenos, que sua natureza era um problema. Que sua força era opressão. Que sua masculinidade era tóxica. E então veio a confusão.”[71]

Tal curso diz não ser um congresso religioso, mesmo que cristianismo seja um termo central na sua divulgação e que vários dos palestrantes sejam padres ou pastores. Diz não ser evento de autoajuda por não ter um coach com frases de efeito, mesmo que o site inteiro seja feito de frases de efeito. Diz não ser movimento político por ser “sem militância, sem clube, sem agenda”, mesmo que se posicionem contrários às ideias feministas como na citação acima; que tenha os clubes divididos entre âncora, forjador e mestre; e que tenha data, local, programação e objetivos bem definidos.

Essas negativas não desfazem a contradição; ajudam a produzir o efeito de natureza que sustenta o discurso. Religião, política, mercado, técnicas de formação, hierarquias e exercícios podem estar todos presentes desde que apareçam apenas como meios para recuperar algo que supostamente já estava no homem. A produção consegue, assim, apresentar-se como resgate.

A criança viada foi se tornando cada vez mais só uma memória distante que também se escondia, estava cada vez mais me tornando o machinho que foi projetado para mim, aquele que não compartilha intimidades, que usa da agressividade para obter o que deseja, individualizado, que sofre sozinho. Entretanto, não havia uma masculinidade que se despertava em mim gradativamente. A agressividade, a força, a rigidez e a violência não eram signos exteriores de alguma verdade anterior ou interior do meu corpo. Havia uma escola. Havia uma quadra. Havia uma divisão entre meninos e meninas. Havia um professor. Havia meninos escolhendo outros meninos. Havia risadas, humilhações, elogios, punições, comemorações. Havia toda uma estrutura, um sistema elaborado para não simplesmente adestrar corpos, mas sim

[71] O Farol & a Forja, 2026.

para fabricá-los. Um dos mecanismos mais explícitos desse design ocorria dois dias por semana, todo mês, por anos.

É nesse sentido que a noção de performatividade de gênero de Judith Butler me ajuda a retornar àquela quadra. Para Butler, gênero não é a expressão exterior de uma essência que já estaria pronta no interior do sujeito. Aquilo que parece revelar uma identidade anterior é produzido por atos que, ao serem reiterados no interior de normas sociais, adquirem a aparência de expressão dessa identidade. O gesto parece mostrar uma "essência" que, em sua própria repetição, ajuda a fabricar.[72] Tal qual um juiz que, ao bater o martelo, declara "Está aberta a sessão". A sessão não existia antes dessa declaração, é justamente no ato de declarar, que ele cria aquilo que supostamente estaria apenas iniciando. Os atos performativos são atos que produzem a realidade a qual pretendem representar.[73]

A agressividade podia então aparecer como signo de alguma coisa anterior a ela: eu agredia porque era agressivo; agredia porque era homem; era agressivo porque era homem. Mas essa é justamente a inversão que o conceito de performatividade permite perturbar. Butler afirma que atos, gestos e atuações são performativos porque a essência ou a identidade que supostamente expressam são, elas próprias, "fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos"[74].

Minha agressividade parecia expressar alguma coisa sobre mim precisamente quando começava a esconder a história de sua fabricação. A canelada podia aparecer como prova de uma masculinidade porque desapareciam dela a quadra, o professor, os colegas, as escolhas dos times, as humilhações anteriores, os elogios posteriores. O efeito da produção era devolvido como sua própria causa.

Os efeitos da repetição não dependiam exclusivamente de um ato se repetir muitas vezes. Cada ato encontrava um campo de normas e de relações que o antecedia, mas que também precisava desses atos para continuar existindo, reiterar-se e se transformar. A escola não apenas colocava meninos para jogar futebol; separava os corpos, destinava a eles espaços diferentes, investia de maneira desigual

[72] Butler, 2014.
[73] Idem.
[74] Idem, p. 235.

nesses espaços, contratava um professor que encarnava e fiscalizava determinada masculinidade e organizava uma dinâmica em que os próprios meninos aprendiam a medir, selecionar e hierarquizar uns aos outros. A cada escolha dos times, não se distribuíam apenas jogadores. Reiteravam-se critérios pelos quais alguns corpos adquiriam valor enquanto outros apareciam como insuficientes. Ao mesmo tempo que aprendíamos a nos movimentar dentro daquela organização, nossos próprios atos continuavam produzindo-a.

Nenhum desses gestos, portanto, começava em si mesmo. Encontrava um mundo que já distribuía posições, estabelecia diferenças, organizava expectativas, e, simultaneamente, ao reiterá-las, participava da continuidade desse mundo. É também por isso que nem toda repetição precisa produzir o mesmo resultado: reiterar uma norma nunca é simplesmente reproduzi-la de maneira idêntica. Há deslocamentos, falhas, excessos e outras possibilidades de repetição capazes de modificar aquilo que parecia estabilizado. A performatividade participa, assim, tanto da sedimentação das normas quanto da possibilidade de sua transformação.

Isso não significa, porém, que todas as repetições encontrem as mesmas condições para produzir efeitos. Naquela escola, determinados gestos encontravam toda uma organização que os fazia reverberar: espaços, investimentos, autoridades, divisões, hierarquias, recompensas e punições convergiam na produção de determinadas formas de masculinidade. Um gesto que reiterava essa direção não começava do zero nem terminava em si mesmo; encontrava uma longa cadeia de práticas que o tornava reconhecível e ampliava seus efeitos. Repetidos e sustentados nesse campo de forças, esses atos iam sedimentando aquilo que depois aparecia como identidade: não apenas uma maneira de ser reconhecido pelos outros ou de reconhecer a si mesmo, mas participando da própria produção do corpo, de suas capacidades, relações e formas de existência.

Habitar um corpo não diz respeito apenas àquilo que acontece nos limites de sua pele. A masculinidade produzia uma maneira de andar, falar, tocar e reagir, bem como participava dos lugares que eu ocupava, das pessoas de quem me aproximava, daquelas de quem aprendia a me afastar, das relações que conseguia construir. Na escola, separar meninos e meninas não significava apenas colocá-los em quadras diferentes. Separavam-se esportes, brincadeiras, interesses, gestos, intimidades,

maneiras de tocar outros corpos e de serem tocados por eles. Pouco a pouco, essas divisões também compunham aquilo que meu corpo conseguia encontrar no mundo.

De todos esses gestos que aprendemos a reconhecer como possíveis ou estranhos, um particularmente banal me leva ao meu pai: empurrar um carrinho de bebê.

Era um sábado pela manhã. Um dos meus irmãos passou na casa dos meus pais para deixar meu sobrinho sob os cuidados de minha mãe. Era comum isso acontecer, pois meu irmão e sua esposa aproveitavam esse tempo para resolver coisas que não conseguiram durante a semana e passear um pouco sem precisar estar cuidando do filho. Minha mãe adorava aproveitar esse tempo com o único neto na época, que ainda era bem pequeno. Passava a manhã cuidando e brincando com ele e, depois, preparava o almoço.

Meu pai nem sempre estava em casa. Eu já não morava mais com eles, morava em outro estado, onde cursava minha graduação. Dessa vez, estávamos meu pai e eu em casa quando minha mãe precisou sair para resolver algumas coisas e encontrar alguém. Só voltaria para preparar o almoço. Ficamos encarregados de cuidar da criança e de ir à feira comprar o que ela precisaria para cozinhar.

Era um dia bonito, ensolarado, com uma temperatura bem agradável. Achei que seria ótimo aproveitarmos para passear na feira com meu sobrinho, que na época deveria ter uns dois anos. Propus ao meu pai que fôssemos todos juntos, em vez de alguém ficar em casa cuidando dele enquanto o outro fazia as compras. Arrumei as poucas coisas de que poderíamos precisar, já que não demoraríamos, e a feira ficava a um quarteirão de distância.

Descemos as escadas com a bolsa de coisinhas do meu sobrinho e o carrinho de bebê. Ele já sabia andar, mas cansava rápido, então o carrinho seria importante para quando isso acontecesse e não precisássemos carregar as compras e a criança nos braços. Como já havia descido as escadas com ele no colo, montei o carrinho na calçada, coloquei-o no chão e segurei sua mão.

Pedi ao meu pai que empurrasse o carrinho enquanto eu andava de mãos dadas com meu sobrinho. Fiz o pedido quase de forma retórica, sem esperar uma resposta, e já aproveitei o movimento calmo da rua para atravessá-la.

— Quê? Não.

Freei o movimento, voltei para a calçada e tentei entender o que estava acontecendo. Algum problema com o carrinho? Má vontade de ajudar? Olhei para ele, não vi nada de errado e repeti:

— Leva o carrinho, que eu estou com a bolsa e vou andando com ele aqui. Novamente a recusa.

Olhei para meu pai com o olhar indignado, mas não encontrei a expressão de alguém fazendo birra, com má vontade ou tentando me irritar por algum motivo cômico. Vi um corpo desconcertado. O olhar esquivo, uma mistura de vergonha, indignação e confusão.

— Não. Não vou pra feira empurrando um carrinho de bebê.

Minha indignação deu lugar à surpresa. Aquele corpo reagia de uma forma que eu não lembrava de ter visto antes.

— Mas qual é o problema?

— Eu ficar andando com carrinho por aí? Não, nem pensar.

— Mas qual é o problema? É só enquanto ele não cansa de andar. Logo, logo eu coloco ele no carrinho e fico empurrando.

— Não. Eu empurrar carrinho de bebê na feira? Isso é coisa da sua mãe, da mãe dele... Que que o povo... Deixa que eu ando com ele então. Carrinho eu não empurro.

Fiquei espantado com o que estava presenciando. Não havia espaço para alguma insistência, porque o que eu estava vendo não era simplesmente falta de vontade. O corpo estava rígido, desconcertado, sem saber para onde olhar ou como se portar. Empurrar aquele carrinho parecia uma coisa de outro mundo, alheia. Um

tanto quanto impossível. Era como se não houvesse, naquele corpo, capacidade para um gesto tão banal.

A cena me fez perceber que eu estava olhando para a produção de um corpo sobretudo pelo que ele aprendia a fazer. A canela aprendia a atacar, a mão a agarrar, a voz a ameaçar. Mas meu pai estava ali, diante de um carrinho de bebê, me mostrando outra coisa. Um homem adulto parecia não encontrar em seu corpo possibilidade para sustentar aquele gesto. Ele tinha braços, tinha força e sabia empurrar objetos. Ainda assim, mover aquele carrinho parecia exigir dele uma força que não havia. No entanto, havia força demais agindo sobre o que significava empurrá-lo.

Nem mesmo andar de mãos dadas com o neto apareceu de imediato como alternativa. Meu pai havia saído conosco, mas até então parecia apenas acompanhar o passeio. Eu carregava a bolsa, cuidava do meu sobrinho e organizava o que precisávamos para fazer as compras. Quando lhe entreguei uma função naquela pequena operação, descobri que justo aquela não servia. Foi só depois da minha insistência, quando percebeu que alguma coisa teria que fazer, que ele encontrou uma saída: “Deixa que eu ando com ele então”. Entre empurrar um carrinho de bebê pela feira e segurar a mão de uma criança, uma delas era possível, a outra não.

Era curioso. A masculinidade tinha exigido de mim tanto treinamento para produzir capacidades: aguentar, enfrentar, atacar, não recuar, demonstrar força. Mas também podia produzir um homem adulto que ficava desconcertado diante de quatro rodas e um pedaço de tecido. Meu pai podia empurrar aquele carrinho. Não havia nada de errado com seus braços. O problema era que alguns gestos tinham sido empurrados para tão longe das possibilidades daquele corpo que realizá-los parecia um absurdo. A performatividade não produzia apenas capacidades, também produzia limites.

Depois, comecei a me perguntar até onde aquela recusa chegava. Porque meu pai não tinha dificuldade apenas com carrinhos de bebê. Voltar àquela cena me fazia pensar também na maneira como meu pai havia ocupado a paternidade. Ele trabalhou, proveu, sustentou uma casa. Essas coisas ele sabia fazer, e elas pareciam bastar para ocupar o lugar de pai. Mas sabia muito pouco sobre outras coisas bastante

menores: o que eu gostava, o que eu não gostava, o que eu comia ou não comia, quem eram meus amigos, o que acontecia comigo.

Não quero transformar o carrinho numa chave mágica capaz de explicar quem meu pai foi. O que me interessa é que, depois daquela cena, certas ausências começaram a aparecer juntas. Havia coisas que ele fazia quase sem precisar pensar e outras diante das quais parecia não saber nem onde colocar as mãos. Prover cabia. Trabalhar cabia. Sustentar cabia. Certas formas de cuidado, intimidade e proximidade pareciam exigir uma negociação muito maior. E, talvez, o mais estranho seja que isso não fazia dele menos pai. Durante muito tempo, ajudava, justamente, a fazê-lo reconhecível como um.

E se o carrinho me fazia enxergar isso no corpo do meu pai, voltava agora o olhar para mim mesmo, procurando também aquilo que havia se tornado estranho. Eu já havia falado daquilo que aprendi: a canela atacava, a mão agarrava, o corpo se enrijecia, a voz ameaçava. Mas aprender essas coisas também modificava o que aquelas mesmas mãos, pernas, músculos e voz conseguiam fazer em outras relações. A mão que aprende a agarrar pode também desaprender a acariciar. Um corpo treinado para não recuar pode já não saber muito bem como se aproximar. A voz que aprendia a ameaçar perdia a capacidade de pedir ajuda.

Isso também acontecia entre os corpos dos quais eu me aproximava e aqueles dos quais ia me afastando. Eu aprendia a estar com outros meninos. Aprendia nossas brincadeiras, nossas disputas, a provocação, a violência, as maneiras de demonstrar que aguentava, de esconder o que não podia aparecer, de vigiar a masculinidade e a heterossexualidade deles enquanto eles vigiavam as minhas.

Com as meninas que haviam sido separadas de nós, eu tinha menos intimidade, menos experiências compartilhadas, menos maneiras de me aproximar sem que a diferença entre nós já estivesse posta no encontro. Depois de tanto fabricar diferenças, a distância produzida podia então aparecer como evidência de que éramos, afinal, naturalmente diferentes. Meninos com meninos. Meninas com meninas. Tudo muito natural, desde que ninguém questionasse quanto trabalho tinha sido necessário para fazer aquilo parecer natureza.

Tal natureza é proferida como um veredito, antes mesmo do meu nascimento já se é declarado o meu destino ou minha sentença: “É menino!”

O médico, nos primeiros estágios de uma gestação já está procurando em meu corpo em formação quem eu serei, qual o meu papel a desempenhar e que caminho devo seguir. Um veredito que se alojou nos meus pais, se alojou no meu corpo, se alojou no meu espírito, se alojou no meu coração e me alojou no humano. Marcou o que eu seria aos olhos dos outros, em que lugar me situaria no espaço social, quais normas, valores e hierarquias eu encontraria.

A sentença proferida para além de dizer a respeito do corpo que ainda iria nascer, dizia algo sobre meus pais e sobre aquilo que se esperaria deles na relação comigo. Não bastava que tivessem recebido um menino; agora precisavam participar do trabalho de fazer com que ele continuasse sendo um. Passava a ser demandado deles como deveriam me educar, quais comportamentos que precisariam estimular, quais seria preciso corrigir, quais interesses que poderiam celebrar e diante de quais deveriam se alarmar. O veredito não lhes entregava apenas um filho, mas também um fardo que pesaria sobre seus ombros até que, ao longo dos anos, me exigiriam carregar.

Meu pai já havia sido alcançado por outros vereditos muito antes de participar do meu. Ser homem, tornar-se marido, tornar-se pai: cada uma dessas posições vinha acompanhada de maneiras mais ou menos reconhecíveis de ocupá-las. Prover uma família, demonstrar força, suportar o sofrimento sem pedir ajuda, não depender demasiadamente dos outros, sustentar certa distância do cuidado e de tudo aquilo que pudesse ameaçar o reconhecimento de sua masculinidade. Se fosse cuidadoso demais, delicado demais, próximo demais; se deixasse sua masculinidade sob suspeita, talvez, já não fosse tão desejável aos olhos de minha mãe.

O veredito “É menino!” indicaria os espaços aos quais eu teria acesso e aqueles dos quais deveria manter distância; participava de como eu poderia ocupá-los, das companhias que encontraria e das relações que ali se tornariam possíveis. Pela reiteração cotidiana desse veredito, ia se compondo a sensibilidade do meu corpo: aquilo que me afeta ou diante do que aprendo a permanecer indiferente; como me posiciono nas relações; como respondo à dor, ao sofrimento, à tristeza ou à raiva;

aquilo que consigo desejar; e as maneiras pelas quais consigo me aproximar do que desejo. A sentença não organizava apenas o lugar que eu deveria ocupar no mundo; participava da produção do corpo que poderia existir naquele lugar e do mundo que esse corpo seria capaz de encontrar.

Ser declarado homem me tornava inteligível dentro de uma classificação que não distribuía apenas gêneros, mas participava da própria delimitação de quais corpos poderiam aparecer como reconhecivelmente humanos. O veredito não dizia apenas onde eu deveria estar; ele participava das condições pelas quais eu poderia ser reconhecido.

O médico que pronunciou aquelas palavras não inventou a sentença. Nem poderia. Didier Eribon escreve que as palavras que nos condenam guardam um "caráter de citação": repetem atitudes e declarações anteriores a quem as pronuncia. Por meio delas, faz-se ouvir aquilo que, recuperando Kafka, ele chama de "tribunal invisível e sempre inacessível", cujas sentenças "nos precederam, [...] nos enredam, nos envolvem, nos acompanham, nos julgam e nos condenam sem nenhuma explicação".[75]

A voz tem dono; a sentença, não. Ela passa pelo médico, pelos pais, pela escola, pelos amigos, pelos amantes, pelos estranhos. Passa, inclusive, por nós. Repetimos sentenças que não escrevemos e podemos nos tornar fiscais de lugares aos quais nós mesmos fomos condenados. Não há necessidade de uma grande cerimônia para que o tribunal funcione. Às vezes, basta uma risada, um elogio, uma recusa, um olhar que demora um pouco mais do que deveria.

Há ainda uma crueldade particular nisso: o veredito pode deixar de parecer um veredito. Eribon escreve que aquilo que destina os indivíduos a cargos, a funções e a "lugares" se renova de geração em geração e, na maior parte das vezes, não é sequer contestado; é aceito e reivindicado como uma obviedade que não faria sentido questionar.[76] Talvez, seja justamente quando uma sentença consegue se apresentar como obviedade que ela trabalhe melhor.

[75] Eribon, 2022, p. 113.
[76] Eribon, 2022.

Meu pai não precisava receber diariamente uma ordem para ser determinado tipo de homem ou de pai. Eu também não precisava ouvir todos os dias que deveria reproduzir alguns gestos, relações e sensibilidades e me afastar de outros. O veredito se renovava pelo próprio fato de poder passar a ser reivindicado por nós mesmos. Aquilo que havia sido destinado podia ser desejado, defendido, incorporado, transmitido.

Não havia ninguém na calçada impedindo meu pai de empurrá-lo. Ninguém o havia proibido. Ninguém sequer parecia prestar atenção em nós. Ainda assim, quando lhe entreguei o carrinho, uma multidão e a sentença do tribunal apareceram: “Que que o povo...”.

Aquela interrupção dizia muito sobre a eficiência de uma sentença que já não precisa ser pronunciada por ninguém em particular. Meu pai podia antecipar o julgamento, encontrar os olhos do que o julgava mesmo quando nenhum olho o observava e ajustar o próprio gesto antes que qualquer acusação fosse feita.

Enquanto a performatividade de Butler nos ajuda a compreender como somos continuamente constituídos por atos que, em sua repetição, produzem efeitos de realidade, Eribon chama atenção para os lugares socialmente constituídos aos quais somos destinados antes mesmo que possamos os escolher. Há posições que nos precedem, sentenças sobre os caminhos que deveríamos trilhar e sobre as vidas que nos caberiam viver. Isso não significa que a capacidade de produzir realidade dos atos performativos esteja apenas a serviço da norma. Se a realidade precisa continuar sendo produzida, sua repetição comporta diferenças, deslocamentos e possibilidades de desvio. Mas nenhum ato acontece solto no mundo; encontra uma estrutura social e política que o ampara, o reconhece, o recompensa e permite-lhe reverberar; outros encontram resistência, punição ou condições muito mais precárias para produzir seus efeitos. O veredito destina, mas precisa da performatividade para continuar adquirindo realidade; a performatividade produz, mas suas repetições encontram um mundo já atravessado por vereditos.

A sentença não se apresentava em mim sem conflito. Algo vazava, escorria, insistia em aparecer onde não deveria. Um desejo atravessava as fronteiras que eu

havia aprendido a vigiar. Aos dezesseis anos, eu não aguentava mais, algo precisava ser extirpado.

Eu queria viver. Tinha uma faca na mão.

Era outra tarde no meio da semana. Eu estou sozinho em casa outra vez. O final de semana ainda longe, meus amigos ocupados, as horas não passam. Eu conhecia aquelas tardes. Era nelas que, anos antes, os pensamentos corriam: garotas, garotas, garotos, garotas, garotas, garotos.

Eu tinha aprendido a desaparecer. Falava pouco, escondia o que desejava, tentava não deixar nada escapar. A agressividade endurecia alguns gestos, a masculinidade encontrava onde se acoplar, compondo as formas pelas quais eu aparecia para os outros e regulando aquilo que eles poderiam alcançar. Uma angústia, uma agonia permanecia e colocava em risco a minha capacidade de desaparecer.

Agora tenho dezesseis anos.

Garotas, garotas, garotos, garotos, garotos, garotos, garotos.

Estou na cozinha. As lágrimas escorrem. A faca pesa na mão.

Levo-a ao pênis.

Meu peito aperta. O ar mal encontra caminho por onde passar. Os músculos se contraem. Preciso de uma força absurda para permanecer parado. Tudo ao redor perde contorno. Já não presto atenção na casa, na tarde. O mundo some. Só o que fica é:

A faca. Meu pênis. O golpe.

Quero cortá-lo fora de uma vez.

Eu queria viver. Já não suportava viver com ele.

“Se um dos teus olhos te faz pecar, arranca-o, e lança-o fora de ti, pois melhor é entrares na vida com um olho só, do que, tendo os dois, e seres lançado no fogo do inferno.”

(Mt 18:9)[77]

A perversão parecia ter encontrado no meu próprio corpo um lugar para se instalar. A ereção denunciava desejos que eu passara anos tentando esconder, desejos que me afastavam do macho que havia aprendido que naturalmente deveria ser. Meu pênis, uma parte constitutiva do meu corpo biológico, tornava-se então um inimigo da minha própria natureza. Um outro a mim mesmo. Tornava-se o canal por onde era eu invadido por afetos repulsivos que, pouco a pouco, consumiam, digeriam aquele "eu" tão bem montado. Esses outros tão distintos de mim, esses desejos tão estranhos, precisavam ser arrancados, lançados fora. A operação parecia brutalmente simples: se o desejo encontrava passagem por aquela parte do corpo, era aquela parte que eu precisava extirpar. Sem ela, talvez finalmente conseguisse me vedar. Impedir o vazamento. Evitar o contágio.

A faca tornava visível uma operação que até então havia trabalhado de maneiras muito mais discretas. Para preservar a coerência daquele corpo, alguma coisa precisava permanecer do lado de fora. Quando o exterior aparecia dentro, quando o desejo atravessava uma fronteira que deveria separá-lo de mim, já não bastava esconder. Era preciso cortar.

Muitos anos depois, durante o próprio processo de mestrado, em uma das aulas que ministrava no estágio docente da disciplina de Introdução à Psicologia da Aprendizagem, eu levei o conceito de performatividade de Butler para trabalhar, com a turma, aprendizagem e formação por uma outra perspectiva. Para ilustrar melhor o conceito que estava apresentando, eu contei aquela história da escola, de como fui me tornando agressivo, de uma entrada violenta durante uma partida de futebol, das ameaças que vieram depois, do medo que os outros passaram a ter de mim; de como alguns gestos começaram a ser reconhecidos, esperados e repetidos até que a agressividade parecesse uma característica minha. Uma posição que eu aprendia a ocupar e precisava continuar sustentando.

[77] BÍBLIA, 1993.

Uma das alunas ficou muito surpresa com a narrativa, parecia difícil para ela acreditar que aquela história era dessa pessoa diante dela.

— Nossa, mas você?! Agressivo? Esse doce de pessoa que você é, difícil imaginar...

Algo muito próximo disso. Não lembro suas palavras exatas, lembro do espanto, de me chamar de doce e fazer um gesto como que apontava para meu corpo como um todo e eu ficando sem graça.

Fui pego desprevenido, não esperava alguém estranhar a agressividade em mim. Por muito tempo, ela chegava antes. Eu a vestia, queria limitar essa aproximação do outro, que foi tão hostil. Intimidá-lo antes que chegasse perto. Por muito tempo, manter os outros afastados também foi uma maneira de me proteger.

Não soube como reagir. Meu corpo travou por um instante. Depois ri, meio sem jeito, com um certo alívio e contentamento.

Não consegui responder. Outro aluno começou a falar e segui com a aula, porém, comigo mesmo, uma frase se formou muito claramente:

— Deu muiiiito trabalho.

Não passei os anos seguintes retirando camadas até encontrar alguma versão mais verdadeira de mim. Nem fui quebrando uma masculinidade e uma agressividade por conta de uma essência bondosa que residia em mim. Essa agressividade teve seu lugar e sua importância. Em certo período, ela me ajudou a sobreviver. Não só, mas foi também uma defesa diante da hostilidade e da violência direcionadas a mim.

No entanto, ao longo dos anos dessa adolescência, isso que me ajudou a sobreviver certo momento foi se tornando uma outra ameaça a mim mesmo. Passei a experienciar um abandono afetivo por parte da minha família, que só descobri que tinha a ver com minha sexualidade mais de dez anos depois por uma confissão (sem qualquer remorso) de minha mãe. Segundo ela, foi uma tentativa de mudar o curso das coisas, de impedir o desenvolvimento de uma sexualidade pecaminosa.

Justamente, aquilo que eu havia me esforçado tanto para não deixar aparecer. Eu havia aprendido a desaparecer, vestido a brutalidade, tentado me fazer mais impermeável. Fracassei miseravelmente.

Tal abandono produziu em mim a necessidade de criar vínculos mais profundos, mais íntimos, mais sinceros e afetuosos. Mas havia alguns problemas: o medo, a violência e a intimidação que durante tanto tempo me ajudaram a manter os outros afastados continuavam funcionando.

A agressividade continuava fazendo exatamente aquilo que havia aprendido a fazer: afastar. Eu sobrevivia por manter os outros afastados, porém agora a sobrevivência precisava de aproximação.

Eu tinha um grupo de amigos, alguns, desde a infância, outros, talvez, até conquistados pelo reconhecimento e pelo respeito derivados daquela postura de “homem”. Não me faltavam relações. Mas eu precisava que algumas delas chegassem a lugares que, até então, só a família alcançava. Havia um limite, uma barreira que durante muito tempo eu mesmo ajudara a construir e que agora precisava desmontar.

Se aquela aluna já não conseguia reconhecer no meu corpo o menino que eu havia narrado, era porque a construção que era aquele “menino” passou a incluir uma outra operação.

Ao questionar as atitudes, as masculinidades ou as sexualidades dos meus amigos, assumindo também, para mim, alguma função naquele tribunal que distribuía seus vereditos, eles se afastavam, encolhiam e recuavam. Quando eu recorria à violência para impor respeito, as brincadeiras paravam, os momentos juntos terminavam mais cedo. Aquilo continuava funcionando: eu intimidava. Só que agora produzia exatamente o contrário do que precisava.

Passei a querer saber mais sobre eles. O que estavam vivendo, quais problemas enfrentavam, como se sentiam. Queria conhecer suas famílias, participar mais de suas vidas, conseguir permanecer perto. E isso exigia de mim coisas para as quais aquele corpo havia sido muito pouco treinado.

Quando comecei a escutar os problemas dos meus amigos, fui percebendo que ter uma resposta pronta, muitas vezes, fazia a conversa terminar. Algumas certezas que eu havia aprendido a carregar também não ajudavam ninguém a chegar mais perto. Era preciso escutar mais, perguntar, dialogar, suportar não saber o que dizer.

Aos poucos, comecei a me vestir também de simpatia. Se antes eu queria que meu corpo avisasse que era melhor não chegar muito perto, agora tentava fazer dele um convite à aproximação.

Passei a me importar cada vez mais com o outro, a querer ajudar, às vezes, a todo instante. Demorei para perceber que a insistência também podia afastar. Aquilo que eu fazia para produzir aproximação também podia sufocar. Demorei para perceber que se esforçar muito não garante reciprocidade. Não havia encontrado a forma correta de me relacionar, a melhor forma de estar com os outros. O movimento continua.

Eu não era apenas aquele sobre quem o veredito havia sido pronunciado. Havia aprendido a pronunciá-lo. Fiscalizava nos outros aquilo que, durante tantos anos, aprendera a fiscalizar em mim. Mas, se a sentença podia encontrar em mim mais uma boca por onde circular, quem sabe eu pudesse encontrar alguma resistência. Questionar o veredito, para Eribon, já significa retirar dele alguma coisa de sua evidência e recorrer da sentença. O problema é que não há tribunal superior ao qual apresentar esse recurso. A resistência precisa acontecer simultaneamente em nós e no mundo social, enfrentando aquilo que o passado continua fazendo no presente e trabalhando para “a invenção de novos possíveis”[78].

Não havia uma sentença que eu pudesse simplesmente anular, porque seus efeitos já compunham meu corpo. Recorrer dela exigiria trabalhar neste mesmo terreno: nas relações que compunham meu corpo e naquelas que eu passaria a compor; nos gestos que meus braços aprenderiam a fazer e nos músculos que seriam convocados para produzi-los; nas sensibilidades que seriam fabricadas e naquilo para que meus poros se abririam e me tornariam permeável; nas maneiras de tocar, acariciar, de me deixar tocar e me entregar; nas pessoas, nos espaços e nas práticas

[78] Eribon, 2022, p. 203.

que passariam a compor meu cotidiano. Se o veredito havia produzido corpo, resistir a ele seria produzir outras corporeidades.

Contudo, questionar o veredito não me colocava fora daquilo que ele havia produzido. Não existia um lugar anterior à sentença para o qual eu pudesse retornar, assim como não havia, sob a agressividade e a masculinidade, uma versão mais verdadeira de mim esperando para ser libertada. Eu precisava trabalhar com aquilo que já havia sido feito.

O corpo para o qual aquela aluna apontava também tinha uma história de produção. Mas quem o produziria de outro modo? Não havia um eu preservado do lado de fora da masculinidade, intacto ao que ela havia feito, capaz de decidir desmontá-la. A própria necessidade de transformação surgia de dentro daquilo que havia sido produzido. O corpo que aprendera a afastar os outros passou a precisar deles por perto; os atos que haviam servido à minha proteção começaram a dificultar relações das quais eu também dependia. Ser produzido, no entanto, não significava estar condenado a permanecer idêntico aos efeitos dessa produção. Como afirma Butler, “o fato de uma identidade ser um efeito significa que ela não é nem inevitavelmente determinada nem totalmente artificial e arbitrária”[79]. É porque aquilo que parecemos ser precisa continuar sendo produzido que outras possibilidades podem disputar essa produção. Certamente, é neste espaço que o programa político proposto por Eribon ganha corpo: não apenas resistir ao veredito de maneira “reativa e negativa”[80], mas trabalhar na criação de significados “positivos e inventivos”[81].

Nesse cenário, produzir outra coisa não significava simplesmente fazer o contrário. Eu não precisava trocar agressividade por doçura, distância por proximidade, masculinidade por alguma forma acabada de seu avesso. Precisava produzir outros efeitos. Algumas tentativas aproximavam; outras faziam recuar. Minha insistência em ajudar, que já não era a ameaça com que antes impunha distância, também podia sufocar e afastar. Nenhuma forma correta esperava para substituir a anterior. Havia relações devolvendo efeitos, exigindo novas variações.

[79] Butler, 2015, p. 253.
[80] Eribon, 2022, p 202.
[81] Idem.

Outras relações, outras repetições e outros encontros participaram dessa produção. Eu havia aprendido, junto a outros, a fazer outras coisas com aquilo que fizeram de mim.

Butler termina Problemas de gênero[82] perguntando quais estratégias locais de combate àquilo que uma cultura produz como “inatural” podem participar da própria desnaturalização do gênero. Não encontro nas minhas experiências uma estratégia previamente formulada para essa batalha. Eu não estava empenhado em realizar um programa político de subversão da masculinidade. Outras necessidades se impuseram de maneira muito mais imediata. E aquilo que aprendera a fazer para sobreviver já não dava conta de produzir a vida de que eu precisava.

Foi no interior dessas necessidades bastante ordinárias que algumas repetições começaram a falhar e outras possibilidades puderam ser experimentadas. Não abandonei o terreno em que aquela masculinidade havia sido produzida. Não havia lado de fora para onde fugir. Foi ali mesmo, nas relações, nos gestos, nos afetos, nos modos de me aproximar e de permitir aproximação, que comecei a produzir diferença.

Isso não significa que eu tenha me tornado inofensivo. Não pretendo e nem me interessa. Se precisei desfazer uma agressividade que participava da produção de uma masculinidade normativa, não foi para ocupar em seu lugar a docilidade que talvez se exija na feminilidade normativa. Não quero trocar uma norma pela sua contraparte. Estamos em guerra e é preciso saber guerrear. Sendo alvo, não posso me dar o privilégio de ser inofensivo.

Há violências que trabalham para fazer dessa assimetria uma condição duradoura: não querem apenas vencer um conflito, querem organizar quem poderá continuar por cima e quem deverá permanecer embaixo.

É nesse ponto que Mombaça volta a me interessar. Redistribuir a violência não pode significar apenas inverter seus vetores e conservar intacta a estrutura que fazia alguns corpos seus alvos preferenciais.[83] Não quero produzir outra população destinada à submissão, nem reivindicar para mim o lugar daquele que pode violentar

[82] 2015.
[83] Mombaça, 2021.

sem consequências. A violência masculina que aprendi não produzia apenas distância: participava de uma ordem em que o feminino precisava ser inferiorizado, em homens e mulheres, no qual qualquer desvio podia ser corrigido pela ameaça, pelo medo ou pela força. A homofobia que me alcançou e a transfobia que me aterroriza não exercem força para apenas me ferir em um momento específico; quer me devolver a um lugar, corrigir meu desejo, fazer da heterossexualidade e da cisgeneridade a medida diante da qual eu apareceria como errado, doente, pecaminoso, inferior ou monstruoso.

Se alguma agressividade permanece, se alguma violência ainda precisa ser mobilizada, interessa-me sua capacidade de barrar, frear, interromper a violência que procura me submeter. Reagir não para fazer do outro um inferior, mas para impedir que sua força continue encontrando em mim um corpo obrigado a se curvar. Não se trata de pacificar o conflito. Trata-se de alterar o caminho desigual que a violência percorre.

Não se tratava, então, de arrancar de mim a força, mas de fazê-la operar de outro modo. E, talvez, esse tenha sido um dos aprendizados mais difíceis para quem, aos dezesseis anos, acreditou que extirpar uma parte do corpo poderia resolver o que nele parecia insuportável.

Nem tudo aquilo que eu quis arrancar de mim poderia ser alcançado por uma faca. Aos dezesseis anos, diante daquele corpo que parecia contradizer a si mesmo, cortar ainda parecia uma solução possível: localizar o problema, separar a parte, extirpar, vedar a abertura. Mas não havia órgão que eu pudesse remover para arrancar de mim o veredito, a masculinidade, a violência, o medo ou os anos em que aprendi a fazê-los funcionar. Aquilo que fizeram de mim não estava guardado em uma parte que pudesse ser lançada fora. Estava nas relações que me compunham, nos gestos que meu corpo sabia fazer, nas sensibilidades que haviam sido fabricadas, nos desejos, nos medos, nos modos de tocar, afastar, ferir e permitir aproximação. Não havia corte suficientemente preciso.

Talvez eu tenha demorado muito tempo para trocar a pergunta. Em vez de continuar procurando o que precisava ser arrancado, passei a me interessar pelo que poderia ser feito com aquilo que estava ali. Que outros usos uma força poderia

encontrar? A que outras forças poderia se juntar? Que conexões aumentariam ou alterariam as capacidades de um corpo? Que partes poderiam se encontrar sem que precisassem formar uma unidade? Se não havia uma natureza a recuperar nem uma peça defeituosa a extirpar, restava experimentar composições. Outros corpos, objetos, práticas, desejos, tecnologias. Fazer conexões. Produzir outros efeitos.

Meu interesse já não está mais só no corte, mas naquilo a que um corpo pode se acoplar.

4 MAQUINAÇÕES CONTRASSEXUAIS

> Eu ainda não vi nada, mas sei que o prazer não vem do corpo, seja masculino ou feminino, e sim da encarnação prostética, da interface, ali onde o natural e o artificial se tocam (Preciado)[84]

O calor dos trópicos nos convidou a reagir.

Nossa brasilidade nos guiou à resposta mais comum: carne, carvão, cerveja, cachaça, limão e gelo. Eu e M.A. adorávamos receber amigos, compartilhar uma bebida bem gelada, cozinhar, preparar acompanhamentos e organizar o rolê. Tudo foi ocorrendo como se espera de um momento como esse. Convidamos amigos, planejamos o que seria feito, conferimos o que havia em casa e anotamos o que ainda precisava ser comprado, fizemos a lista de compras, compramos os itens necessários e a carne para churrasco.

O churrasco seria na casa de M.A. Durante a graduação, os pais custeavam sua moradia, o que lhe permitia viver ali sem dividir a casa com outras pessoas. Já com tudo em casa, com o espaço da garagem limpo e organizado, tínhamos a churrasqueira diante de nós e, ao lado dela, o saco de carvão ainda fechado. Até ali, nenhum dos nossos gestos mereceria ser contado. Repetíamos uma preparação tão conhecida que qualquer pessoa poderia adivinhar o que viria depois.

Tudo estava em seu lugar.

Diante da churrasqueira, porém, éramos duas bichas.

Para nós, dali em diante, quase tudo seria estreia. Se nós nunca havíamos feito uma comida na grelha, imagine a dificuldade que esses corpos iriam enfrentar para acender o carvão e manter o fogo.

Até aquilo que havia dado certo carregava um pouco da habilidade de outras pessoas. Acertamos na compra da carne, já que a carne que é boa para churrasco

[84] 2014, p. 207.

não é a que eu e M.A. tínhamos aprendido a usar para preparar nossas carnes cozidas, desfiadas e assadas no fogão. Fora isso, confiamos no açougueiro. Foi ele quem sugeriu o corte e entregou a carne preparada para, segundo suas palavras, “só pôr na grelha”. Antes mesmo de o churrasco começar, uma parte do trabalho já havia sido feita pelas mãos de um homem que sabia operar o que nós ainda não sabíamos.

Na cozinha, a situação era outra. Eu e M.A. conhecíamos as panelas, os temperos, o tempo de cada alimento e os pequenos consertos capazes de salvar uma receita. Havíamos aprendido observando nossas mães e cuidadoras, cozinhando muitas vezes, repetindo gestos, errando medidas, provando, corrigindo, como também acessávamos o cuidado vinculado a essa prática cotidiana.

Brincávamos:

— Para que aprender? Sempre tem um hétero para fazer por nós.

Nenhum dos convidados pudera estar presente, só restavam duas bichas. Abrimos o saco de carvão, o último gesto que realizamos com alguma segurança.

Pegamos o carvão, amontoamos no centro da churrasqueira, acrescentamos papel higiênico e aproximamos o fósforo. Vimos o papel queimar tão rápido que o carvão nem percebeu. Na segunda tentativa, sacrificamos quase um rolo inteiro. A chama cresceu, mas continuava queimando apenas o papel. No desespero de salvar o que já estava perdido, rasgamos uma embalagem que estava por perto e a jogamos sobre o fogo.

O resultado? Fumaça preta e cheiro químico de tinta queimada, mais nada.

Tentamos pão, óleo, álcool líquido e álcool em gel. A cada nova tentativa, nossa piada adquiria alguma verdade: um hétero[85] saberia o que fazer. Não porque essa habilidade esteja ligada à sua natureza, à sexualidade ou a algo que nasceu com ele, mas, pelo fato de que, ao longo de toda sua vida, foi imposto e demandado dele que

[85] O termo “hétero”, aqui, refere-se ao homem heterossexual. A palavra “homem” não é especificada por se compreender que uma identidade muito específica se forma na maioria dessas pessoas que foram declaradas como masculinas ao nascer, continuam se reconhecendo como tal e têm interesses afetivos e sexuais pela figura feminina. Por não romperem com o que a estrutura social patriarcal e cisheteronormativa exigiu, esses homens têm acesso a direitos e privilégios dos quais se espera que a maioria não tenha interesse em abdicar.

performasse certas ações e incorporasse certas características que o tornaram mais íntimo e conectado a essa prática.

A churrasqueira não era apenas o lugar onde se preparava a carne. Tratava-se também de um palco. Em torno dela, os homens exibem seus conhecimentos, comparam técnicas e disputam silenciosamente a posição daquele que sabe mais. É preciso saber qual corte comprar, como se acende o fogo, a que distância colocar a grelha, como reconhecer a temperatura e o momento exato de virar a carne. Até o sal produzia controvérsias: antes ou depois de assar, grosso ou de parrilha. Quase sempre alguém corrigia o gesto de outro homem. Quase sempre alguém possuía uma técnica mais verdadeira, um segredo aprendido com o pai, aprendido com um macho incontestável ou só expressava uma certeza que dispensava explicações.

O churrasco oferecia, assim, uma ocasião para que a masculinidade se tornasse espetáculo. O homem diante da grelha não preparava apenas comida: mostrava aos demais sua capacidade de dominar o fogo, a carne e os instrumentos. Ao mesmo tempo que alimentava os convidados, alimentava também uma imagem de si. Podia cozinhar duas vezes por ano, não saber preparar o arroz e o feijão dos outros dias e, ainda assim, apresentar-se como cozinheiro de mão cheia. Bastava que sua habilidade aparecesse no espaço certo, diante das pessoas certas e ligada aos objetos que tornavam seu gesto reconhecível como masculino.

A masculinidade é mais interessante de ser compreendida menos como uma identidade encerrada no sujeito do que como uma composição que conecta corpos, gestos, atos, afetos, desejos e posições sociais. Ela aproxima os corpos designados como masculinos da força, da autossuficiência, da autoridade, da competição e de um desejo heterossexual que subjuga o feminino, fazendo circular entre eles determinadas formas de reconhecimento. Não opera apenas por proibições: produz o prazer de ser reconhecido como homem, o desejo de afirmar domínio, a rivalidade com outros homens e a necessidade de sustentar continuamente uma posição de superioridade.

Entretanto, cada conexão que estabelece também exige cortes. A fragilidade, a dúvida, a dependência, a delicadeza, a expressão das emoções e a atenção às necessidades alheias têm sua circulação dificultada nessa operação constante,

sobretudo quando ameaçam aproximar esses corpos daquilo que foi, historicamente, estabelecido como feminino. Esses fluxos, contudo, não desaparecem: são desviados, contidos ou transformados em formas compatíveis com a masculinidade. O cuidado pode retornar como proteção, provisão ou controle; a emoção, como raiva; a atenção, como vigilância; a necessidade do outro, como exercício de comando. Aquilo que essa composição afasta dos homens é destinado às mulheres e aos corpos feminilizados, dos quais se espera disponibilidade para cuidar, escutar, alimentar, acolher e sustentar a continuidade da vida. Como nenhuma dessas conexões é definitiva, a masculinidade precisa ser continuamente refeita, confirmada e reconhecida. O homem faz o churrasco e, diante dos outros, o churrasco ajuda a fazê-lo homem.

A cozinha cotidiana produzia outra relação entre comida, gênero e reconhecimento. Nela, também havia conhecimento, instrumentos, domínio do fogo e transformação dos alimentos, mas não havia espaço para espetáculo. Cozinhava-se porque era preciso alimentar alguém e porque, depois daquela refeição, outra precisava ser preparada. O trabalho se repetia até se tornar obrigação do feminino e assumir o nome de cuidado, que, inclusive, é, muitas vezes, usado como estratégia de discurso para naturalizar e romantizar a submissão feminina. “Ela não trabalha, ela cuida da casa.” Se o churrasco permitia que um homem exibisse sua habilidade ocasionalmente, a cozinha exigia de mulheres e de outros corpos feminilizados uma competência diária que, por ser cotidiana, quase nunca era celebrada.

Foi desse lado que eu e M.A. aprendemos a nos aproximar da comida, como duas bichas que encontravam, no feminino, não apenas uma identificação, mas também uma possibilidade de afastamento do ideal de macho que nos era exigido. Construindo sensibilidades com nossas mães e outras cuidadoras, observamos suas mãos, circulamos pelos espaços em que trabalhavam, ajudamos em algumas tarefas, repetimos atos, nos conectamos com intenções e afetos que, pouco a pouco, se estabeleceram em nossas subjetividades, nossos corpos. Nossa intimidade com a cozinha não provinha de uma feminilidade natural, ela havia sido construída por aproximações, identificações e repetições.

Éramos só dois diante da churrasqueira, mas o que cada um sabia fazer ali vinha de outras cozinhas. O que havíamos aprendido com nossas mães e cuidadoras,

em meio ao trabalho diário de alimentar outras pessoas, era também o que nos permitia receber amigos e preparar uma tarde juntos. Aqueles saberes chegavam à garagem sem trazer consigo a obrigação de que fossem as mulheres a cozinhar ou de que fosse um homem a cuidar do fogo. Podíamos nos valer do que aprendemos nessas relações sem ter de ocupar os mesmos lugares em que havíamos aprendido.

Após as bichas tentarem tantas formas de dar conta da churrasqueira sem atenderem ao ideal de macho, finalmente o fogo ficou. Se descobrimos a chave para acessar aquele campo de saber, não sei dizer qual foi. O fogo continuou vacilando, ora quente demais, ora quase apagando, mas funcionou, a carne assou, mesmo que não fôssemos nós que decidíamos se ela sairia malpassada ou bem-passada, macia ou levemente borrachuda.

Fomos aproveitando da comida, da cerveja, dos petiscos e dos acompanhamentos ao som das nossas músicas preferidas do momento. O som nos ajudava a dar o clima do que queríamos vivenciar naquela tarde de sol. As músicas eram quentes, mesmo que leves, falavam sobre toque, desejo, paixão, cheiros, saudade, amor. O ritmo mais alegre e levemente dançante ajudava a manter e a sustentar nosso ânimo.

Enquanto aproveitávamos a companhia um do outro, brincando, conversando, fofocando, debatendo e até se estranhando às vezes, várias idas e vindas à cozinha se faziam necessárias para buscar um utensílio ou outro, repor os acompanhamentos e os petiscos, buscar mais cerveja ou fazer a caipirinha em uma garrafa de metal para que continuasse gelada.

O caminho até a cozinha era estreito. Ao atravessarmos a porta que dava para dentro da casa, chegávamos à sala, com um sofá em frente, que precisava ser contornado para acessarmos o corredor pequeno e, logo em seguida, a cozinha. Entre o sofá da sala e a porta que dava para a garagem, dificilmente cabiam duas pessoas. Nas primeiras idas, quando nos encontrávamos nesse caminho, encolhíamos o corpo, pedíamos licença e tentávamos não derrubar o que carregávamos. Ainda assim, por acidente, braços se tocavam, uma mão encontrava uma cintura e um peito roçava brevemente as costas do outro. Encontros e contatos que, de pouco em pouco, foram

se tornando cada vez mais propositais. As esbarradas que aconteciam acidentalmente foram se tornando intencionais.

Passamos a fabricar alguns “acidentes”. Fingindo tropeços e deslizes que nos levassem a trocar olhares, carinhos, toques, apertos e fungadas no cangote. Demorávamos um pouco mais para dar passagem, aproveitávamos o desequilíbrio para segurar o outro e inventávamos pequenos obstáculos que terminavam em flertes, apalpadas, provocadas e beijos no pescoço.

Em algum momento, nesse trajeto até a cozinha, a tensão sexual que vinha crescendo entre esses dois corpos se rompeu. O beijo no pescoço se tornou uma leve mordida; o braço que abraçava e soltava, prendeu; a mão que apalpava, agarrou.

Eu e M.A. começamos a nos beijar, nos apertar e nos esfregar um no outro. O corpo aquecia, a intensidade foi crescendo até que se rompeu o equilíbrio e caímos sobre o sofá. O beijo que era sobre bocas se tornou de corpo inteiro, as roupas foram caindo pelo chão e a música passou a dar o ritmo de nossos movimentos.

Sutilmente, os componentes dessa cena foram assumindo outras posições, tendo outras funções nesse acontecimento, produzindo outras conexões que permitiam enredos distintos.

A música já não preenchia somente o silêncio. Suas letras davam outros sentidos aos gestos, enquanto a cadência prolongava um toque, apressava uma aproximação e fazia nossos corpos encontrarem certa sincronia. Não era apenas uma trilha sonora colocada sobre a cena ou à parte dela; ela compunha e dava outras capacidades aos nossos corpos.

Além de nos refrescarem e embriagarem, as bebidas permitiam que os afetos circulassem de outras maneiras. A conversa ficava mais solta, as gargalhadas, mais demoradas e as provocações, menos disfarçadas ao mesmo tempo que nos colocou repetidamente nas idas e vindas à cozinha. Certos medos se diluíam no álcool em nossas veias; certas vontades encontravam menos obstáculos para se tornarem gestos.

O sofá, que poderia ser visto apenas como um móvel maldisposto na sala, obrigava nossos corpos a negociar a passagem. Aquilo que dificultava o caminho passou a facilitar os encontros. Ele estreitava o espaço, interrompia trajetos e produzia desvios. Mais tarde, ofereceria sua superfície para outra forma de contato.

A garagem, por sua vez, começava a adquirir outra função. Aberta para uma rua pouco movimentada, ela nos mantinha expostos. Nossos corpos se tensionando sexualmente permaneciam ao alcance do olhar alheio. Havia outro sofá na sala, protegido pela parede que a separava da garagem, mas não foi ele que entrou nessa composição. Caímos justamente sobre aquele que podia ser visto da rua. Não era necessário que alguém efetivamente nos observasse. A simples possibilidade desse olhar já participava da cena, produzindo, simultaneamente, receio, excitação e prazer naquilo que fazíamos.

Música, álcool, corredor, sofá, rua e corpos não agiam separadamente. Cada elemento interferia e propiciava a operação dos demais, favorecendo algumas aproximações, interrompendo certas reservas e abrindo passagem para que outros gestos pudessem existir. O desejo que surgia entre nós não pertencia inteiramente a nenhum dos dois. Era produzido pelas conexões que, naquele momento, começavam a funcionar.

O desejo que permeia a cena não se origina em mim nem em M.A., ele não é um ímpeto de uma interioridade de nossos corpos destinado a compensar uma falta ontológica que nos compõe. Ele se dá pelas conexões estabelecidas entre vários elementos e, ao mesmo tempo, as produz. Aquilo que se efetivava entre nós dependia também da música, da bebida, do espaço estreito, do sofá e da possibilidade de um olhar vindo da rua. Nenhum desses elementos funcionava sozinho. Era o modo como se ligavam que fazia o desejo circular, sofrer cortes e assumir novas direções.

É para pensar composições como essa que Deleuze e Guattari apresentam, em *O anti-Édipo*[86], as máquinas desejantes. Para eles, o que há por toda a parte são máquinas com seus efeitos, fluxos, conexões, cortes e acoplamentos. Não há metáforas[87]. O sol emitia um fluxo de calor que se conectava a um maquinário urbano

[86] Deleuze; Guattari, 2010.
[87] Idem, p.11.

constituído por asfalto, concreto e pouca arborização, fabricando a necessidade de se refrescar. Essa necessidade se conectou a uma máquina cultural que gerou o churrasco e a cerveja como possibilidade de resposta ao calor.

Não se trata, portanto, de um mecanismo fechado, constituído por peças estáveis e dotado de uma finalidade previamente determinada. Uma máquina existe em conexão; produz um fluxo; recebe aquilo que outra produz; efetua cortes; e estabelece novos acessos. Não opera só por sincronia ou harmonia, seus fluxos se interrompem, desviam, se excedem e se desarranjam.

O desejo não antecede nem sucede o funcionamento da máquina, já que "Só há desejo agenciado ou maquinado"[88]. Nessa composição, o desejo não pertencia exclusivamente a nós. Ele passava entre os corpos e, enquanto os atravessava, era produzido a cada conexão e modificado por cada corte. Não era possível separar, com precisão, quem desejava, aquilo que provocava o desejo e o objeto para o qual ele supostamente se dirigia. Desejar já era produzir uma relação e, simultaneamente, ser produzido por ela.

As "pequenas máquinas"[89] que compunham eu e M.A. produziam esforços para interromper o fluxo proveniente do fluxo maquínico da cisheterosexualidade. Nossa dificuldade diante de determinadas práticas, como acender o fogo e fazer um churrasco de qualidade, não provinha da ausência de alguma capacidade natural, mas dos gestos que havíamos aprendido a repetir, dos espaços pelos quais fomos autorizados a circular e das identificações que constituíram nossos corpos. O "hetero" do qual fazíamos piada poderia fazê-lo mais ~~naturalmente~~ por fazer parte da performatividade que os mantêm como "homens". Nós, por outro lado, havíamos estabelecido maior intimidade com práticas, sensibilidades e formas de cuidado relegadas ao feminino.

A bebida, o caminho estreito e a posição do sofá permitiam que nossos corpos se conectassem repetidamente de formas inusitadas, o que possibilitou outras interações, afetos e prazeres. Em alguma medida, o álcool também interrompia o fluxo de vergonha, de culpa e de receio produzido pela máquina social, viabilizando um

[88] Deleuze; Parnet, 1998, p. 77
[89] Deleuze; Guattari, 2010, p. 11.

corte ao medo do olhar de julgamento do outro e a conexão à excitação pela infração de uma regra social.

A música se acoplou aos nossos corpos, os fez atuarem de uma forma completamente nova, que, em outro momento, outra música ou sob outra temperatura ambiente, produziria efeitos distintos. A boca só pôde beijar quando se interrompia o fluxo que a permitia falar, comer ou beber. O contato com o sofá permitiu a esses corpos já acoplados fazerem conexões e desconexões múltiplas e singulares.

Já com as roupas pelo chão, M.A., que me beijava de forma intensa, passou a explorar meu corpo e sua boca a caminhar por mim. Eu sentia seus lábios onde eles queriam sentir a maciez da pele e o calor do corpo. Seus dentes se prendiam onde podiam encontrar maciez e resistência à sua força, mirava as áreas que mais facilmente provocavam algum espasmo. Minhas mãos procuravam o toque. Queriam se agarrar a qualquer parte do corpo dele que estivesse ao alcance: ora o pescoço, ora a barriga, o ombro ou o tornozelo. Queriam se conectar a ele, mas sem interromper sua ação.

Em sua exploração, M.A. desfrutava do que estava a sua disposição, aproveitava que o sofá oferecia apoio ao peso do meu corpo, permitindo que ele experimentasse outros ângulos e imprimisse força e pressão. Em algum momento, ele afastou a boca dele do meu corpo e estendeu a mão para o lado do sofá. Ali estava a garrafa de metal em que havíamos preparado a caipirinha. O gelo mantinha sua superfície fria e coberta por uma fina camada de água. Pensei que ele fosse beber, mas sua mão retornou trazendo a garrafa fechada.

O metal encostou em minha barriga. Meu corpo se contraiu antes que eu pudesse compreender o gesto. O susto afastou minha pele da garrafa, mas a mão de M.A. continuou próxima, seus olhos esperando para descobrir se aquela reação recusava ou solicitava outro contato. Um prazer se inventou. Não foi imaginado, pensado ou aprendido, se deu na disposição singular das várias peças interconectadas.

Quando meu corpo voltou a se oferecer, M.A. tocou novamente o mesmo lugar. Dessa vez, demorou-se um pouco mais, passou a percorrer meu corpo com a garrafa.

O metal encontrava a pele aquecida pelos toques e movimentos e logo era retirado. Tocava minha barriga, afastava-se; alcançava minhas costelas, permanecia; deslizava pelo quadril e desaparecia novamente. Eu nunca sabia onde o frio me encontraria. A cada interrupção, meu corpo permanecia à espera da próxima conexão.

A garrafa ainda continha a bebida, mas já não servia somente para conservá-la gelada, ou melhor, o conteúdo, que produzia outros efeitos em nós, já não importava mais. O álcool, a bebida refrescante, passou a se conectar a nós por outra via, o que importava, agora, era o quanto ela conseguia manter o metal resfriado. A mão que antes a inclinava sobre nossos copos agora controlava sua pressão contra a pele, sua velocidade e o tempo de cada contato. Seu metal recebia o frio do gelo, interrompia o calor do meu corpo e produzia uma sensação que nenhum desses elementos poderia produzir separadamente.

À medida que damos atenção às múltiplas conexões existentes, mais difícil fica centralizarmos o prazer. Ele não partia de um órgão específico nem se dirigia a um objeto determinado. As terminações nervosas existentes captam um estímulo, um sinal, reconhecem um encontro, mas “o prazer não vem do corpo”[90], ele se torna real a partir das inúmeras conexões existentes entre as máquinas. O prazer deslocava-se entre o frio e a pele, entre a mão que conduzia a garrafa e as regiões do corpo que reagiam à sua passagem, entre o possível olhar do outro e a submissão de meu corpo à vontade de M.A., entre o calor produzido pelo sol, a cidade de concreto e o intenso movimento dos corpos com a tecnologia do metal, da garrafa, do gelo.

O prazer que sentia já não se concentrava nos lugares previamente reconhecidos como sexuais. A barriga se contraía; as costelas se ofereciam ao frio; o osso do quadril recebia a pressão; os poros se abriam diante da diferença de temperatura. A boca de M.A., sua mão, o metal, o gelo e essas regiões de meu corpo formavam circuitos provisórios.

As partes não eram resíduos de uma unidade perdida, mas elementos capazes de estabelecer relações próprias e provisórias. A boca que antes falava, bebia e beijava podia, agora, produzir arrepios, mordidas e lambidas. A mão que acendia o

[90] Preciado, 2014, p. 207.

fogo, cozinhava, carregava vasilhas e utensílios passava a apertar o corpo e a conduzir a garrafa sobre a pele. Meu tórax e abdômen mantinham todas as suas atividades internas, mas agora agregavam funções sexuais. Cada parte parecia existir menos pelo lugar que ocupava em um corpo inteiro do que pelas conexões que conseguia estabelecer naquele instante.

Ao estudar as primeiras relações da criança, Melanie Klein formulou o conceito de *objetos parciais*. Com ele, descreveu relações que ainda não se organizavam em torno da apreensão de pessoas como integrais ou totais. A boca se relacionava com o seio, os olhos, com aquilo que encontravam ao redor, as mãos, com o que podiam alcançar. Tal conceito nos permite perceber uma multiplicidade de relações que não depende, de início, da apreensão de pessoas como totalidades.[91]

Para Deleuze e Guattari, entretanto, Klein não leva esse entendimento até suas últimas consequências. Em sua leitura, os objetos parciais voltam a ser compreendidos em direção às figuras inteiras da mãe e do pai, como se a multiplicidade inicialmente encontrada devesse adquirir nelas um sentido ou finalidade. É essa recondução das relações parciais às pessoas e à família que os autores criticam: o desejo passa a ser interpretado pelo complexo de Édipo.

Ao se apropriarem do conceito de Klein, Deleuze e Guattari se recusam a atribuir aos objetos parciais ou ao funcionamento do desejo tal destino. Para eles, o caráter parcial desses objetos não corresponde a uma etapa incompleta do desenvolvimento que deveria ser superada quando a criança passasse a reconhecer a mãe e o pai como pessoas inteiras. Os objetos, assim, não remetem a uma "unidade perdida ou totalidade por vir"[92]. É justamente por não precisarem completar um todo que podem entrar em outras conexões e participar da produção maquínica do desejo.

Ser parcial, portanto, não é ser uma parcela insuficiente de alguma coisa. É poder entrar em uma conexão sem depender de uma totalidade que determine, antecipadamente, seu sentido, seu lugar ou sua função. Uma boca não é apenas parte de um rosto, uma mão não é apenas parte de uma pessoa e uma região da pele não precisa receber sua sexualidade de um órgão genital. Cada uma pode funcionar como

[91] Prado, 2021.
[92] Deleuze; Guattari, 2010, p. 429.

peça de diferentes máquinas, produzindo um fluxo em determinada conexão e interrompendo-o em outra.

A garrafa também não participou daquela experiência como uma totalidade encerrada em sua identidade de recipiente. Algo nela se desprendia dessa função: o metal, a temperatura, a superfície molhada, o peso suportado pela mão. Não era necessário destruí-la fisicamente ou separá-la em pedaços. Bastava que algumas de suas propriedades entrassem em novas conexões. O metal recebia o frio criado pelo gelo e o transmitia à pele; a pele reagia ao contato, produzindo contração, arrepio e prazer; essas reações chegavam à mão de M.A. e orientavam seu movimento seguinte.

Desse modo, não era a garrafa inteira que transava comigo, assim como não era a totalidade de M.A. que agia sobre a totalidade de meu corpo. Transavam o metal e a barriga, a mão e o peso, a água condensada e os poros, a expectativa e a interrupção. Cada ligação produzia alguma coisa e abria a possibilidade de outra. Então, pensar essas partes como objetos parciais nos permite acompanhar suas conexões sem prendê-las a uma unidade ou a uma função definitiva.

Naquela composição, também meu corpo deixava de aparecer como unidade organizada por órgãos e funções estáveis. A barriga, as costelas, o quadril e os poros não eram partes secundárias de um sexo cujo centro verdadeiro estaria na genitália. Tornavam-se peças ativas da produção desejante, conectando-se ao metal, ao frio e à mão de M.A. para fazer passar sensações que antes não existiam daquela maneira.

As múltiplas conexões que se inventavam na cena não se resumiam a mim e a M.A. nem a nossas identidades, sexualidades ou nomes. Mesmo que, naquele momento, nos identificássemos como gays, o desejo não fluía simplesmente de uma masculinidade para outra masculinidade nem se dirigia àquilo que fazia M.A. ser reconhecido ou reconhecer a si mesmo como homem; passava também por pele, garrafa, calor e frio, controle e submissão. Se algum componente da masculinidade participava daquela interação, ele entrava em relação com esses outros elementos, sem determinar sozinho o que desejávamos, era mais um fluxo entre tantos outros. Do mesmo modo, quando o desejo está vinculado a figuras de mãe, pai e filho, em um processo de funcionamento edípico, isso não quer dizer que é porque é assim que

o desejo se forma ou se orienta, mas sim porque ele está conectado a uma máquina-família.

Ao se usar a garrafa repetidas vezes, ela foi perdendo sua capacidade de resfriar, a pele respondia cada vez menos ao seu estímulo, mas nossos corpos ainda estavam dispostos e disponíveis a continuar aquele fluxo. M.A., que estava ajoelhado ao lado do sofá, então, se levantou e foi até a cozinha. Não sabia o que esperar desse movimento, permaneci na mesma posição até que ele voltasse para, a partir daí, descobrirmos o que se daria em seguida.

A mão de M.A., ainda úmida pela condensação da garrafa, foi procurar algo que pudesse substituí-la, e trouxe a bandeja de gelo que estava no congelador. Ambos queríamos aproveitar mais a descoberta que se deu nesse contato e o quão abertos estávamos à essa experiência.

O gelo, mesmo que mantivesse a função da garrafa de resfriar a pele, já possuía outras características. Ele voltou a produzir uma reação tão intensa quanto a garrafa nos seus primeiros contatos, mas seus efeitos já não podiam ser interrompidos a bel-prazer. O controle de M.A. sobre o estímulo produzido se diluía à medida que o gelo, em contato com a pele quente, rapidamente derretia.

A água produzida não permanecia no ponto de contato escolhido por M.A., fluía, ganhava território, escorria pelas minhas costelas, pela minha barriga, pelo meu pescoço e até chegava às minhas costas, que, até então, não estavam ativamente nesse encontro. O gelo escapulia de seus dedos e abria um caminho de água por onde meus poros se dilatavam e meus pelos se ouriçavam.

Em algum momento, decidimos subir as escadas para o quarto de M.A.. A cama de casal, espaçosa, poderia nos oferecer outra gama de possibilidades. Interrompemos o contato para que pudéssemos nos acessar de outro lugar. Levamos conosco a bandeja e o que ainda restava do gelo. A garrafa, a música e o possível olhar do outro, que compunham aquele prazer, saíram de cena.

Já no quarto, M.A. ausentou-se novamente por um instante. Eu olhava para o que restava do gelo na bandeja ao lado da cama enquanto ele lentamente derretia. M.A. voltou ao quarto com as minhas cordas de algodão, há muito tempo compradas,

porém pouquíssimo utilizadas. Ele me colocou de bruços na cama, estendeu minhas pernas em direção às extremidades da cama e começou a amarrar meus tornozelos aos pés da cama.

Ele andou, secretamente, treinando. Seus nós eram precisos; a pressão era muito bem ajustada sem que precisasse de uma confirmação constante a cada movimento. O algodão permitia uma pressão intensa sem queimar ou ferir a pele. Após meus pés estarem fixados à cama, M.A. passou a amarrar meus punhos um ao outro e os dispôs atrás da minha nuca. Então, inclinou-se sobre mim, aproximou a boca do meu ouvido e sussurrou:

— A palavra-chave é vermelho.

A existência de uma palavra-chave instaura um contrato entre nós. O sexo que supostamente deveria funcionar antes da cultura, obedecendo ao instinto e à reprodução da espécie, revelava-se atravessado pela palavra, se torna negociável e revogável.

A linguagem, entretanto, não invadia, naquele instante, um sexo que até então permanecera natural. Era a própria suposição de um sexo anterior à linguagem que começava a se desfazer. Se as tecnologias sexuais recortam os corpos, atribuem funções aos órgãos e fazem essas operações parecerem naturais, nosso acordo não introduzia artificialidade em que antes havia natureza: tornava perceptível o caráter já técnico, regulado e produzido de qualquer prática sexual.[93]

A mera existência desse contrato poderia ser tomada como indício de uma deturpação ou corrupção da natureza; poderia ser encarada como pertencente a práticas perversas ou promíscuas. No entanto, o mais interessante de se compreender dessa prática, não é que ela inventa algo que não existia antes, mas que ela dá outro caminho ao movimento que já existia anteriormente.

O contrato em si não era uma novidade; estava no fato de suas condições serem enunciadas e reconhecidas por nós. Não criávamos a dimensão contratual do sexo; modificávamos suas cláusulas, seus participantes e suas formas de

[93] Preciado, 2014; Decarli, 2025.

funcionamento. Diferentemente dos contratos naturalizados que nos haviam sido impostos, aquele acordo assumia, como um de seus componentes centrais, o consentimento.

Mesmo antes de nascermos, vários contratos são estabelecidos, à nossa revelia, determinando o que devemos ser, como devemos nos comportar, nos expressar e quais espaços devemos ocupar. Responder à pergunta “é menino ou é menina?” nos torna passíveis de sermos reconhecidos como humanos ou ter o corpo socialmente inteligível.[94] A categoria do humano estabelece inúmeras cláusulas às quais devemos obedecer, como também estipula uma gama de punições para suas infrações. Ao determinar quais corpos podem ser reconhecidos, essa ordem também produz suas margens: os corpos cuja existência será tratada como desvio, erro, ameaça, impossibilidade ou até monstruosidade.

Há contratos por toda parte: como um filho deve se portar diante do pai; como uma mãe deve criar seus filhos; como a família deve corrigir os desvios de seus filhos; como uma mulher deve se portar e a que se submeter; como o homem deve se expressar ou dominar; como o sexo deve ser feito e compreendido. Eles distribuem autoridade e obediência, definem quais afetos podem circular e determinam quem deve cuidar, prover, desejar, penetrar ou se deixar penetrar. São contratos que nos exigem submissão e sobre cuja composição não temos qualquer autoria.

Embora raramente sejam pronunciadas, suas cláusulas ganham materialidade nos gestos que se repetem, nas correções sofridas, nos prazeres autorizados e nas punições reservadas a quem ocupa uma posição indevida. Uma de suas principais forças depende justamente de não parecerem contratos. Quanto mais eficazmente operam, mais facilmente se confundem com personalidade, instinto, anatomia ou destino.

M.A., ao contratualizar nossa interação, não produzia algo que simplesmente não existia. Nossos corpos, nossos contatos, nossos afetos e nosso relacionamento já estavam entremeados por incontáveis contratos sociais; o que se estabelecia, naquele momento, era a intenção e a possibilidade de operar segundo outras regras,

[94] Butler, 2015.

de ocupar outro espaço nesse vínculo e de criar outra dinâmica entre nossos corpos, tudo isso de forma provisória.

— A palavra-chave é vermelho.

Sendo assim, tal contrato firmado entre nós possui um caráter contrassexual, pois ele rompe com a dimensão naturalizada do sexo. O que está em jogo não é a posição social que ocupamos como homem ou mulher, nem as funções atribuídas a nossa genitália, tampouco a reprodução da espécie. Em vez de aceitar essas atribuições como consequências de uma anatomia, a contrassexualidade de Preciado reconhece os corpos como participantes da produção e transformação das regras pelas quais se relacionam.[95]

A palavra de segurança não simplesmente estabelecia um limite para M.A., conferia ao meu corpo uma forma particular de agir dentro da própria imobilidade. Mesmo com os braços e as pernas presos, eu conservava a capacidade de interromper o funcionamento daquela composição. “Vermelho” mantinha o contrato aberto, sujeito a uma revisão imediata e capaz de suspender tudo o que havia sido combinado. O consentimento não era concedido de uma vez por todas. Permanecia ativo porque podia ser retirado.

A condição provisória daquele acordo era tão importante quanto sua explicitação. Eu não me tornava definitivamente submisso, assim como M.A. não descobria em si uma dominância que sempre lhe pertencera. Essas posições existiam enquanto fossem produzidas pelos nós, pela disposição dos corpos, pela modulação de sua voz, por meus gestos de aceitação e pela palavra que poderia fazer tudo cessar.

Após sussurrar em meu ouvido, M.A. permaneceu ali por alguns segundos. Sua respiração ainda chegava quente ao meu rosto, mas alguma coisa começava a mudar no modo como ele ocupava a cama. Seus movimentos perderam a hesitação, sua postura e seus músculos se enrijeceram. Sua voz se tornava mais grave à medida

[95] Preciado, 2014.

que as palavras proferidas por ele deixavam de ser sugestões, brincadeiras, provocações e passavam a ser ordens.

A bicha afeminada das unhas pintadas que usa salto, brinco, maquiagem, batom e cílios postiços que era M.A. passa a dar lugar a um macho viril, de corpo rígido, que me bate, manda, domina e toma. O ideal de macho “que consome, só come e some, homem que só come, fodeu e some”[96] que nunca suportamos aparece ali em uma outra posição; com todo o seu poder, mas, ao mesmo tempo, refém de uma única palavra de quem ele subjuga.

O caráter contrassexual dessa relação não estava em simplesmente inverter os lugares esperados, como se uma bicha feminina passasse a representar o homem enquanto a outra ocupasse o lugar reservado à mulher. A simples inversão conservaria intactas as posições hetero-centradas das relações naturalizadas. O que fazíamos era experimentar a possibilidade de construí-las sem permitir que a anatomia decidisse antecipadamente quem poderia comandar, ceder, penetrar ou ser penetrado. M.A. não dominava porque era homem; naquela composição, tornava-se dominante porque uma série de gestos, objetos, palavras e respostas produzia essa posição.

A agressão, nesse contexto contrassexual, contratual e consentido, não produz opressão, mas prazer. Talvez umas das interfaces desse prazer seja, justamente, conseguir colocar algo que tanto nos produziu dor, a serviço do prazer. Esse macho não existia dentro de M.A., ele se dá na performance. Não é simples encenação, mentira ou faz de conta, ele se constrói exatamente como toda masculinidade é produzida, na performatividade.

O macho que M.A. fazia aparecer naquela cama não começava ali. Sua voz, sua postura e a autoridade que aqueles gestos faziam reconhecer tinham uma história que passava pela escola, pela família e por inúmeras outras instâncias. Naquela cena, porém, ocupar esse lugar não dava a M.A. o direito de decidir sozinho até onde ir. Algo daquilo que aprendi a temer pôde participar da produção de prazer porque

[96] MULHER, 2016, Composta por Linn da Quebrada.

mudaram as relações que lhe davam força: o seu poder dependia de um acordo que mantinha aberta a possibilidade de interrompê-lo.

Me utilizo do sexo porque é entre quatro paredes que tantas vezes imaginamos estar a sós com o que sentimos, que vivemos o que é mais pessoal. A cena me permite acompanhar, nesse terreno que costumamos chamar de privado, uma questão que atravessa também as relações fora do quarto: o que podemos fazer com aquilo que fizeram de nós? Se aprendemos, em meio a tantas relações, a ocupar certos lugares e a esperar certas coisas uns dos outros, é também nas relações que esses lugares podem mudar de função. É nesse sentido que falo em resistência: uma relação de dominação pode entrar em outra composição e produzir efeitos diferentes dos que aprendemos a esperar ou costumamos sentir.

A cena ilustra essa possibilidade, mas tem os seus limites. Um deles está nas condições de classe em que aconteceu. Podíamos ficar na garagem, ao alcance do olhar da rua, ou subir para o quarto e continuar sem precisar negociar o uso da casa com outras pessoas. O apoio dos pais de M.A., que custeavam sua moradia, participava dessa margem de escolha mesmo sem que eles estivessem ali. Em outras condições, o encontro poderia tomar outra forma ou nem chegar a acontecer daquele modo. Outras relações, com outros espaços e recursos, também poderiam produzir coisas que aquela casa e aquele encontro não permitiam. O que essa cena deixa ver é uma maneira situada de fazer outra coisa com o que fizeram de nós.

As formas de relação que parecem naturais contam com práticas e instituições que as ensinam, investem em sua continuidade e dificultam outras maneiras de estar juntos. As que contrariam essa ordem também precisam de relações que as sustentem para ganhar continuidade. É nesse sentido que uma experiência pode contaminar outra: um modo de escutar, de tocar ou de combinar o que faremos juntos pode alterar o que passamos a esperar de um encontro, seja sexual ou não. O que pode ganhar passagem em outras relações é a possibilidade de ocupar de outro modo lugares que já pareciam decididos.

Esses lugares se tornam reconhecíveis por coisas tão concretas quanto um jeito de pôr a voz, de sustentar a postura, de ocupar o espaço. Foi com alguns desses recursos que M.A. fez aparecer aquele macho. As performances de drag queens e

drag kings tornam visível essa fabricação. Eles não imitam as mulheres e os homens, respectivamente, e sim exacerbam os meios e os mecanismos que os fabricam e os tornam reconhecidos como tais. Escancaram que a tecnologia não é algo que está para além de nossos corpos nem opera sobre um corpo que já existe.

As drags se utilizam de múltiplas próteses na sua transformação, de peito, de quadril, de cílios, de cabelo, de unha. M.A. engrossa a voz, seus músculos se enrijecem, a mão que acariciava passa a bater. A prótese para Preciado é uma tecnologia que se incorpora, modifica seus limites e participa da fabricação do corpo, inclusive material.[97]

As cordas, ao me prenderem, me possibilitam me recolocar no mundo. Restringem meus movimentos, mas fazem com que, ao lidar com a pressão, com a câimbra e a falta de apoio, eu possa adotar outras posturas, física e subjetivamente. Elas criam um corpo que acessa o prazer de outras formas, com outras intensidades.

De joelhos atrás de mim, M.A. puxou meus pulsos pelas cordas e fez meu corpo se curvar. A tensão deslocou meus ombros, arqueou minhas costas e ofereceu meu corpo à posição que ele queria produzir. A respiração perdia o ritmo. Outro puxão. Outro golpe. O prazer não diminuía com o limite; crescia contra ele.

Ele sabia o que eu queria. Ainda assim, recusou-se a me oferecer aquilo que meu corpo parecia pedir.

— Você quer? Então implora.

Implorei. Implorei para que me penetrasse.

Foi ao implorar que seu pênis se transformou em dildo.

A transformação não aconteceu na aparência do órgão. Nada havia mudado em sua forma, tamanho ou composição. O que se alterava era seu funcionamento naquela relação. A anatomia de M.A. não bastava para determinar antecipadamente o que aquela parte de seu corpo faria, qual posição ocuparia ou que prazer produziria.

---

[97] Decarli, 2025.

Foi preciso uma composição entre sua ordem, minha súplica, a posição dos corpos e o contrato que sustentava aquela assimetria. O dildo não estava simplesmente pronto entre suas pernas; começava a existir na relação que fabricávamos.

Comumente, a palavra *dildo*, de origem inglesa, costuma designar um objeto fálico utilizado sexualmente, sobretudo para estimulação ou penetração. Em português, é frequentemente substituída por “vibrador” ou “consolo”. Nenhuma dessas palavras, entretanto, corresponde inteiramente ao objeto. Nem todo dildo vibra, e “consolo”, por sua vez, aponta uma suposta falta feminina que só encontra sua completude na genitália masculina e que tal objeto, ao ocupar provisoriamente o lugar de pênis, serviria de consolo, marcando a genitália “masculina” como modelo original e completo.

Preciado retira o dildo desse lugar secundário. Em vez de compreendê-lo como uma cópia imperfeita do pênis ou como um instrumento destinado a compensar sua ausência, transforma-o num operador capaz de questionar a própria divisão entre original e imitação. À primeira vista, o dildo parece vir depois do pênis: observaria sua forma, reproduziria suas características e procuraria substituí-lo. Entretanto, sua existência permite perceber que aquilo que reconhecemos como pênis sexual também depende de uma série de expectativas, técnicas e funções que não estão simplesmente dadas pela anatomia.[98]

É nesse sentido que, para Preciado, o dildo precede o pênis. Não se trata de uma anterioridade histórica, mas política e conceitual. O dildo torna visível o conjunto de operações que faz do pênis o centro supostamente natural do sexo: atribui-se a ele a capacidade de penetrar, organizar o prazer, distinguir atividade e passividade e sustentar a diferença entre os corpos reconhecidos como masculinos e femininos e, por consequência, legitimar as diferenças hierárquicas entre os dois. O dildo separa essas capacidades do órgão ao qual foram consideradas naturalmente pertencentes. Elas podem ser transferidas, redistribuídas e produzidas por outros objetos, órgãos e regiões corporais.

[98] Preciado, 2014.

Nossa simbolização do pênis como órgão sexual, como objeto de prazer e desejo, como zona erógena e central no sexo e na reprodução da espécie só existe em decorrência do dildo. O pênis, com efeito, tenta a todo tempo ser o dildo – sempre ereto, sempre pronto para dar prazer, sempre funcional e nunca disfuncional – e falha miseravelmente.[99] O dildo expõe essa falha não para apresentar um objeto mais perfeito, mas para mostrar que o original nunca possuiu a naturalidade que reivindicava. Se o pênis precisa perseguir um ideal de rigidez, potência e funcionalidade, ele também é produzido por tecnologias, expectativas e repetições. Aquilo que parecia natureza já funcionava como prótese.

Naquela cama, portanto, não era suficiente que M.A. tivesse um pênis para que ele funcionasse como dildo. Sua função foi produzida entre nós. Minha súplica não apenas comunicava que eu desejava ser penetrado: participava da transformação daquela parte de seu corpo. Ao implorar, eu não entregava simplesmente meu desejo a M.A., colaborava para retirar seu pênis da evidência anatômica e inseri-lo em outra composição.

Corpos compostos de inúmeros dispositivos e tecnologias: braços mecânicos, implantes contraceptivos, fluidos artificiais para matar vírus naturais, compostos químicos para sermos adultos funcionais, celulares digitais que possibilitam encontros reais, vínculos reinventados por redes sociais. Nada está faltando, só não foi instalado. Não há ausência, só acoplamentos possíveis.

Transo com o possível olhar do outro. Transo com a garrafa que abre meus poros. Transo com o gelo que escapa e inventa caminhos. Transo com as cordas que me permitem me recolocar no mundo. Transo com a masculinidade refém. Transo com dildos, dildos-mãos, dildos-garrafa, dildos-gelo, dildos-corda, dildos-gênero, dildos-pênis. Dildos que sequestram o prazer de meus órgãos, a sexualidade de minha genitália, os limites de meu corpo.

O que resta é prótese.

---

[99] Preciado, 2014.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse último movimento de ampliar os capítulos, articular mais conceitos e acrescentar cenas, percebi quanto do meu esforço esteve voltado a pesquisar a escrita e as maneiras de produzir pensamento com ela. Como aproximar cenas, argumentos e conceitos para que aquilo que alguém formulou em outro lugar pudesse dizer também da nossa vida, do nosso cotidiano, das nossas relações, de uma ida à padaria para comprar pão às maneiras como transamos e sentimos prazer. Essa preocupação me acompanhou ao longo do trabalho, mas só agora consigo reconhecer que o esforço dedicado a ela constituiu também uma pesquisa. Sua presença nestas páginas não dá a dimensão de tudo o que precisei investigar para encontrar as maneiras de escrever que aqui experimento.

No primeiro capítulo, defendo outra escrita e argumento sobre a importância de pensar como escrevemos. A questão aparece ali sobretudo como uma preocupação que orienta a construção do trabalho, como uma preparação do terreno sobre o qual a pesquisa seria feita. Mas fui atrás dela: li, assisti a vídeos, ouvi *podcasts*, experimentei, discuti, participei de oficinas de escrita criativa e procurei compreender como diferentes maneiras de narrar e articular ideias poderiam produzir os efeitos que desejava. Essa investigação não ganhou um capítulo próprio, nem apresentei aqui uma discussão teórica que acompanhasse seu percurso. Ainda assim, ela participou da composição de toda a dissertação: desde a escolha das cenas e das formas de narrá-las até as maneiras de colocar os conceitos em relação com as experiências.

Percebo, agora, que a escrita foi também objeto de pesquisa ao mesmo tempo que pesquisar suas possibilidades modificava o trabalho que eu conseguia produzir. Escolher uma cena, demorar num gesto, retomar uma memória e encontrar uma forma de narrá-la são ações que participam da elaboração das questões que consigo fazer. Ao ampliar os capítulos, apareceram relações que antes passavam depressa demais e problemas que a primeira escrita ainda não me permitia perceber.

Queria que quem lesse pudesse acompanhar uma maneira de pensar e levá-la para outras situações. Queria que os conceitos se tornassem próximos o suficiente para participar de uma conversa, modificar uma pergunta, fazer estranhar uma prática conhecida. As narrativas foram uma maneira de trabalhar nessa aproximação: nelas, as ideias encontram gestos, espaços, objetos e relações que também as colocam à prova. Esperava que a cena desse tempo para que alguém, mesmo sem familiaridade com a psicologia, pudesse aproximar a questão do que já viveu. Imaginava essas narrativas circulando entre um professor tentando tornar a teoria mais acessível aos alunos, camaradas debatendo a conjuntura por outro ângulo ou amigos se questionando diante de um problema cotidiano.

Essa aposta na escrita diz também da atenção que procurei dar ao cotidiano. Se o corpo se constitui nas relações e nos gestos que se repetem, essas pequenas situações merecem demora. Uma brincadeira, uma divisão de tarefas, uma maneira de escutar ou de tocar podem participar da produção de formas de viver que aprendemos a reconhecer como naturais. Ao narrar, procurei tornar perceptíveis algumas dessas operações, para que pudéssemos perguntar como participamos da manutenção do que somos, quando e por quê. E como podemos trans-formar nossas relações, trans-figurar nossos corpos, trans-tornar o hegemônico que nos quer sempre os mesmos.

Talvez, a maior contribuição desta pesquisa esteja em ampliar o que conseguimos vislumbrar e experimentar com a escrita acadêmica. Sendo que isso já se deu antes desta versão final do trabalho, aconteceu ao longo dos anos, nas leituras compartilhadas, nos espaços de orientação coletiva e nas dissertações que acompanhei, algumas, de perto, outras, de maneira mais pontual. Reconheço, nas minhas contribuições aos textos dos outros, preocupações que também orientavam esta escrita: como aproximar uma ideia da experiência, acompanhar o que uma cena permite pensar e abrir espaço para questões que ainda não estavam formuladas. Ao mesmo tempo, aquelas leituras e conversas atuavam diretamente sobre meu corpo e este trabalho.

Percebo, ademais, que minha contribuição teórica está na maneira como li e compus as referências que me acompanharam, nos lugares que dei aos conceitos, em como os encadeei e nas questões para as quais os direcionei. Ao trazê-los para

as narrativas, estive a produzir conexões que não estavam dadas e a fazer com que apontassem para problemas do corpo que não eram necessariamente aqueles que orientavam suas formulações. Minha leitura se faz nessas escolhas: no que retomo de cada autor, nas aproximações que proponho e no caminho que construo entre eles.

O que essas teorias me permitem dizer sobre o corpo passa, portanto, por esse trabalho de composição. Ao aproximá-las, encontro possibilidades que talvez não encontrasse acompanhando cada uma separadamente; ao fazê-las passar pelas narrativas, suas questões alcançam os detalhes das experiências e também se modificam nesse contato.

Ao se pretender falar sobre corpo e sua composição, segui as indicações de Butler, que, em seu livro *Problemas de gênero*, afirma: “Todo discurso que estabelece as fronteiras do corpo serve ao propósito de instaurar e naturalizar certos tabus concernentes aos limites, posturas e formas de troca apropriados, que definem o que constitui o corpo”[100]. Assim, este trabalho não estabelece e nem procura uma definição fechada de corpo, pois se encara a pergunta de Espinosa “O que pode um corpo?” como algo para estimular respostas, mas nunca na intenção de encerrar a pergunta. O corpo é amplo, seus limites não são fixos, uns se expandem, outros se contraem.

Os outros participam da constituição do nosso corpo, do que ele consegue fazer e das maneiras como sentimos, reagimos e nos reconhecemos. A pele é uma das superfícies por onde esse contato acontece. Há também palavras, olhares, práticas e espaços que nos põem em relação e participam do que um corpo pode fazer. Foi ao acompanhar essas relações que corpo e subjetividade ficaram tão próximos na pesquisa. Nas cenas narradas, mudanças nas possibilidades de um corpo vinham muitas vezes junto de mudanças no modo de sentir ou de se perceber. A pesquisa permitiu acompanhar essa proximidade, mas deixou em aberto até onde é possível distinguir um processo do outro.

Curioso que se tenha feito do corpo uma prisão e da alma uma prisioneira tão inocente. Parece que o corpo sempre fica com a culpa: deseja demais, desvia demais, compromete a suposta pureza da alma. Butler retoma de Foucault uma inversão que

[100] Butler, 2015, p. 226.

me interessa: “a alma é a prisão do corpo”[101]. Afinal, essa essência que, supostamente, nos habita exige uma obediência curiosa: os desejos precisam lhe corresponder, os gestos devem confirmá-la e as relações não podem contradizê-la. A natureza recebe o mérito de tudo que o corpo faz e se torna a autoridade que proíbe aquilo que ele ainda poderia fazer. Parece até que a alma está a serviço de certos interesses.

Manter aberta a pergunta pelo corpo é também questionar essas certezas, acompanhar como se fizeram e o que continuam exigindo de nós. Se algo se tornou parte da nossa maneira de viver, isso não encerra as possibilidades do que ainda pode se produzir nas relações que nos compõem. Seus limites se fazem também nos encontros, nos espaços que habitamos, nas tecnologias que incorporamos e nas formas pelas quais nos vinculamos ao mundo. Para uns, o corpo pode ser tão vasto quanto a terra, a água, o ar e a floresta[102]; para outros, tão limitado quanto a pele.

Quando escrevo “O que resta é prótese”, estou falando de um funcionamento. Uma garrafa, um dildo ou uma norma interessam pelo modo como entram numa relação e passam a compor o que um corpo pode sentir e fazer. A garrafa continuava sendo a mesma que havíamos usado para servir a bebida. Entre o frio do metal, a mão que a conduzia e a pele que reagia ao toque, ela passou a fazer outra coisa. Produzia uma sensação e, com ela, outra maneira de nos tocarmos.

Uma norma também pode participar da produção de um corpo, por vias e com efeitos muito diferentes. A cisnormatividade se faz corpo por meio de vereditos, práticas de educação e formas de reconhecimento que dão força a certos gestos e tornam outros difíceis de sustentar. O conceito de prótese me permite perguntar como cada composição se faz, por quais relações se sustenta e o que torna possível ou impede. É nesse sentido que a prótese é também uma denúncia radical da ideia de natureza humana: ela expõe o trabalho que desaparece quando atribuímos à biologia, como destino, aquilo que os corpos aprenderam a fazer, a sentir ou a recusar. Se

[101] Butler, 2015, p. 234.
[102] Guajajara, 2026.

essas capacidades e esses limites precisaram ser produzidos, por que a natureza teria a última palavra sobre o que um corpo pode fazer?

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Marques Natan dos Santos. *“Agente fica mordido, não fica?”:* raiva, corpo e língua em crônicas para uma pesquisa (en)gendrada. Dissertação (Mestrado em Psicologia) — Universidade Federal de Sergipe, São Cristovão. No prelo.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (ANTRA). Nota técnica sobre a produção de dados de pessoas trans, travestis, não binárias e demais minorias de gênero. [S. l.]: ANTRA, 2024.

BÍBLIA. Português*. Bíblia Sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*: feminismo e subversão da identidade*.* 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

DECARLI, Letícia Conti. Incorporações protéticas em Paul B. Preciado: para acabar com a Natureza. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 33, n. 1, e91897, 2025. DOI: 10.1590/1806-9584-2025v33n191897.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo*: capitalismo e esquizofrenia 1. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva; Edusp, 1974.

ERIBON, Didier. *A sociedade como veredito*: classes, identidades, trajetórias. Tradução de Luzmara Curcino. Belo Horizonte: Âyiné, 2022.

ERIBON, Didier. *Datas de nascimento:* narrativas de si e a ontologia do presente. *In:* Revista Serrote, 19, mar. 2025.

FARIA, Eliene Lopes. *Jogo de corpo, corpo do jogo:* futebol e masculinidade*.* Cadernos de Campo, São Paulo, n. 18, p. 65-86, 6 nov. 2009.

FAVERO, Sofia. *Psicologia Suja.* 1. ed. Salvador: Devires, 2022.

FIALHO, Israel Oliveira. *Corpo-ocupação:* o estranho, a bicha, o ciborgue e o dildo. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) — Universidade Federal Fluminense, Volta Redonda, 2019.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder.* (3rd ed.). Graal, 1982.

FREIRE, Marcelino. *Da paz*. Portal Geledés, 17 de novembro de 2013. Disponível em: https://www.geledes.org.br/da-paz-de-marcelino-freire-por-naruna-costa/. Acesso em: 29 de jul. 2026.

GUAJAJARA, Sônia. Pra os povos indígenas, não existe separação entre meio ambiente e gente. [S. l.], 09 de setembro de 2026. Facebook: Sônia Guajajara. 1 vídeo. Disponível em: https://www.facebook.com/watch/?v=1601598048168746. Acesso em: 10 out. 2026.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação*: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRISTEVA, Julia. *Powers of Horror: An Essay on Abjection*. Tradução de Leon S. Roudiez. New York: Columbia University Press, 1982.

LINN DA QUEBRADA. Mulher. *YouTube*, 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-50hUUG1Ppo. Acesso em: 10 ago. 2025.

LINN DA QUEBRADA. *Mulher*. Intérprete: Linn da Quebrada. São Paulo: TravaBiz Records, 2016. 1 música (4 min 30 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-50hUUG1Ppo. Acesso em: 10 ago. 2025.

LOVECRAFT, Howard Phillips. *Histórias favoritas.* Barueri: Novo Século Editora, 2020.

MOMBAÇA, Jota. Não vão nos matar agora. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

O FAROL & A FORJA. O farol & a forja: summit, 2026. Disponível em: https://faroleforja.com.br/. Acesso em: 26 jul. 2026.

PRADO, Cezar. Máquinas, sínteses e crítica da psicanálise: o capítulo 1 d'O Anti-Édipo. *Cadernos PET-Filosofia*, Curitiba, v. 22, n. 1, p. 173–199, 2021. DOI: 10.5380/petfilo.v22i1.85891.

PRECIADO, Paul Beatriz. *Manifesto contrassexual*. São Paulo: N-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul Beatriz. *Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica.* São Paulo: N-1 edições, 2018.

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição:* notas para uma vida não cafetinada*.* 2. ed. São Paulo: N-1 edições, 2018. e-book. Disponível em: https://www.n-1edicoes.org. Acesso em: 10 ago. 2025.

ROSE, N. (2001). Inventando nossos eus. In T. Tadeu (Eds.), *Nunca fomos humanos: Nos rastros do sujeito* (1 ed., pp. 137-204). Autêntica.

SANT'ANNA, Alex. *Ileso*. Intérprete: Alex Sant'Anna. Aracaju: Banana Atômica, 2018. 1 música (3 min 58 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ol4wpDfWwHE&list=RDol4wpDfWwHE&start_radio=1. Acesso em: 10 ago. 2025.